



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

JOÃO VITOR KNOTH

**CONCEPTUALIZAÇÕES DE VIDA E DE MORTE EM NOTAS DE SUICÍDIO
ESCRITAS POR BRASILEIROS NO SÉCULO XXI**

Feira de Santana-BA
2024

JOÃO VITOR KNOTH

**CONCEPTUALIZAÇÕES DE VIDA E DE MORTE EM NOTAS DE SUICÍDIO ESCRITAS
POR BRASILEIROS NO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Feira de Santana-BA
2024

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Knoth, João Vitor
K78c Conceptualizações de vida e de morte em notas de suicídio escritas
por brasileiros no século XXI / João Vitor Knoth. - 2024.
125f.: il.

Orientador: Natival Almeida Simões Neto

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2024.

1. Linguística cognitiva. 2. Teoria da Metáfora Conceptual. 3.
Suicidologia. 4. Notas de suicídio. I. Simões Neto, Natival Almeida,
orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 801

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695

TERMO DE APROVAÇÃO

JOÃO VITOR KNOTH

CONCEPTUALIZAÇÕES DE VIDA E DE MORTE EM NOTAS DE SUICÍDIO ESCRITAS POR BRASILEIROS NO SÉCULO XXI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

BANCA EXAMINADORA

Natival Almeida Simões Neto

Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Orientador

[Assinatura]

Prof. Dr. Erik Fernando Miletta Martins
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Examinador Externo

[Assinatura]

Prof. Dr. Aurelina Ariadne Domingues Almeida
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Examinadora Externa

Huda da Silva Santiago

Profa. Dra. Huda da Silva Santiago
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Avaliadora Interna

[...]
Disseste que se tua voz
Tivesse força igual
À imensa dor que sentes
Teu grito acordaria
Não só a tua casa
Mas a vizinhança inteira

E há tempos nem os santos
Têm ao certo a medida da maldade
E há tempos são os jovens que adoecem
E há tempos o encanto está ausente
E há ferrugem nos sorrisos
Só o acaso estende os braços
A quem procura abrigo e proteção
[...]
Legião Urbana

AGRADECIMENTOS

A ciência se faz com muitas mãos.

Ainda que haja um nome principal em destaque na realização de uma dissertação, por trás dele existem vários outros nomes que o sustentam. Familiares, amigos, professores e parceiros compõem uma rede de apoio e suporte que nos possibilita transformar em pesquisa o que antes era apenas uma inquietação individual.

Grande parte dessa seção será dedicada ao meu orientador Nativel Simões Neto, que é, para mim, um exemplo de profissional e de pessoa. Ainda me lembro de quando estava na graduação, lendo meu livro introdutório sobre Linguística Cognitiva e você se interessou em conversar comigo sobre. Alguns dias depois me deu de presente dois livros da área que eu guardo até hoje e inclusive cito nessa dissertação. Naquela época, nem se passava pela minha cabeça que se tornaria meu orientador. Te admiro pelo olhar atencioso, pela empatia, pela sabedoria, pelo cuidado, pela pessoa esforçada, determinada e incrivelmente inteligente que é. Obrigado pela atenção que teve e tem comigo e com meu trabalho que, desde o começo, foi recebido de braços abertos. Sabíamos que pesquisar esse tema não seria emocionalmente fácil e tínhamos preocupações em relação aos seus impactos emocionais e acadêmicos. Contudo, julgo hoje que soubemos levar com leveza e maturidade e encarar da maneira que uma pesquisa acadêmica pede: cientificamente.

Gostaria de expressar minha gratidão à UEFS e em especial ao seu Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, por meio dos meus professores, que já conhecia desde a graduação, e aos meus orientadores de Iniciação Científica. Eles foram fundamentais ao me introduzirem ao mundo acadêmico e me incentivarem ao pensamento científico. Cada um, à sua maneira, contribuiu significativamente para a minha formação como pessoa, acadêmico e professor.

Gostaria de agradecer a Luan Mendes, meu primeiro leitor, pela parceria, apoio, paciência e amor. Você foi luz nessa dissertação assim como é luz em minha vida.

Agradeço aos meus amigos Izaias Araújo e Rebecca Braga, meus colegas de graduação e de mestrado que tornaram minha jornada mais leve e significativa. Quando penso na Uefs e no meu mestrado, penso primeiro em vocês.

Agradeço à minha mãe, Amanda Knoth, e ao meu pai, Dayan Paes, por serem os pilares essenciais na minha formação. À medida que alcanço novos patamares em minha

jornada acadêmica, sinto uma profunda gratidão por tudo o que vocês fizeram por mim. Em especial, minha mãe, que sempre me incentivou aos estudos, à leitura e à escrita. Sem você, essa dissertação não existiria.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro, que proporcionou a minha permanência no programa com dedicação exclusiva.

RESUMO

A pesquisa empreendida objetivou estudar, valendo-se do arcabouço teórico-metodológico da Linguística Cognitiva, o fenômeno de conceptualização da vida e da morte em um *corpus* específico, datado e localizado, de grande impacto socioemocional: notas de suicídio. Debruçando-se nos pressupostos de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), que definem a metáfora como um importante elo entre cognição e língua, o estudo fez uma análise qualitativa dos conceitos de vida e de morte em notas de suicídio, tendo em vista que, nesse *corpus*, há grande exposição a respeito desses conceitos por conta de todo o contexto que envolve sua produção. As metáforas e metonímias encontradas pela pesquisa são categorizadas e analisadas para que possam elucidar aspectos linguísticos importantes para os estudos do suicídio e também possam compor uma base sólida para possíveis futuras pesquisas comparativas. A coleta do *corpus* desta dissertação foi feita seguindo os parâmetros apresentados por Mattos e Silva (2008), em consonância com a natureza *lato sensu* da pesquisa. Nesse trabalho, entende-se o termo *nota* em seu sentido mais amplo, ancorado nos pressupostos de Barbosa (2012) para a constituição de *corpora* históricos a partir da noção de Tradição Discursiva, englobando esses possíveis gêneros a partir da sua finalidade de produção. As notas derivam de reportagens virtuais que noticiaram casos de suicídio e publicaram os textos deixados pelas vítimas; esses podendo ser materializadas em diversos gêneros, como: postagens em redes sociais, bilhetes, anotações, cartas e notas em si. Observou-se, com os resultados obtidos a partir da categorização e da análise das metáforas e metonímias, que algumas foram mais proeminentes do que outras. As metáforas VIDA É VIAGEM/JORNADA e VIDA É GUERRA apareceram nas notas com bastante protagonismo, estando ligadas, sobretudo, a um viés religioso/cristão. Observou-se com recorrência o acionamento do *frame* de ESFORÇO a partir de distintas metáforas esquemáticas. Para a conceptualização de MORTE foi observado o espelhamento das metáforas de VIDA. A crença religiosa e as variáveis socioeconômicas foram os elementos mais expressivos na significação dos conceitos. Esses resultados podem indicar um possível aspecto de variação semântica dentro do *corpus* analisado, o que pode vir a contribuir para um possível mapeamento do caráter verbal do comportamento suicida; a análise das conceptualizações compõe um importante material de estudo interdisciplinar para melhor compreensão da problemática do suicídio.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Conceptualização; Teoria da Metáfora Conceptual; Suicidologia; Notas de suicídio.

ABSTRACT

The research undertaken aimed to study, using the theoretical-methodological framework of Cognitive Linguistics, the phenomenon of conceptualization of life and death in a specific corpus, dated and located, of great socioemotional impact: suicide notes. Drawing on the assumptions of Lakoff and Johnson (2002 [1980]), who define metaphor as an important link between cognition and language, the study conducted a qualitative analysis of the concepts of life and death in suicide notes, considering that, in this corpus, there is great exposure regarding these concepts due to the entire context surrounding their production. The metaphors and metonymies found by the research are categorized and analyzed to elucidate important linguistic aspects for suicide studies and also to provide a solid foundation for possible future comparative research. The corpus collection for this dissertation followed the parameters presented by Mattos and Silva (2008), in line with the broad nature of the research. In this work, the term "note" is understood in its broadest sense, anchored in the assumptions of Barbosa (2012) for the constitution of historical corpora from the notion of Discursive Tradition, encompassing these possible genres based on their production purpose. The notes derive from virtual reports that covered suicide cases and published texts left by the victims; these could be materialized in various genres, such as: social media posts, notes, letters, and notes themselves. It was observed, from the results obtained from the categorization and analysis of metaphors and metonymies, that some were more prominent than others. The metaphors LIFE IS A JOURNEY and LIFE IS A WAR appeared in the notes with quite prominence, being mainly linked to a religious/Christian bias. The activation of the EFFORT frame was recurrently observed from different schematic metaphors. For the conceptualization of DEATH, a mirroring of LIFE metaphors was observed. Religious belief and socioeconomic variables were the most significant elements in the meaning of the concepts. These results may indicate a possible aspect of semantic variation within the analyzed corpus, which could contribute to a possible mapping of the verbal character of suicidal behavior; the analysis of conceptualizations constitutes an important interdisciplinary study material for a better understanding of the problem of suicide.

Keywords: Cognitive Linguistics; Conceptualization; Conceptual Metaphor Theory; Suicidology; Suicide notes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hierarquia de esquematicidade para quatro estruturas conceptuais	30
Figura 2 – Ativação e estruturação entre os níveis	32
Figura 3 – Mapa do suicídio no Brasil	45
Figura 4 – Proposta de divisão dos estudos em Linguística Histórica	53
Figura 5 – Organização cronológica do corpus	

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LC	Linguística Cognitiva
LH	Linguística Histórica
TD	Tradição Discursiva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TÉORICO	19
2.1	LINGUÍSTICA COGNITIVA	19
2.1.1	Semântica Cognitiva	21
2.1.2	<i>Frames</i>	24
2.1.3	Teoria da Metáfora Conceptual	16
3	CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS A RESPEITO DO SUICÍDIO E ASPECTOS GERAIS DA SUICIDOLOGIA	39
3.1	SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO	42
3.2	SUICÍDIO E SEXUALIDADES E IDENTIDADES DE GÊNERO DISSIDENTES	45
3.3	SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA ETÁRIA	48
3.4	SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA	49
3.5	SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA RACIAL	51
3.6	APONTAMENTOS GERAIS SOBRE O SUICÍDIO	53
4	METODOLOGIA	57
4.1	O <i>CORPUS</i>	62
5	RESULTADOS E ANÁLISES	70
	L.L.	71
	U.L.A.S.	75
	E.S.	78
	J.A.F.R.	81
	A.W.	82
	A.W.	86
	C.E.	87
	T.M.M.	90
	S.I.	91
	Y.O.	93
	B.P.	101
	S.S.B.	105
	V.M.S.S.	106
	F.M.	108
	G.A.	111
	I.S.	112
	K.E.	
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa empreendida objetivou estudar, pelo viés da Linguística Cognitiva (LC), o fenômeno de conceptualização da vida e da morte em notas de suicídio escritas no Brasil, no século XXI. As pesquisas envolvendo notas de suicídio são amplas e muito importantes como fator de estudo da problemática, no que diz respeito a reconhecer suas motivações e trabalhar para sua não ocorrência. Esses estudos, naturalmente, se concentram mais nas áreas da Psicologia e da Psiquiatria, que lidam com a questão mais diretamente. Na Linguística, mesmo que alguns estudos já tenham sido feitos, como os de Catelão (2015), Costa (2019) e Mulhmann e Ferreira (2015), não chega a ser vasta a quantidade de trabalhos com esse tipo de *corpus*. Isso talvez se deva ao tabu em relação ao tema na nossa sociedade.

Valendo-se do arcabouço teórico-metodológico da LC, a pesquisa empreendida debruçou-se em um *corpus* específico, datado e localizado, de grande impacto socioemocional: notas de suicídio. Valendo-se dos pressupostos de Lakoff e Johnson (2002), que definem a metáfora como um importante elo entre cognição e linguagem, o presente estudo visa à análise dos conceitos de VIDA e de MORTE em notas de suicídio, tendo em vista que, nesse *corpus*, há grande exposição a respeito desses conceitos por conta de todo o contexto que envolve sua produção.

Ultimamente, muito se tem debatido a respeito de saúde mental e do contexto social que pode motivar o comportamento suicida. É notório o quanto o aumento dos casos evidencia a depreciação da saúde mental da população nos últimos anos e ainda mais se se levar em conta o contexto da pandemia da Covid-19 (OPAS/ OMS, 2021). Dito isso, é importante reconhecer a relevância de estudos a respeito da temática do suicídio para a compreensão das relações biopsicossociais que envolvem o problema e trabalhar para evitá-lo. Contudo, grande parte das pesquisas que se inserem nesse quadro temático é quase exclusivamente articulada a questões psicológicas e psiquiátricas, sendo poucas as que buscam por um viés linguístico, ainda que, “[...] a maioria dos suicídios [seja] precedida por sinais de alerta verbais [...]” (OPAS/ OMS, 2021). Partindo desse dado e tomando como base a ideia da LC de mente corporificada, as ocorrências linguísticas evidenciadas pelas notas de suicídio poderão demonstrar concepções metaforicamente estruturadas de VIDA e de MORTE certamente afetadas pela condição mental de seus autores, indicando sinais de como ela afeta as suas percepções e os seus sistemas sensorio-motores.

É importante salientar que a problemática do suicídio não se reduz exclusivamente no ato. Fensterseifer e Torres (2020) afirmam que “[...] é possível compreender o comportamento

suicida como um *continuum*, que abarca pensamentos autodestrutivos, que se manifestam em ameaças, gestos, tentativas e, finalmente, no suicídio consumado” (Fensterseifer; Torres, 2020, p. 150). Desse modo, estudar as notas deixadas por suicidas não se resume apenas ao ato em si, mas a todo um contexto complexo e profundo que tem reflexos em inúmeros aspectos da vida de suas vítimas, aspectos que certamente se refletem também em seus usos linguísticos.

Tendo em vista a relação que se assume entre o comportamento suicida e o reflexo que isso tem nos usos linguísticos dos indivíduos, e assumindo também a potencialidade da Teoria da Metáfora Conceptual em evidenciar essas relações, o presente trabalho se debruçará sobre algumas questões: Como os sujeitos suicidas conceptualizam a vida e a morte nas notas? Como os aspectos históricos, sociais, culturais, psicológicos, neurológicos, religiosos estão em jogo nas conceptualizações que serão observadas?

As metáforas conceptuais de VIDA e de MORTE já são bastante estudadas no âmbito da LC, podendo ser colocadas sob análise em diferentes recortes. O estudo das metáforas de VIDA acompanha a própria Teoria da Metáfora Conceptual. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) no livro *Metaphors We Live By* apontam exemplos como VIDA É UM RECIPIENTE e VIDA É UM JOGO DE AZAR para indicar expressões idiomáticas materializadas por meio de expressões metafóricas (essas estruturadas de forma coerente pelas metáforas conceptuais) que usamos em situações usuais da vida (Lakoff; Johnson, 2002 [1980]). Sob esse viés, os autores já manifestam a importância da conceptualização de VIDA, pois, a partir dela, outros aspectos subjacentes e manifestados em situações cotidianas da vida, num contexto menor, aparecem estruturadas por ela quando os analisamos a partir de um contexto mais amplo. Dizer, por exemplo, “Sempre tenho uma carta na manga” numa situação em que a pessoa acabou de perder o emprego, pode parecer, num primeiro momento, que a conceptualização em voga é o do próprio trabalho (TRABALHAR É JOGAR), contudo, analisando em um contexto mais amplo, percebemos que a metáfora em questão é a da própria vida (VIDA É UM JOGO DE AZAR), pois a expressão idiomática pode servir em tantas outras situações adversas pelas quais passamos na vida.

Diversos trabalhos se voltaram para o estudo da conceptualização de VIDA em língua portuguesa. Listaremos, a seguir, alguns deles.

Santos (2011), em sua dissertação de mestrado intitulada *Construções metafóricas de vida e morte: cognição, cultura e linguagem* analisou as metáforas conceptuais de VIDA e de MORTE no poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Como resultado da pesquisa, o autor discorre:

Tivemos cinco metáforas primárias de vida e quatro metáforas primárias de morte construídas no interior de oito BCs [blocos construcionais]. A maior recorrência de metáfora primária, tanto para vida quanto para morte, foi a metáfora relacionada ao esquema LIGAÇÃO. A ligação aconteceu quando houve a analogia envolvendo vida ou morte a um domínio conceptual referente a um objeto ou ente, como nas metáforas congruentes VIDA É FOGO, MORTE É ENTIDADE. Quando a relação foi entre vida ou morte e um domínio conceptual relacionado a um evento, como, por exemplo, na metáfora congruente MORTE É PARTIDA, tivemos outras metáforas primárias, como MORTE É ORIGEM/CAMINHO/META alicerçando-a. (Santos, 2011, p. 72)

Sobre as expressões metafóricas que materializam as metáforas apresentadas, o autor discorre:

A partir da metáfora primária podemos chegar ao entendimento da metáfora congruente em voga, que focaliza o CAMINHO trilhado pelo sujeito após sua morte. Na trajetória desses caminhos, os cantadores que celebram a missa fazem remissão a “Jordão”, rio de grande importância religiosa e que se encontra entre Israel e Jordânia: “Finado Severino, quando passares em Jordão e os demônios te atalharem perguntando o que é que levas...”. Reforçando a ideia de morte como partida, a trajetória do morto envolve o encontro com “demônios”, “excelências”, “carregadores” etc., bem como a possibilidade de se levar objetos durante o percurso, tais como “cera, capuz e cordão mais a Virgem Conceição” (Santos, 2011, p. 60).

Esses resultados, de acordo com o autor, desenham os modos de vida do sertão nordestino da década de 1950, mostrando como o contexto que experienciamos molda nossa visão sobre a vida e, conseqüentemente sobre a morte, e como essas metáforas contribuem para a imagem do sertão que se perpetua até os dias de hoje (Santos, 2011, p. 71).

Leitão *et. al* (2015), no artigo intitulado *A metáfora da vida na visão do brasileiro: uma análise cognitivo-cultural*, demonstraram ocorrências do tipo “A vida é jornada, compartilhada com pessoas que conhecemos ao longo do tempo.” (VIDA É CAMINHADA/JORNADA), “A vida é uma oportunidade única dada pelo Criador para o exercício do amor, sucesso e felicidade.” (VIDA É DÁDIVA) etc. que evidenciaram a preferência dos brasileiros pela metáfora VIDA É UMA CAMINHADA/JORNADA, e em, segundo lugar, pela metáfora VIDA É DÁDIVA. Segundo os autores, essa preferência evidencia o “[...] forte componente sociológico do nosso processo histórico de formação da identidade cultural do povo[...]

(Leitão *et. al*, 2016, p. 153). As categorias de controle social foram úteis para evidenciar, também, aspectos de variação intracultural ao constatar que a preferência pelas metáforas de vida mudou a partir da faixa etária dos participantes da pesquisa;

[...] para os mais jovens, a vida está relacionada a um processo mais espiritual e de aproveitamento dos momentos (A VIDA É UMA DÁDIVA) enquanto que, para os adultos, a vida é percebida como uma caminhada a ser realizada pelo próprio sujeito, que tem início, meio e fim ou como um movimento cíclico, que produz repetição de movimentos (A VIDA É CAMINHADA/JORNADA) (Leitão *et. al.* 2016, p. 149).

Silva (2021), no trabalho *Livro das aves: Um olhar sobre o processo de conceptualização metafórica da vida*, publicado como capítulo no *Livro do livro das aves: estudos semânticos e morfológicos*, discorre sobre a conceptualização de VIDA no Livro das Aves, texto religioso cristão datado do século XIV, Baixa Idade Média, e proveniente da Península Ibérica. A análise da autora indica uma forte projeção religiosa cristã na constituição das conceptualizações metafóricas da vida. Nas palavras da autora

Nos trechos em destaque, verificam-se, pois, algumas conceptualizações acerca da vida. É possível identificar a vida entendida como um caminho estreito, no qual andam os homens que possuem bons comportamentos e são religiosos. A vida, também, é conceptualizada como menos estreita, isto é, como um caminho menos estreito, a este caminho estão os casados, já a vida descarreirada/muito solta leva os indivíduos fornicadores, isto é, aquelas pessoas que têm uma vida carnal, sem muitas preocupações, tendo o prazer da carne. Assim, nessas passagens, a vida é entendida em termos das metáforas conceptuais VIDA É VIAGEM/PERCURSO e VIDA É ESPAÇO, como já dito. E este caminho pode ser estreito, menos estreito ou um caminho largo. O que permite a compreensão de três perspectivas de comportamento moral, no qual se distinguem, a partir de ideias simbólicas regidas pelas experiências corpóreas. Assim sendo, o primeiro caso remete à vida estreita, que seria uma vida mais regrada, um caminho reto, ideal. O segundo focaliza uma vida menos estreita; pode-se intuir que seja uma vida com alguns percalços, considerando que, com o casamento, o indivíduo mantenha uma vida terrena se distanciando, um pouco de buscar mais a Deus. Já a vida descarreirada, isto é, muito solta, apresenta uma conceptualização de liberdade e de prazer, o que se relaciona com uma vida carnal, mundana, na qual não há nenhuma preocupação em buscar os desígnios de Deus. (Silva, 2021, p. 118-119)

Alguns exemplos de expressões metafóricas que materializam as metáforas apresentadas são: “Pela vida muyto es-/ [treyta andã] os bõos e os religiosos. Pela/[mêos estreita] andã os casados. Pela muy Descar-/ reyrada an[dã os] formigadores. [...] ou quando os ho-/mêes an prazer no [pra]zer [e no sa]bor [desta vida] que he carnal [...]” e “[...] Pelos semedeyros entêdemos a vida muyto/estreyta. Pela carreyra entedemos a vida/mêos estreyta./Pelo cãpo entedemos a vida/do mûdo muy solta.”

Nos trabalhos supracitados, percebeu-se a forte influência dos aspectos culturais, sobretudo religiosos, para as ocorrências das conceptualizações metafóricas de VIDA. Decerto, quando pensamos na formação sociocultural do Brasil e na sua forte influência cristã, a princípio católica, que se abateu sobre seu território de maneira violenta, com a dizimação de religiões indígenas e de matriz africana, podemos pensar na constituição da

significação da vida advinda, sobretudo, dessa faceta de sua história. Esse trabalho aponta como se dá a configuração semântica da vida e da morte e nos permite refletir sobre como essas conceptualizações influenciaram na formação sócio-cultural brasileira.

Por sua vez, os estudos das metáforas de MORTE estão intrinsecamente veiculados aos estudos das metáforas de VIDA. A própria natureza desses conceitos mobiliza essa junção, e a presente dissertação não assume diferente postura. O entendimento da morte e da vida estão interligados e a compreensão de um perpassa pela compreensão do outro.

Almeida (2021) no trabalho *Estavam eles em busca da salvação: Conceptualizações da morte no livro das aves* publicado como capítulo no *Livro do livro das aves: estudos semânticos e morfológicos* discorre sobre a conceptualização de MORTE no Livro das Aves, já citado anteriormente. A autora discorre sobre como o estudo da conceptualização de MORTE é especial nos estudos em LC, tendo em vista os postulados básicos da área que preveem uma constituição do significado baseada na experiência. Nas palavras da autora,

[...] a morte tem algo de peculiar, uma vez que é experienciada por todos os seres humanos, sem qualquer possibilidade de exceção, mas diferentemente de todas as outras experiências, a exemplo do amor, a morte não pode ser conceptualizada por quem a experienciou, de modo que a sua conceptualização, apenas, ocorre por quem vivencia a morte de fora, quero dizer, a morte do outro. (Almeida, 2021, p. 78-79)

Outro ponto apresentado pela autora, a partir dos resultados de sua pesquisa é de que

[a] conceptualização da morte acha-se inter-relacionada em rede com a conceptualização da vida; o conceito de morte ajuda, assim, a compreender o de vida, mas de um tipo de vida particular; no caso, se trata de uma vida regrada, daquele que passa a se dedicar à fé. Assim sendo, a própria morte é o domínio-fonte para a conceptualização da nova vida, de quem deixa os prazeres da carne e se entrega a um novo caminho baseado nas escrituras, de modo que essa conceptualização ocorre por meio da metáfora VIDA É MORTE, que se interconecta à metáfora MORTE É VIDA. (Almeida, 2021, p. 87)

Alguns exemplos de expressões metafóricas são: “Itê diz Jhesu Christo: Dous passaros nã/nos dã por hũa mealha? E hũũ deles nã cae-/rá sobrela terra sê meu padre? [...] Non queyrades temer os que matã/o corpo ca non podê matar as almas dos homês”. Nelas,

[o]corre, por conseguinte, a metáfora conceptual MORTE É CAIR, logo, MORTE É PARA BAIXO, ligada à metáfora mais geral MORTE É DESLOCAMENTO, possível pela interconexão com os esquemas CIMA-BAIXO, ORIGEM-PERCURSO-META, RECIPIENTE, LIGAÇÃO e FORÇA. (Almeida, 2021, p. 93)

Novais (2023), em sua tese de doutorado intitulada *A epidemia de HIV/Aids no Brasil: um estudo semântico cognitivo sócio-histórico-cultural da conceptualização da morte no século XX*, analisou comparativamente conceptualizações de MORTE em textos literários e acadêmicos escritos durante a pandemia de HIV/Aids no século XX. Nas palavras do autor:

Nosso estudo foi desenvolvido, como visto, a partir da identificação de expressões linguísticas que instanciaram Metáforas e Metonímias Conceptuais, em textos literários, mais especificamente, em contos e em artigos científicos oriundos da área de medicina. Nosso foco se deu nas Metáforas Conceptuais acessadas para a conceptualização da morte, sendo elas: MORTE É EVENTO, MORTE É ORGANISMO VIVO, MORTE É SENTIMENTO, MORTE É PERIGO, MORTE É GUERRA, MORTE É VIAGEM e MORTE É PROCESSO. (Novais, 2023, p. 154)

Alguns exemplos de expressões metafóricas apresentadas e categorizadas por Novais (2023) são: “[...] uma expectativa de morte próxima” (MORTE É EVENTO); “A morte é muito feia, muito suja, muito triste. [...] Cara a cara com ela, você já esteve? Eu, sim, tantas vezes.” (MORTE É ORGANISMO VIVO); “[...] as aflições humanas mais íntimas com relação à morte [...]” (MORTE É SENTIMENTO); “Eu quero o risco, não digo. Nem que seja a morte.” (MORTE É PERIGO), entre outras.

Os resultados da pesquisa indicaram uma forte relação entre a conceptualização de MORTE nos dois gêneros textuais analisados e a visão preconcebida de seus autores a respeito da pandemia de HIV/Aids e das pessoas que morriam decorrente dela. Novais (2023) diz que “a maneira como a sociedade enxergava HIV/AIDS tem uma forte relação com a visão que tinha sobre a morte em decorrência dessa doença.” (Novais, 2023, p. 169).

Tendo em vista os resultados obtidos a partir dos diferentes recortes das pesquisas, entende-se que as ocorrências das conceptualizações de vida e de morte são dinamizadas e semanticamente constituídas a partir de seus contextos de produção. Desse modo, as conceptualizações de vida e de morte presentes nas notas escritas pelos sujeitos suicidas da pesquisa evidenciam os aspectos biopsicossociais que envolvem suas condições mentais. Os resultados da pesquisa demonstram qualitativamente as conceptualizações metafóricas mais realizadas, podendo esses números serem comparados futuramente com conceptualizações de vida e de morte em outros contextos sócio-históricos. Através da análise qualitativa desses dados foi possível compreender melhor as relações interdisciplinares que envolvem o suicídio.

Esta dissertação indica que as metáforas constituídas nas notas de suicídio têm uma configuração diferente do que a de outros grupos sociais já estudados, evidenciando, assim, os aspectos que caracterizam o grupo delimitado.

O objetivo geral desse trabalho é analisar as conceptualizações metafóricas e metonímicas de vida e de morte em notas de suicídio escritas por brasileiros no século XXI através dos pressupostos da LC, sob um viés empírico, correlacionando-as ao quadro emocional dos autores das notas em questão, buscando debater como fatores sociais (econômicos, etários, regionais, de gênero etc.) dinamizam a constituição semântica desses conceitos.

As pesquisas situadas dentro do campo da Suicidologia são importantes para a compreensão do problema e é fundamental a busca por um viés interdisciplinar. Tendo em vista a escassez de pesquisas linguísticas sobre esse tema, ainda que pesquisas de outras áreas também tomem como objeto as notas de suicídio, é essencial pensar na possível contribuição para esses estudos que a Linguística pode prover. Somando-se a isso, é necessário também levar-se em consideração a potencialidade da teoria de análise adotada (Teoria da Metáfora Conceptual) em abarcar as questões que envolvem a temática de maneira interdisciplinar, sem privilegiar ou excluir alguma em detrimento de outra.

Os resultados obtidos com a pesquisa elucidam essas relações e contribuem diretamente para o debate do assunto, levando em consideração questões biológicas, psicológicas, históricas e sociais, através da semântica da língua, podendo, inclusive, tornar mais preciso o reconhecimento dos sinais de alerta verbais que indicam o pensamento suicida. Dessa forma, os estudos linguísticos poderão contribuir para a discussão e evidenciar a abrangência dessa área para com essas questões.

Outra justificativa para esse trabalho é a sua contribuição científica para a área da LC, ao fortalecer os estudos que se valem da Teoria da Metáfora Conceptual, no sentido de se debruçar sobre um problema extremamente profundo e ainda pouco pesquisado através dessa teoria: suicídio. Os resultados da pesquisa ainda poderão ser contrastados com os resultados de outras pesquisas que analisem as mesmas conceptualizações para evidenciar aspectos distintos dos grupos em questão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 LINGUÍSTICA COGNITIVA

A Linguística Cognitiva é uma teoria linguística que tem como viés de análise a linguagem em sua interação com a cognição humana, essa constituída de maneira multifacetada, levando em consideração aspectos neuropsicológicos, sociais, culturais e históricos. Destaca-se, nessa teoria, a exploração de questões relacionadas aos aspectos semânticos e pragmáticos das línguas sem abordá-los dicotomicamente.

Para entender o seu surgimento, é necessário retomar o contexto que antecede o surgimento das ideias da LC. É no ano de 1957 que o linguista norte-americano Noam Chomsky publica a obra que viria a ser um marco dos estudos em Gramática Gerativa: *Syntactic Structures*. Nele, em resumo, o autor coloca que o desenvolvimento da linguagem humana pode ser explicado por propriedades biogenéticas inatas que facilitam que o ser humano adquira uma língua. A partir disso, a noção de gramática assumida por Chomsky é de que ela é fundamentalmente sintática, no sentido de que a gramática é entendida como um conjunto de sentenças possíveis dentro de uma língua. Essa nova perspectiva representou uma revolução não só nos estudos linguísticos, como também para todas as ciências cognitivas, por isso, considera-se que “[...] Chomsky abriu a porta para o <mentalismo> nas ciências cognitivas.” (Ibarretxe-Antuñano; Valenzuela, 2012, p. 14, tradução nossa).¹

Na perspectiva de Chomsky, o cérebro humano estaria pré-programado para o aprendizado de uma língua, havendo uma área cerebral específica para a linguagem. Diz-se que a Gramática Gerativa adota uma perspectiva **modular** para o entendimento da linguagem humana. A partir disso, postula-se que a módulo da linguagem opera de maneira independente a outros módulos cognitivos, como o da emoção, da percepção, do raciocínio lógico etc. Desse modo, entende-se que a linguagem opera de maneira **autônoma**, dando-se, então, menor importância a elementos externos a ela para seu entendimento.

A LC, por sua vez, surge em meados da década de 70, a partir de teóricos dissidentes do Gerativismo, que, insatisfeitos com a abordagem massivamente sintática da teoria, buscavam uma maior autonomia dos estudos semânticos dentro da Linguística. Fernández Jaén (2014), em seu livro *Principios Fundamentales de Semántica Histórica*, apresenta o percurso dessa área, considerando as principais teorias da chamada Linguística Moderna. O autor discorre, de maneira crítica, a respeito, principalmente, das vertentes estruturalistas e

¹ Texto original: “[...] Chomsky abrió la puerta para el «mentalismo» en las ciencias cognitivas” (Ibarretxe-Antuñano; Valenzuela, 2012, p. 14).

gerativistas, que predominaram concomitantemente desde o final dos anos 1950; a primeira tomando a linguagem como um “[...] sistema lógico essencialmente sincrônico que muda unicamente quando certos aspectos de sua configuração interna se alteram.” (Fernández Jaén, p. 49, tradução nossa)², e a segunda priorizando o aspecto sintático, através de um pensamento de base cartesiana, que coloca o aspecto semântico em último plano.

As vertentes estruturalista e gerativista, segundo Fernández Jaén (2014), não conseguiam contemplar os estudos semânticos com a autonomia e o protagonismo adequados. É a partir desse contexto que o autor explica o surgimento da LC, entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980: um conjunto de pesquisadores dissidentes do Gerativismo, incluindo George Lakoff, Charles Fillmore, Ronald Langacker, Leonard Talmy e Gilles Falconnier, apesar de não formarem um grupo articulado, iniciou a publicação de trabalhos que apresentavam desenvolvimentos independentes, mas com ideias convergentes, em oposição às concepções de linguagem adotadas pelas abordagens estruturalistas e gerativistas em voga na época. Esses pesquisadores procuraram considerar os avanços da Psicologia e das Neurociências, que indicaram que o cérebro não processa a linguagem a partir de estruturas vazias ou exclusivamente lógicas (Fernández Jaén, 2014). Essa nova perspectiva de estudo da relação entre cognição e linguagem recebeu o nome de LC, que defende a ideia de que:

[...] a linguagem humana é um produto cognitivo de representação e verbalização da realidade que está intrinsecamente relacionado com os demais processos cognitivos do pensamento [...] tais como a memória, a percepção sensorial ou a capacidade para esquematizar conceptualmente a informação (Fernández Jaén, 2014, p. 50, tradução nossa).³

A LC, assim como o Gerativismo, adota uma perspectiva mentalista para o entendimento da linguagem humana, mas entende que essa não é processada de maneira autônoma no cérebro; ao contrário disso, adota uma perspectiva **não modular** para o entendimento do funcionamento da linguagem no cérebro, sendo defendido que essa opera por meio de princípios cognitivos gerais e em constante diálogo com outros módulos cerebrais.

² Texto original: “[...] sistema lógico esencialmente sincrónico que cambia únicamente cuando ciertos aspectos de su configuración interna se alteran.” (Fernández Jaén, 2014, p. 49)

³ Texto original: “[...] el lenguaje humano es un producto cognitivo de representación y verbalización de la realidad que está estrechamente relacionado con los demás procesos cognitivos del pensamiento [...] tales como la memoria, la percepción sensorial o la capacidad para esquematizar conceptualmente la información.” (Fernández Jaén, 2014, p. 50)

Outro aspecto que merece destaque entre os fundamentos da LC é a sua perspectiva **empirista**, ou seja, a experiência humana, mediada pelo corpo, é central nos estudos do significado linguístico, como afirma Ferrari (2011), “[d]entro dessa perspectiva, a investigação da mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal” (Ferrari, 2011, p. 21).

Por fim, vale mencionar que, diferentemente de abordagens formalistas, para a LC, a língua deve ser estudada a partir de seu contexto real de uso e não a partir de uma abstração proposta pelo pesquisador. Segundo Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012, p. 22-23),

[a] ideia da linguagem baseada no uso tem uma consequência fundamental, que é o fato de que desaparece outra das dicotomias tradicionais da linguística, a separação entre língua e fala, entre competência e desempenho. Agora, as abstrações gerais da língua, os conhecimentos gerais do falante se baseiam e derivam do uso individual e coletivo das mesmas (Ibarretxe-Antuñano; Valenzuela, 2012, p. 22-23, tradução nossa)⁴

Essa perspectiva não concebe a língua como um conjunto de regras abstratas que existem na mente; ao contrário, a LC dá uma atenção maior aos aspectos que se constroem no momento da interação, desse modo, estudar a linguagem é, essencialmente, analisar os contextos em que ocorrem essas produções linguísticas.

A pesquisa em LC é, fundamentalmente, interdisciplinar, pois, só se pode chegar a uma interpretação linguística robusta se considerarmos a amplitude do contexto que envolve a produção textual, desse modo, a aproximação com áreas como Antropologia, Sociologia, História, Geografia, Biologia, Neurologia, Psicologia etc. é um caminho, mais do que possível, imperativo na LC.

2.1.1 Semântica Cognitiva

A Semântica Cognitiva (SC), ainda que seja entendida como uma área da LC, é interpretada muitas vezes como sinônimo dessa. Naturalmente, como a semântica assume posição central nos estudos dessa área, esse estreitamento é esperado. Contudo, “os autores,

⁴ Texto original: “La idea del lenguaje basado en el uso tiene una consecuencia fundamental, y es el hecho de que desaparece otra de las dicotomías tradicionales de la lingüística, la separación entre lengua y habla, entre competencia y actuación. Ahora las abstracciones generales de la lengua, los conocimientos generales del hablante se basan y parten del uso individual y colectivo de las mismas” (Ibarretxe-Antuñano; Valenzuela, 2012, p. 22-23).

de modo geral, tendem a classificar os trabalhos da LC em duas grandes linhas de estudo, conhecidas como Semântica Cognitiva e Gramática Cognitiva” (Lenz, 2012, p. 36).

A SC está interessada no estudo da natureza mental humana e como, a partir dela, entendemos e damos significação ao mundo. Lenz (2012) diz que “[...]os estudos em Semântica Cognitiva voltam-se tanto para a investigação da semântica linguística quanto para a modelagem da mente humana. A Gramática Cognitiva, por outro lado, preocupa-se em modelar o sistema da linguagem (a ‘gramática’ mental) [...]” (Lenz, 2012, p. 37). Contudo, essa divisão é colocada muito mais como uma forma de distinguir os objetos das pesquisas da área do que de promover uma ruptura epistemológica, tendo em vista que as duas compartilham os mesmos princípios gerais básicos.

Segundo Soares da Silva (1999), a SC possui cinco principais teses: 1) A significação é estudada como uma parte própria da cognição humana; 2) O estudo semântico deve se basear na experiência do falante; 3) Não deve haver distinção entre conhecimento semântico e conhecimento enciclopédico; 4) As categorias lexicais apresentam uma estrutura prototípica; 5) A significação/categorização é um dos fenômenos linguísticos primários.

As perspectivas sob as quais a SC é investigada colocam o estudo linguístico como próprio das ciências cognitivas e o distanciam dos estudos formais do significado, que não lidam com questões extralinguísticas para a sua composição. Para a SC, as palavras são gatilhos para a construção do sentido em vez de contêineres que carregam significado (Evans; Green, 2006). Esses princípios adotados pela SC levam a um estudo do significado que considere a linguagem não como uma questão autônoma da natureza humana, mas sim inserida, junto a outros aspectos, num contexto complexo interdisciplinar que envolve questões sociais, históricas, culturais, psicológicas, neurológicas, entre outras.

A partir disso, os estudos em SC se colocam como uma resposta a uma perspectiva de mundo objetiva adotada por estudos linguísticos formais anteriores, em que a realidade já é pronta e estática; ao contrário, a SC entende a realidade de maneira dinâmica, projetando-a de distintas maneiras mediadas pela cognição humana. A realidade é constantemente recortada a partir de diversos aspectos e amparada em nossas experiências sensório-motoras mediadas pela percepção.

A LC, então, pode ser considerada uma teoria semântico-cêntrica em que o significado passa a ser interpretado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais (Ferrari, 2016). Assim, pode-se dizer que a cognição, no viés da LC, é cultural e situada, diferentemente do que se acreditava na escola

gerativista, e o significado se constrói no uso, levando em consideração as experiências corpóreas, culturais, sociais e históricas.

Segundo Evans e Green (2006), “[...] a semântica cognitiva vê o significado linguístico como uma manifestação da estrutura conceitual: a natureza e organização da representação mental em toda a sua riqueza e diversidade, e é isso que a torna uma abordagem distinta para o significado linguístico.” (Evans; Green, 2006, p. 156, tradução nossa).⁵ Desse modo, essa perspectiva quebra com o modelo formalista presente nos estudos semânticos que assumiam uma visão dicionarizante, pois estabelece uma visão enciclopédica para o significado, esse, por sua vez, constituído pela experiência e em constante diálogo com outros saberes. Pode-se dizer, assim, que, para a SC, o significado é construído pelo contexto e não existe, portanto, divisão entre semântica e pragmática.

A constituição do significado pela experiência aponta mais uma premissa da SC: sua base corpórea. De acordo com Evans e Green (2006), “[...] semanticistas cognitivos buscam explorar a natureza da interação humana com consciência do mundo externo, além de construir uma teoria da estrutura conceitual que esteja em consonância com as formas pelas quais experienciamos o mundo” (Evans; Green, 2006, p. 157, tradução nossa)⁶. Desse modo, entende-se que nossa experiência de base corpórea estrutura a forma como significamos e categorizamos o mundo.

A SC decerto engloba uma série de possibilidades nas pesquisas em Linguística. Os paradigmas apresentados inicialmente na década de 1980, e desenvolvidos e endossados por outros pesquisadores ao longo dos últimos anos, permitem infinitas possibilidades de abordagem para os estudos da linguagem humana no geral e das línguas em específico. Como dito por Evans e Green (2006, p. 153), “[c]omo o maior empreendimento da Linguística Cognitiva, a Semântica Cognitiva não é uma teoria unificada.”⁷, contudo, os pressupostos básicos da área, em resumo: “1. A estrutura conceitual é corporificada; 2. Estrutura semântica é estrutura conceitual; 3. A representação do significado é enciclopédica; 4. A construção do

⁵ Texto original: “[...] cognitive semantics sees linguistic meaning as a manifestation of conceptual structure: the nature and organisation of mental representation in all its richness and diversity, and this is what makes it a distinctive approach to linguistic meaning.” (Evans; Green, 2006, p. 156)

⁶ Texto original: “[...] cognitive semanticists set out to explore the nature of human interaction with and awareness of the external world, and to build a theory of conceptual structure that is consonant with the ways in which we experience the world.” (Evans; Green, 2006, p. 157)

⁷ Texto original: “Like the larger enterprise of cognitive linguistics, cognitive semantics is not a unified theory.” (Evans; Green, 2006, p. 153)

significado é a conceptualização” (Evans; Green, 2006, p. 153, tradução nossa)⁸, orientam para uma **abordagem** do estudo da mente através da linguagem comum a todas as pesquisas que se inserem nesse campo teórico-metodológico.

2.1.2 *Frames*

Fillmore (2009 [1982]), com a noção de *frames*, propõe um novo programa de pesquisa nos estudos semânticos, de base empírica e de caráter descritivo para constituição dos resultados de pesquisa em LC. A noção de *frame* se configura como um “enquadramento” do significado linguístico, motivado pela intrínseca e contínua relação entre significado e experiência. Segundo o autor, “Um ‘*frame*’, do modo como essa noção é empregada na descrição de significados linguísticos, é um sistema de categorias estruturado de acordo com um determinado contexto motivador” (Fillmore, 1982, p. 9). Ou seja, um *frame* é uma categorização linguística, um recorte do significado, motivada pela experiência do falante.

Na perspectiva de Duque (2015),

Frames são mecanismos cognitivos através dos quais organizamos pensamentos, ideias e visões de mundo. Novas informações só ganham sentido se forem integradas a *frames* construídos por meio da interação ou do discurso. À medida em que a estruturação e o acionamento desses padrões cognitivos ocorrem inconscientemente, cabe às ciências da cognição explicitá-los (DUQUE, 2015, p. 26).

Essa perspectiva coloca o significado geral das palavras como algo de grande abrangência, enquanto o significado individual é flexível e intrinsecamente dependente do contexto, ou seja, subordinado a *frames* (Ferrari, 2011). Nesses termos, o *frame* tem uma noção de **contexto mínimo** para a compreensão do significado linguístico. Podemos perceber esse aspecto a partir do item lexical *bola*, que adquire significações levemente diferentes a partir do contexto discursivo em que aparece: pensamos em bolas diferentes a partir de jogos diferentes, como golfe, futebol, vôlei, basquete, gude, tênis, sinuca etc., desse modo, se nos é dado o contexto anteriormente, quando a palavra *bola* surge, automaticamente, resgatamos em nossa experiência uma bola específica que esteja mais prototipicamente associada àquele contexto. Dessa maneira,

[...] diz-se que o *frame* funciona como uma **esquematização da experiência**: todo o conhecimento que um falante tem sobre um determinado evento ou situação ganha

⁸ No original: “1. Conceptual structure is embodied; 2. Semantic structure is conceptual structure; 3. Meaning representation is encyclopaedic; 4. Meaning-construction is conceptualisation.” (Evans; Green, 2006, p. 153).

representação no nível conceptual; essa representação cognitiva é entendida por Fillmore como sendo um *frame* (Spader de Souza, 2019, p. 200, grifos do autor).

Como nós categorizamos e recategorizamos o mundo constantemente, os contextos que delimitam os *frames* são dinâmicos, modelados por nossas experiências coletivas e, conseqüentemente, socioculturais. De acordo com Duque (2015), “[q]uando lemos ou ouvimos uma palavra, um *frame* é ativado no cérebro. O senso comum é simplesmente uma coleção de *frames* fixos que usamos para entender o que experienciamos e ouvimos” (Duque, 2015, p. 46, grifos do autor).

Fillmore (2009 [1982]), dentro dessa concepção, busca um programa de estudos em semântica que se volte para o entendimento das motivações e contextos que moldam a compreensão do significado pelo falante, partindo do entendimento dessa construção como dinâmica e multifacetada. Nas palavras do autor:

O que queremos dizer ao observar fenômenos de uso como esses não é que não tenhamos conseguido, até agora, capturar o cerne verdadeiro do significado de uma palavra, mas sim que a palavra nos oferece uma categoria que pode ser usada em vários contextos diferentes, cuja abrangência é determinada pelos múltiplos aspectos de seu uso prototípico – o uso que essa palavra tem quando as condições da situação contextual se ajustam de maneira mais ou menos exata ao protótipo que a define (Fillmore, 1982, p. 8).

Dentro de uma análise baseada no discurso, Duque (2015) categoriza os *frames* nos oito seguintes tipos: *frames* conceptuais básicos, *frames* interacionais, Esquema Imagético, *frames* de domínio-específico, *frames* sociais (cenários e categorização social), *frames* descritores de ventos, *frames* roteiro e *frames* culturais (Duque, 2015). O autor, acerca das maneiras pelas quais os *frames* podem ser acionados no/pelo discurso, aponta, resumidamente, duas possibilidades: “[...] o discurso pode estar ancorado em *frames* ou *frames* podem estar ancorados no discurso” (Duque, 2015, p. 41, grifos do autor); acerca da segunda possibilidade, o autor aponta duas formas básicas pelas quais o discurso provoca o acionamento de *frames*: por meio do léxico e por meio de projeções metafóricas (Duque, 2015). Acerca das projeções metafóricas, entendemos que a conceptualização de determinado conceito aciona *frames* profundos para a orientação dada ao discurso pelo seu falante/escrevente, evidenciando, assim, visões de mundo psicossocialmente constituídas.

Em resumo, a noção de *frames* apresentada por Fillmore amplia a perspectiva de análise das palavras em uso, considerando os seus contextos discursivos. Ela enriquece o estudo do significado linguístico, permitindo uma compreensão mais profunda das palavras e

expressões por meio de estruturas cognitivas que levam em conta a interação entre as palavras e o contexto em que são utilizadas.

2.1.3 Teoria da Metáfora Conceptual

A noção de metáfora já é debatida há muito tempo na história da humanidade. Em *A Poética*, de Aristóteles, escrito por volta de IV a.C., a metáfora é definida como “[...] a transferência de uma palavra que pertence a outra coisa, ou do gênero para a espécie ou da espécie para o gênero ou de uma espécie para outra ou por analogia debatida.” (Aristóteles, 2008, p. 83). Ao longo da História, a noção de metáfora proposta por Aristóteles foi tomada a partir da divisão entre linguagem literal e linguagem figurada, estando a metáfora incluída exclusivamente na segunda. Contudo, o escritor Umberto Eco (2007), no livro *Da Árvore ao Labirinto: estudos históricos sobre o signo e a interpretação*, discorre sobre como essa noção foi deturpada ao longo da História por uma série de erros de tradução. Nas palavras do autor:

[o] aspecto que torna interessante para nós a teoria aristotélica da metáfora não é só o fato de que ela constitui o primeiro tratado rigoroso desse tropo, mas também, e sobretudo (hoje), o fato de que essa primeira teorização da metáfora não a considera como mero ornamento do discurso, mas lhe atribui uma função cognitiva. A sugestão principal da *Poética* se localiza em 1459 a.C, onde se diz que a metáfora é o melhor de todos os tropos porque entender metáforas quer dizer ‘saber discernir o semelhante’ ou ‘o conceito afim’. O verbo usado é *theorein*, que vale por discernir, investigar, comparar, julgar. Portanto, claramente se trata de um *verbum cognoscendi*. (Eco, 2007, p. 71, grifos do autor)

De todo modo, o ponto é que, nas definições apresentadas pelas traduções de Aristóteles, a metáfora é tomada como um recurso estritamente linguístico, uma estratégia retórica e artística para a linguagem, apenas um instrumento de expressão. Essa visão clássica da metáfora, ainda que seja fruto de erros de tradução, é a que perdura ainda nos dias atuais, estando presente nos livros didáticos e em aulas de Língua Portuguesa que categorizam a metáfora apenas como “figura de linguagem”, sendo essa a visão geral que se tem na sociedade.

É por volta do final do século XX que as críticas à visão clássica da metáfora, como figura de linguagem, tomam forma por uma leva de estudiosos da Linguística. Nesse contexto, a metáfora não é uma figura apenas de linguagem, um empecilho para uma construção “limpa” do significado linguístico, ao contrário disso, a metáfora é entendida como uma forma primária do significado, uma janela para as relações cognitivamente estabelecidas entre os elementos que a todo momento categorizamos e significamos através da

nossa experiência de mundo. A metáfora, portanto, não é apenas uma figura de linguagem, mas sim uma figura do pensamento e da ação.

A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) surge em 1980, com a publicação do livro *Metaphors We Live By*, ou *Metáforas da Vida Cotidiana*, como foi traduzido para o Português Brasileiro pela equipe coordenada pela profa. Dra. Mara Sophia Zanotto. Essa é uma das teorias que inaugura os estudos da LC e apresenta o conceito da metáfora conceptual. Conforme desenvolvido pelos autores Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a metáfora não é apenas um elemento de embelezamento da linguagem, como tradicionalmente se afirmou ao longo da história dos estudos linguísticos e literários; na realidade, a metáfora é um importante elemento cognitivo para a compreensão do mundo. Segundo Soriano (2012), “[a] linguagem nos sugere que muitos de nossos conceitos mais básicos se conceptualizam metaforicamente” (Soriano, 2012, p. 98, tradução nossa) ⁹.

Na definição apresentada por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), “[a] essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48). As metáforas não são restritas a um contexto linguístico, já que são entendidas como fenômenos do pensamento, e demonstram como nosso cérebro opera de maneira ampla para a compreensão de mundo, indo de encontro à visão cartesiana modular do cérebro humano, em que a linguagem seria processada em um módulo cerebral exclusivo. A metáfora é entendida em um nível mais profundo, mediando e sendo mediada constantemente pelas nossas relações com o mundo em que vivemos, resultado de uma mente humana altamente flexível e capaz de integrar diferentes aspectos da experiência em processos neurais dinâmicos. Nesse sentido, a linguagem, a cognição e a cultura são vistas como elementos que se entrelaçam e se influenciam mutuamente.

Do mesmo modo, como também é apresentado no livro de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), outro importante mecanismo de conceptualização é a **metonímia**. Assim como a metáfora, a metonímia não é entendida pela LC como apenas uma figura de linguagem, mas sim como um mecanismo cognitivo de conceptualização. Entretanto, diferentemente da metáfora, que representa um modo de conceber uma coisa em termos de outra, a metonímia tem uma função, sobretudo, referencial. De acordo com Peirsman e Geeraerts (2006, p. 2) “a

⁹ Texto original: “El lenguaje nos sugiere que muchos de nuestros conceptos más básicos se conceptualizan metaforicamente.” (Soriano, 2012, p. 98)

metonímia é uma mudança dentro de um domínio; metáfora é uma mudança entre domínios”¹⁰(Peirsman; Geeraerts, 2006, p. 2, tradução nossa).

Ainda que não aconteça exclusivamente em nível linguístico, as expressões linguísticas metafóricas constituem materializações das metáforas conceituais pelas quais as conceptualizações podem ser acessadas. Sobre a distinção desses termos, Kövecses (2010) afirma:

[...] precisamos distinguir a metáfora conceitual das expressões linguísticas metafóricas. Estas últimas são palavras ou outras expressões linguísticas que derivam da linguagem ou terminologia do domínio conceitual mais concreto (ou seja, domínio-fonte). Assim, todas as expressões anteriores que têm a ver com a vida e que derivam do domínio da jornada são expressões linguísticas metafóricas, enquanto a metáfora conceptual correspondente que elas manifestam é "a vida é uma jornada" (Kövecses, 2010, p. 4, tradução nossa).¹¹

A metáfora conceptual não ocorre exclusivamente em nível linguístico, mas organiza os usos linguísticos que são orientados por ela, por isso a metáfora conceptual é representada da seguinte forma: **DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE**, com letras maiúsculas; Kövecses (2010) explica que “[o] uso de letras maiúsculas indica que a formulação específica não ocorre na linguagem como tal, mas subjaz conceitualmente a todas as expressões metafóricas listadas abaixo dela.” (Kövecses, 2010, p. 4, tradução nossa).¹²

Tomemos como exemplo uma metáfora bastante comum, **VIDA É VIAGEM**, que pode ser observada a partir de expressões metafóricas como “Cheguei em uma nova fase da minha vida entrando na universidade”, “Ela seguiu pelo caminho das drogas”, “Me sinto sem rumo às vezes”, “Infelizmente, seu avô chegou ao fim de sua vida”; nessas frases podemos perceber como a vida foi entendida em termos de viagem, num aspecto geral, e podemos perceber como foram entendidos, em contextos mais específicos, acontecimentos como fases, escolhas como caminhos, dificuldades como obstáculos/empecilhos, sentimentos de angústia como estar perdido e morrer como chegar ao fim da viagem.

Esse exemplo aponta a sistematicidade da metáfora, pois nós não projetamos as características do domínio-fonte no domínio-alvo de maneira isolada numa relação objetiva, ao

¹⁰ “[...] metonymy is a shift within one domain; metaphor is a shift across domains.” (Peirsman; Geeraerts, 2006, p. 2)

¹¹ Texto original: “We thus need to distinguish conceptual metaphor from metaphorical linguistic expressions. The latter are words or other linguistic expressions that come from the language or terminology of the more concrete conceptual domain (i.e., domain b). Thus, all the preceding expressions that have to do with life and that come from the domain of journey are linguistic metaphorical expressions, whereas the corresponding conceptual metaphor that they make manifest is life is a journey.” (Kövecses, 2010, p. 4)

¹² Texto original: “The use of small capital letters indicates that the particular wording does not occur in language as such, but it underlies conceptually all the metaphorical expressions listed underneath it.” (Kövecses, 2010, p. 4)

contrário disso, acessamos todo nosso conhecimento a respeito de determinado conceito. Desse modo, nosso conhecimento de mundo prévio permite uma ampla visão a respeito de determinado conceito e nos permite também materializá-lo de inúmeras formas.

A metáfora conceptual é um importante instrumento avaliativo para se compreender as construções de sentido na linguagem de seus autores a partir do seu contexto biopsicossocial. Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 48) “[...] os processos de pensamento são em grande parte metafóricos [...] As metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós”. Segundo Soriano (2012),

[a] metáfora conceptual é um fenômeno de cognição no qual uma área semântica ou domínio é representado conceptualmente em termos de outro. Isso significa que usamos nosso conhecimento de um campo conceptual, geralmente concreto ou próximo à experiência física, para estruturar outro campo que é geralmente mais abstrato. O primeiro é chamado de domínio-fonte, pois é a origem da estrutura conceptual que importamos. O segundo é chamado de domínio-alvo ou destino. (2012, p. 97, tradução nossa)¹³

Desse modo, ao permitir a compreensão de um conceito a partir de outro, geralmente as metáforas são usadas para a melhor compreensão de conceitos abstratos (domínio-alvo), de difícil acesso direto através dos sentidos humanos, por outro mais concreto (domínio-fonte), numa relação dinâmica que prevê a experiência física prévia do falante para a demarcação dessas relações. A metáfora permite que estruturas concretas, acessadas diretamente pelos sentidos humanos (visão, audição, olfato, paladar, tato), sejam projetadas para conceitos mais abstratos, tornando sua compreensão mais fácil. Por esse motivo, a maioria dos domínios-fonte são conceitos mais concretos, como PLANTA, ANIMAL, GUERRA enquanto os domínios-alvo são mais abstratos, como EMOÇÃO, RELAÇÃO HUMANA, TEMPO.

Esse aspecto explica o princípio da unidirecionalidade da metáfora, em que a relação entre os domínios acontece em via única¹⁴; o domínio-fonte se projeta no domínio-alvo, mas

¹³ Texto original: “La metáfora conceptual es un fenómeno de cognición en el que un área semántica o dominio se representa conceptualmente en términos de otro. Esto quiere decir que utilizamos nuestro conocimiento de un campo conceptual, por lo general concreto o cercano a la experiencia física para estructurar otro campo que suele ser más abstracto. El primero se denomina dominio fuente, puesto que es el origen de la estructura conceptual que importamos. El segundo se denomina dominio meta o destino.” (Soriano, 2012, p. 97)

¹⁴ Esse aspecto da metáfora é muito criticado dentro da LC, pois não é entendido como universal, tendo em vista os vários exemplos em que o aspecto da unidirecionalidade não se aplica. Exemplo disso é apontado no trabalho de Simões Neto e Spader de Souza (2023): as expressões “vai de Blockbuster” e “foi de Mesbla” indicam falência; nesses casos apresentados, a morte é metafórica: a falência é a morte de uma empresa (FALÊNCIA É MORTE). E o contrário também acontece, como em “ainda não dá pra acreditar q o pelé foi de americanas.com”, em que a experiência da falência é o domínio-fonte para explicar a morte de alguém: a falência das Lojas Americanas é usada para compreender a morte de Pelé (MORTE É FALÊNCIA). Nesses exemplos, a experiência da morte foi usada para tratar de falência, e o contrário também acontecia. Podemos ter

não o contrário. Podemos entender, por exemplo, o tempo em termos de dinheiro, mas não o dinheiro em termos de tempo. Segundo Kövecses (2010), “Isso é chamado de princípio da unidirecionalidade; ou seja, o processo metafórico geralmente ocorre do mais concreto para o mais abstrato, mas não ao contrário” (Kövecses, 2010, p. 7, tradução nossa).¹⁵

Entende-se que as metáforas conceptuais não ocorrem exclusivamente no nível linguístico, mas podem ocorrer na expressão corpórea, nos gestos, no comportamento, nas relações interpessoais etc. Nas palavras de Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 46):

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. [...] Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora (Lakoff; Johnson, 2002 [1980], p. 46)

Dentro desses termos, o processo de conceptualização é central para o entendimento de mundo. Ele não é unicamente linguístico, mas, antes disso, é um processo cognitivo de significação que se reflete **também** nos usos linguísticos. Esse aspecto é foco nos estudos sociocognitivos e, na LC, é o caminho para o entendimento da organização linguística do falante/escrevente. Essa perspectiva tira a ideia limitante da metáfora e da metonímia como elementos restritos ao universo estético e literário da linguagem, pois, para a LC, esses conceitos dizem respeito a fatores intrínsecos à linguagem e à cognição humana, que apontariam as relações estabelecidas entre seus falantes e o mundo ao seu redor e não seria um mero recurso de embelezamento.

Segundo Simões Neto (2019, p. 113-114), a conceptualização é um processo cognitivo que “[...] diz respeito aos mecanismos cognitivos que os seres humanos acionam para compreender os conceitos e as experiências, armazená-los nas suas mentes e materializá-los por meio de expressões linguísticas e práticas cotidianas”; é através dela que o ser humano compreende, organiza, assimila e significa o mundo ao seu redor.

Compreender que o processo de conceptualização é fundamental para a organização e materialização dos conceitos pelo falante nos permite explorar a amplitude e potencialidade desse fenômeno. Esse entendimento revela os diversos fatores envolvidos na composição semântica da língua: questões sociais, históricas e psicológicas podem estar em evidência,

a falência como a morte de uma empresa, mas também podemos falar de falência múltipla de órgãos, entendemos o nosso corpo como algo relacionado à empresa, por exemplo.

¹⁵ Texto original: “This is called the principle of unidirectionality; that is, the metaphorical process typically goes from the more concrete to the more abstract but not the other way around.” (Kövecses, 2010, p. 7)

umas mais ou menos do que outras, na construção do significado pelo falante, esse constituído pelas inúmeras facetas que constituem também os seus usos linguísticos.

Desse modo, os estudos sobre esse fenômeno podem ser extremamente profícuos, pois demonstram como os falantes interpretam as experiências, organizam-nas em termos de categorias e conceitos e materializam-nas em expressões linguísticas. Pode-se dizer, então, que, para a LC, a conceptualização se revela por meio de compreensões e expressões metafóricas e metonímicas que se organizam a partir das experiências prévias dos falantes, estando num constante movimento de ressignificação, que depende da “interação física e social do homem com o ambiente em que se encontra” (Sousa, 2016, p. 130).

Outro aspecto da metáfora é o fato de que nós não projetamos todo o conhecimento que temos a respeito de um domínio-fonte para um domínio-alvo, “[a]s associações entre dois domínios nunca são completas” (Soriano, 2012, p. 104, tradução nossa). Esse aspecto evidencia a característica da invariância da metáfora, em que apenas alguns aspectos de um domínio se projetam no outro domínio, sendo esse foco o “aspecto mais relevante do seu significado” (Soriano, 2012, p. 104, tradução nossa)¹⁶.

É devido a essa característica que a metáfora também tem a multiplicidade como sua característica, ou seja, como só alguns elementos de um domínio são selecionados, isso permite que vários domínios sirvam de fonte para vários domínios-alvo, e vice-versa. O domínio-alvo VIDA, por exemplo, pode ser conceptualizado como GUERRA, JORNADA, LUGAR etc. assim como o domínio GUERRA pode ser usado como domínio-fonte para outros domínios-alvo como DISCUSSÃO, POLÍTICA, RELACIONAMENTO etc.

Outra característica das metáforas é que elas são inconscientes e automáticas, ou seja, não nos damos conta de seu uso. Soriano (2012), contudo, vai afirmar que esse aspecto não se aplica de maneira geral a todas as metáforas. A autora argumenta que as metáforas de base experimental decerto são acionadas de maneira automática, porém metáforas de outros tipos não são acionadas de maneira tão direta, estando relacionadas a determinadas circunstâncias para emergirem.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) classificam as metáforas conceptuais nos seguintes tipos: estruturais, orientacionais e ontológicas.

As metáforas estruturais são aquelas que organizam nosso conhecimento a respeito do domínio-alvo a partir de um domínio-fonte rico, projetando-se sistematicamente para a

¹⁶ Texto original: “El foco del dominio fuente es el aspecto más relevante de su significado.” (Soriano, 2012, p. 104)

organização desse conhecimento. A metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, por exemplo, estrutura sistematicamente nosso entendimento de discussão, orientando a forma que pensamos sobre ela, nos comportamos em uma etc. A partir dela, emergem expressões metafóricas como “Ele destruiu meus argumentos”, “Ele nunca seria capaz de me ganhar numa discussão”, “suas críticas foram direto ao alvo”.

As metáforas orientacionais são aquelas que são organizadas a partir de elementos de orientação espacial, como cima-baixo, frente-trás etc. e estão relacionadas à projeção espacial de nossos corpos no ambiente físico. As metáforas RACIONAL É PARA CIMA e EMOCIONAL É PARA BAIXO, evidenciadas por expressões metafóricas como “Depois que ela começou a me xingar, a discussão desceu o nível, virou uma baixaria” e “Tivemos uma discussão de alto nível” etc. partem de uma base física e cultural, “[e]m nossa cultura, as pessoas se vêem como tendo o controle sobre os animais, as plantas e seu ambiente físico, e é a capacidade especificamente humana de atividade racional que coloca os seres humanos acima dos outros animais e lhes propicia esse controle.” (Lakoff; Johnson, 2002 [1980], p. 64-65)

Por último, as metáforas ontológicas são aquelas que concebem conceitos abstratos como entidades, objetos ou substâncias de maneira pontual, sem estabelecer relações profundas ou sistemáticas com outros aspectos do domínio, mas servem para quantificar, manusear, agrupar e raciocinar sobre conceitos que não podemos lidar diretamente a partir de nossos sentidos. A metáfora ontológica mais comum é a de personificação, que consiste em atribuir características humanas a conceitos não-humanos, como, por exemplo, “Essa cidade sonha com a chegada de um bom prefeito.”, “A sorte nunca sorriu pra mim”, “A fome está sempre à espreita dos mais pobres”.

As metáforas conceptuais estabelecem relação profunda com os elementos culturais ao qual estão imersos os falantes, sendo de extrema importância na composição da língua. Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), “[o]s valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura.”. Ainda que metáforas universais possam ser encontradas em línguas de distintas famílias linguísticas devido a uma experiência humana corpórea em comum, é lógico pensar que culturas diferentes selecionam metáforas diferentes. Kövecses (2006), no livro *Language, Mind and Culture*, diz que “podemos distinguir dois tipos de dimensões ao longo das quais as metáforas

conceituais variam: a dimensão intercultural e a dimensão intracultural.” (Kövecses, 2006, p. 158, tradução nossa).¹⁷

A respeito da variação intercultural, Kövecses (2006) discorre que

[a] variação nessa dimensão pode ser encontrada em várias formas distintas. Uma delas é o que podemos chamar de congruência. Isso ocorre quando existe uma metáfora em um nível genérico e várias metáforas específicas relacionadas a ele. Outra forma é quando uma cultura utiliza um conjunto de domínios-fonte diferentes para um domínio-alvo específico, ou vice-versa, quando uma cultura utiliza um domínio-fonte específico para conceituar um conjunto de diferentes domínios-alvo. Outra situação envolve casos em que o conjunto de metáforas conceituais para um domínio-alvo específico é aproximadamente o mesmo entre dois idiomas/culturas, mas um idioma/cultura mostra uma clara preferência por algumas das metáforas conceituais empregadas. Por fim, pode haver algumas metáforas conceituais que parecem ser únicas para um determinado idioma/cultura (KÖVECSESE, 2006, 158, tradução nossa)¹⁸.

Um exemplo da variação intercultural a partir da preferência de determinada cultura por um domínio é apresentado por Köves (2002) num estudo comparativo das metáforas de VIDA entre Estados Unidos e Hungria, em que constatou que norte-americanos tendem pelas metáforas: VIDA É UM BEM PRECIOSO e VIDA É JOGO, enquanto os húngaros utilizam com mais frequência metáforas como VIDA É GUERRA e VIDA É UM COMPROMISSO. Esses resultados dialogam com a formação sócio-histórica de cada país. O contato da Hungria com a guerra foi muito mais próximo, deixando cicatrizes profundas na formação cultural de seu povo, formando uma semântica para o conceito de vida como algo duro e hostil, enquanto que para os estadunidenses essa relação não é tão próxima, pois, ainda que os EUA se envolvam politicamente em diversos conflitos, os locais onde esses conflitos são travados não são assim feitos em solo norte-americano, tornando mais fácil, desse modo, a composição semântica da vida como algo prazeroso e valioso.

Sobre a variação intracultural, Kövecses (2006) diz que

¹⁷ Texto original: “We can distinguish two kinds of dimensions along which conceptual metaphors vary: the cross-cultural and the within-culture dimension.” (Kövecses, 2006, p. 158)

¹⁸ Texto original: “The most obvious dimension along which metaphors vary is the cross-cultural dimension. Variation in this dimension can be found in several distinct forms. One of them is what we can call congruence. This is what obtains between a generic-level metaphor and several specific-level ones. Another is the case where a culture uses a set of different source domains for a particular target domain, or conversely, where a culture uses a particular source domain for conceptualizing a set of different target domains. Yet another situation involves cases where the set of conceptual metaphors for a particular target domain is roughly the same between two languages/cultures, but one language/culture shows a clear preference for some of the conceptual metaphors that are employed. Finally, there may be some conceptual metaphors that appear to be unique to a given language/culture.” (Kövecses, 2006, p. 158)

[e]ssa variação pode ocorrer ao longo de várias dimensões, incluindo a social, regional, étnica, de estilo, subcultural, diacrônica e individual. Concebo essa abordagem da variação metafórica como a dimensão cognitiva da diversidade sociocultural. (Kövecses, 2006, p. 162, tradução nossa)¹⁹

Essa visão de variação considera a heterogeneidade cultural como um fator de formação das subjetividades dos indivíduos que operam em determinada sociedade. Diversos elementos operam simultaneamente e dinamicamente numa determinada cultura e considerar esses aspectos permite uma visão mais ampla de quais elementos podem estar em jogo na composição linguística de sujeitos de uma mesma cultura, considerando, assim, a experiência humana como algo, antes de tudo, individual, e mantendo a sua centralidade nos estudos em LC. Através desse caminho, as subjetividades dos indivíduos e grupos específicos em uma sociedade convergem na busca do entendimento de quais aspectos operam na formação cultural geral.

Kövecses (2020), em seu livro *Extended conceptual metaphor theory*, discorre sobre como tem havido, dentro da LC, uma grande variedade de termos para se referir às estruturas conceptuais que compõem a metáfora, como domínio (o mais comum), *frames*, cenas, esquemas, espaços mentais, cenários etc. O ponto é que o uso despadronizado desses termos evidencia uma confusão terminológica para os estudos da TMC. Kövecses (2020) diz que “[...] o caos terminológico é um reflexo de um dilema teórico-conceptual sério e profundo; ou seja, a dificuldade de identificar a unidade ou estrutura conceptual apropriada que participa da formação das metáforas conceptuais.”²⁰ (Kövecses, 2020, p. 50).²¹

A partir disso, o autor vai sugerir a seguinte resolução desse problema:

Minha sugestão será que é melhor pensar em metáforas conceptuais como envolvendo estruturas ou unidades conceptuais simultaneamente em vários níveis distintos de esquematicidade (ver, por exemplo, Lakoff 1987; Langacker 1987; Rosch 1978). Distingo quatro desses níveis: o nível de **esquemas imagéticos**, o nível de **domínios**, o nível de *frames* e o nível de **espaços mentais** (além do nível

¹⁹ Texto original: “This variation can occur along a number of dimensions, including the social, regional, ethnic, style, subcultural, diachronic, and individual dimensions. I conceive of this approach to metaphor variation as the cognitive dimension of social-cultural diversity.” (Kövecses, 2006, p. 162)

²⁰ Tradução disponibilizada pelas professoras doutoras Sandra Bernardo (UERJ) e Valéria Fernandes Nunes (UFRJ) durante as aulas da disciplina "Linguística Cognitiva: fundamentos da conceptualização", ministrada pelas docentes remotamente durante o semestre 2023.1, do Programa de “Pós-graduação em Letras” da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Essa informação se aplica a todas as citações diretas feitas desse texto

²¹ Texto original: “[...] the terminological chaos is a reflection of a serious, deep-seated theoretical-conceptual dilemma; namely, the difficulty of identifying the appropriate conceptual unit, or structure, that participates in the formation of conceptual metaphors.” (Kövecses, 2020, p. 50)

linguístico dos enunciados reais nos quais as metáforas são instanciadas). (Kövecses, 2020, p. 51, grifos nossos)²²

Essa categorização proposta por Kövecses (2020) permite uma análise ampla da metáfora, levando em consideração o grau de informação presente em cada nível proposto, desse modo, pode-se analisar as conceptualizações em camadas apresentadas pelo seu grau de especificação, ou seja, seu grau de esquematicidade. Kövecses (2020) apresenta a seguinte hierarquia para as estruturas conceptuais: esquema imagético, domínio, *frame* e espaço mental (do mais para o menos esquemático).

Figura 1 - Hierarquia de esquematicidade para quatro estruturas conceptuais



Fonte: Kövecses, 2020, p. 54

Ao longo do texto, o autor explica cada um desses níveis por ele apresentados. Sobre esquemas imagéticos, Kövecses (2020) os define como

- estruturas pré-conceptuais diretamente significativas;
- gestalts altamente esquemáticas;
- padrões analógicos contínuos;
- estruturados internamente, composto de apenas algumas partes. (Kövecses, 2020, p. 55)²³

A respeito de domínio, Kövecses apresenta a definição de Langacker (1987): “Domínio [é] uma área coerente de conceituação em relação à qual unidades semânticas

²² Texto original: “My suggestion will be that it is best to think of conceptual metaphors as simultaneously involving conceptual structures, or units, on several distinct levels of schematicity (see, e.g., Lakoff 1987; Langacker 1987; Rosch 1978). I distinguish four such levels: the level of image schemas, the level of domains, the level of frames, and the level of mental spaces (in addition to the linguistic level of the actual utterances in which the metaphors are instantiated). (Kövecses, 2020, p. 51)

²³ Texto original: “Image schemas are: *directly meaningful preconceptual structures; * highly schematic gestalts; * continuous analogue patterns; * internally structured, consisting of only a few parts.” (KÖVECSES, 2020, p. 53)

podem ser caracterizadas” (Langacker, 1987, p. 488 *apud*. Kövecses, 2020, p. 53)²⁴. De acordo com Kövecses (2020),

[d]iferentemente dos esquemas imagéticos, os domínios não são padrões analógicos de experiência, mas de natureza proposicional, de uma maneira altamente esquemática. [...] Os domínios têm muito mais partes que esquemas imagéticos, portanto são mais ricos em informações. A definição de domínios não distingue domínios e frames, ou modelos cognitivos idealizados (Lakoff 1987), como observado pelo próprio Langacker. A única maneira de distinguir os dois é em termos de esquematicidade. (Kövecses, 2020, p. 55)²⁵

Sobre *frames*, Kövecses (2020), diz que

[...] são estruturas conceptuais menos esquemáticas que os domínios. [...] A diferença entre um domínio e um frame, na minha opinião, pode ser capturada por uma diferença de esquematicidade: os frames elaboram aspectos particulares de um domínio-matriz, isto é, conceitos específicos de nível superior em um domínio. Sullivan (2013) considera essa relação como inclusão. Segundo ela, os domínios incluem (ou consistem em) frames. (Kövecses, 2020, p. 53-54)²⁶

Por último, o autor vai apresentar a definição de espaços mentais:

Fauconnier (2007: 351) os define como “estruturas muito parciais construídas quando pensamos e conversamos, para fins de compreensão e ação local. Eles contêm elementos e são estruturados por frames e modelos cognitivos. Os espaços mentais estão conectados ao conhecimento esquemático de longo prazo, tais como frames para caminhar ao longo de um caminho, e ao conhecimento específico de longo prazo. [...] Os espaços mentais são, então, ainda mais específicos que os frames, na medida em que não operam com papéis e relações genéricos na maioria dos casos, mas com instâncias específicas de papéis e relações. Ao mesmo tempo, também são organizações coerentes de experiência, como frames e domínios, mas funcionam em um nível muito específico e conceptualmente rico. [...] Os espaços mentais são representações online de nossa compreensão da experiência na memória de trabalho, enquanto os frames e domínios são estruturas de conhecimento convencionalizadas na memória de longo prazo. (Kövecses, 2020, p. 54)²⁷

²⁴ Texto original: “Domain [is] A coherent area of conceptualization relative to which semantic units may be characterized.” (Langacker, 1987, p. 488 *apud*. Kövecses, 2020, p. 53)

²⁵ Texto original: “Unlike image schemas, domains are not analogue, imagistic patterns of experience but propositional in nature in a highly schematic fashion. [...] Domains have many more parts than image schemas, and are thus more informationrich. The definition of domains does not distinguish between domains and frames, or idealized cognitive models (Lakoff 1987), as noted by Langacker himself. The only way to distinguish the two is in terms of schematicity.” (Kövecses, 2020, p. 53)

²⁶ Texto original: “[...] are less schematic conceptual structures than domains. [...] The difference between a domain and a frame, in my view, can be captured by a difference in schematicity between the two: Frames elaborate particular aspects of a domain matrix; that is, particular higher-level concepts within a domain. Sullivan (2013) considers this relationship as inclusion. According to her, domains include or consist of frames.” (Kövecses, 2020, p. 53-54)

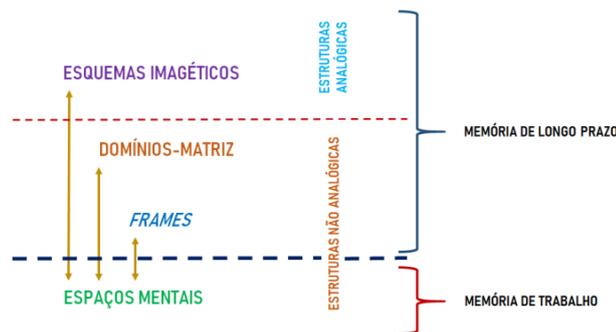
²⁷ Texto original: “I use mental spaces in the sense the term is defined by Fauconnier (2007: 351): “Mental spaces are very partial assemblies constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action. They contain elements and are structured by frames and cognitive models. Mental spaces are connected

A partir das definições apresentadas para as possíveis categorizações de metáforas de acordo com o seu grau de esquematicidade, Kövecses (2020) vai ainda apontar uma divisão desses níveis, feita inicialmente por Lakoff (1995), entre metáforas profundas e superficiais. Lakoff (1995) explica essa distinção da seguinte forma:

As metáforas que discuti até agora no artigo têm sido de natureza conceptual e profunda, no sentido de que são usadas em grande parte sem serem notadas, de que têm enormes consequências sociais, e que moldam nossa própria compreensão do mundo cotidiano. É importante contrastar metáforas conceptuais profundas, como MORALIDADE É FORÇA e NAÇÃO É FAMÍLIA com metáforas superficiais, que são apenas de interesse marginal, mas que muitas vezes desviam os analistas (Lakoff, 1995 *apud.* Kövecses, 2020, p. 71)²⁸

Para ilustrar essa distinção, Kövecses (2020) apresenta o seguinte esquema:

Figura 2 - Ativação e estruturação entre os níveis



Fonte: Kövecses, 2020, p. 70

A partir desse esquema, podemos entender melhor como se processam, num nível de profundidade, as metáforas conceptuais. Metáforas mais esquemáticas, por estruturarem aspectos profundos da nossa vida, estão inseridas na memória de longo prazo, justamente

to long-term schematic knowledge, such as the frame for walking along a path, and to long-term specific knowledge [...] Mental spaces are, then, even more specific than frames, in that they do not operate with generic roles and relations in most cases but with specific instances of roles and relations. At the same time, they are also coherent organizations of experience, just like frames and domains, but they function at a very specific and conceptually rich level [...] Mental spaces are online representations of our understanding of experience in working memory, whereas frames and domains are conventionalized knowledge structures in long-term memory.” (Kövecses, 2020, p. 54)

²⁸ Texto original: “The metaphors I have discussed so far in the paper have been both conceptual in nature and deep, in the sense that they are used largely without being noticed, that they have enormous social consequences, and that they shape our very understanding of our everyday world. It is important to contrast such deep conceptual metaphors such as Morality is Strength and The Nation is a Family with superficial metaphors, which are only of marginal interest but which often lead analysts astray.” (Lakoff, 1995 *apud.* Kövecses, 2020, p. 71)

porque pensamos inúmeras questões a partir delas num largo espaço de tempo. Entender que a vida é uma viagem, por exemplo, está ligado à maneira como nos portamos e damos significados às situações inerentes a ela, numa relação contínua; já entender que a vida é um caminho estreito cheio de armadilhas, por exemplo, é mais específico e tende a aparecer em contextos específicos de comunicação, sendo um entendimento pontual da vida que não estrutura entendimentos subsequentes, estando inserido apenas na memória de trabalho.

De acordo com Kövecses (2020), “[a]s metáforas profundas seriam as de esquema imagéticos, domínio e *frame*. A metáfora superficial seria a do nível dos espaços mentais.”(Kövecses, 2020, p. 73)²⁹, ou seja, a ideia geral é que, ao aplicar a hierarquia de esquematicidade, podemos reconsiderar a distinção entre metáforas profundas e superficiais de acordo com o grau de conexão com esquemas mais amplos. Metáforas profundas estariam mais intimamente ligadas a esses esquemas, enquanto as superficiais teriam uma conexão menos profunda.

²⁹ The deep metaphors would be the image schema-, domain-, and frame-level ones. The superficial metaphor would be the one at the level of mental spaces. (Kövecses, 2020, p. 73)

3 CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS A RESPEITO DO SUICÍDIO E ASPECTOS GERAIS DA SUICIDOLOGIA

Botega (2015), psiquiatra brasileiro reconhecido nos estudos da Suicidologia, em seu livro *Crise suicida: avaliação e manejo*, afirma que “[a] temática do suicídio está aberta a diferentes perspectivas e a várias ciências. Devido à sua natureza dilemática, complexa e multidimensional, não há uma maneira única de olhar ou abordar o problema” (BOTEGA, 2015, p. 12). Sob essa concepção, entende-se o suicídio como uma questão extremamente complexa e multifacetada por essência. Estudos de diversas áreas podem se voltar para essa problemática e analisá-la sob vários pontos de vista.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica o suicídio da seguinte maneira: suicídio consumado, tentativas de suicídio, ideações suicidas e autonegligências. Contudo, Minayo (2022) aponta que

Em geral, as fronteiras entre autonegligência, ideação suicida, comportamento suicida e suicídio consumado são tênues, uma vez que, de um lado, uma tentativa pode ser interrompida e se fixar como ideia ou intenção, enquanto um pensamento pode eclodir com angústias e ansiedades avassaladoras e explodir em forma de ato contra a vida” (Minayo, 2022, p. 220).

Essas categorias, ainda que difusas, servem para uma melhor compreensão da problemática do suicídio para além do ato consumado, como é geralmente resumida a questão. Debater o suicídio requer, para além de um viés sensacionalista e preconceituoso, um pensamento amplo que reconheça as facetas e sutilezas do sofrimento psíquico, dentro de um debate maduro circunscrito pelos mesmos tópicos que compõem as questões de saúde mental.

Èmile Durkheim, em seu canônico livro *O Suicídio*, publicado em 1897, apresenta essas questões como principais no debate do tema. Para o autor, a delimitação semântica do significado de suicídio, ainda que possa ser definido como “[...]toda a morte que resulta mediata ou imediatamente de um acto positivo ou negativo, realizado pela própria vítima” (Durkheim, 1982 [1897], p. 9), não engloba toda a gama de possibilidades de situações que podem se aplicar à definição de suicídio. Para Durkheim, a noção de suicídio está intrinsecamente ligada ao contexto do ato, sendo o sentido da palavra *suicídio* instável dentro da sua concepção mais usual, sendo difusas suas delimitações com os sentidos de sacrifício, homicídio e morte voluntária, por exemplo.

O soldado que corre para uma morte certa para salvar o seu pelotão não quer perecer; e, no entanto, não será o autor de sua morte como o é o industrial ou o comerciante que se mata para se poupar à vergonha da falência? O mesmo se pode

dizer do mártir que dá a vida pela fé, da mãe que morre para salvar o filho, etc. (Durkheim, 1986 [1897], p. 9-10).

Definir o suicídio como o simples “ato de se matar” não agrupa informações suficientes para se entender a amplitude do ato suicida; ainda nas palavras de Durkheim (1982 [1897]), “[a]s pessoas tanto se matam através da recusa de se alimentarem como pela destruição pelo ferro e pelo fogo.” (Durkheim, 1982 [1897], p. 8). Desse modo, abarcar o contexto do ato suicida é essencial para se entender a complexidade do ato e permitir uma análise que englobe as nuances dessa sensível questão, para que não seja tomada de maneira enviesada ou limitante, atribuindo responsabilidade a determinado fator em específico. É necessário entender o suicídio como uma problemática ampla, que deve ser levada em consideração a partir de aspectos interdisciplinares, como sociais, históricos e neuropsicológicos que dialogam constantemente entre si e que não podem ser pensados como independentes um do outro.

Botega (2015), na mesma obra já citada, apresenta a faceta social e histórica do suicídio, mostrando como a sua concepção muda ao longo do tempo e do espaço. Para ilustração, é apresentada a perspectiva religiosa do problema, componente fortemente cultural, que molda a visão social do ato. Na religião cristã, por exemplo, a tradição bíblica condena veementemente o suicídio, colocando-o como um ato pecaminoso e desprezível, visão essa completamente diferente da Antiguidade greco-romana em que o suicídio era relativamente tolerado e até um direito garantido em contextos de “motivação patriótica ou para evitar a desonra” (Botega, 2015, p. 20).

Analisar o suicídio como um fenômeno social é colocar em perspectiva a visão historicamente constituída da sociedade para o problema. Ainda segundo Botega (2015), as religiões cristãs, mesmo que assumam um viés importante para a prevenção do suicídio, sem incentivá-lo, e promovendo uma forte integração de rede de apoio comunitário para seus integrantes, podem desincentivar a busca por ajuda médica, se o abordam de forma estigmatizada. A própria OMS enfatiza que “o comportamento suicida ainda é obscurecido por tabus, estigma e vergonha, o que impede as pessoas de procurarem ajuda nos serviços de saúde” (Organização Mundial de Saúde, 2014 *apud*. Botega, 2015, p. 40).

Segundo Araújo (2022, p.68), “o suicídio é um fenômeno psicossocial por essência: trata-se da expressão singular, na esfera íntima do indivíduo, de potentes forças sociais e históricas”, ou seja, compreender a fundo a problemática do suicídio recai sobre a necessidade de se entender o funcionamento da sociedade. Analisar a questão apenas de um ponto de vista

psicologizante, em que as doenças mentais são tidas como o principal ponto para sua compreensão, é deixar de levar em conta nosso modelo desigual de sociedade, estruturada a partir da violência e opressão para com grupos subalternizados, colocados à margem dessa sociedade para manutenção dos privilégios de grupos hegemônicos. Desse modo, é importante, num primeiro momento, situar a Suicidologia como um campo de estudos crítico, em que é necessário compreender os mecanismos de opressão e violência, dentro de um contexto sócio-histórico, para chegar à raiz do problema, tendo em vista que “[...] há uma relação muito evidente entre suicídio e violência estrutural” (Araújo, 2022, p. 69).

Para autores como Machado e Santos (2015), o suicídio deve ser entendido como um problema pertencente aos estudos do campo da epidemiologia. Esses autores analisaram as variáveis socioeconômicas do suicídio ao longo dos anos 2000 a 2012, no Brasil, mostrando, assim, os fatores sociais de risco para o suicídio. A pesquisa demonstrou que

[o]s mais acometidos foram os menos escolarizados, indígenas (132% superior à população geral) ou maiores de 59 anos (29% superior). As taxas entre homens são três vezes maiores em todas as regiões, embora tenha maior crescimento entre as mulheres (35%). A mortalidade mais elevada se encontra na região Sul (9,8/100.000) e o maior crescimento percentual, no Nordeste (72,4%) (Machado; Santos, 2015, p. 45).

Nesse viés, o suicídio deve ser entendido como um fenômeno para além de psicológico, ainda que “[a] existência de um transtorno mental esteja presente na maioria dos casos” (Botega, 2015, p. 232). Questões sociais, e inevitavelmente históricas, estão presentes na composição da questão. O grande número de ocorrências de suicídios na população indígena, por exemplo, evidencia um forte processo histórico de repressão e apagamento cultural desses povos.

Um panorama global apresentado pela OMS constatou que 79% dos casos de suicídios ocorrem em países de baixa e média renda (World Health Organization, 2019). Se pensarmos nos fatores que motivam o sofrimento psíquico e o comportamento suicida como a opressão estrutural da sociedade, percebemos, então, um padrão nesses números. Analisando o histórico extremamente marcado pela exploração e violência de países do norte global para com países do sul, tomamos as mazelas sociais que compõem intrinsecamente esses países como aspectos perpetuados pelo capitalismo, sistema que naturalmente gera exploração e violência para a manutenção da sua essência.

Karl Marx (2006 [1897]) reconhece as raízes sócio-históricas do suicídio, ao afirmar, em seu livro *Sobre o Suicídio*, que “[...] está na natureza de nossa sociedade gerar muitos suicídios [...]” (Marx, 2006 [1897], p. 25), contrapondo, então, a ideia do suicídio como um

evento antinatural, ou como unicamente proveniente de consequências de transtornos mentais não tratados. Entendendo o suicídio como um sintoma de uma sociedade doente, desigual e cheia de injustiças, o autor aponta que “[...] o suicídio não é mais do que um entre os mil e um sintomas da luta social geral [...]” (Marx, 2006 [1897], p. 29), o que reforça a ideia de que estamos lidando com um problema social que deve ser enfrentado e que perdura de maneira tão natural quanto forem as injustiças sociais naturalizadas.

No Brasil, ocorrem, em média, 24 suicídios por dia (Minayo, 2022, p. 221), estando esses números numa crescente, segundo boletim epidemiológico do Ministério da Saúde (Brasil, 2019), com um crescimento de 43% ao ano. Contudo, é necessário estabelecer uma estreita relação entre suicídio consumado e tentativas de suicídio; nessa perspectiva, “[p]ara cada morte autoinfligida, há uma média de 20 pessoas que tentam se matar.” (Minayo, 2022, p. 223). Desse modo, é importante entender que os números descritivos do suicídio são sempre subnotificados e nunca representam fidedignamente a proporção do problema, visto que os tabus em volta do tema dificultam a busca por ajuda por parte de pessoas em sofrimento psíquico e familiares e propiciam a ocultação das reais causas de morte e de automutilação por conta de suicídio ou tentativas.

A concentração desses números acontece na população economicamente ativa, no entanto, a maior proporção ocorre entre pessoas que estão desempregadas (Brasil, 2019). Esse dado nos mostra como, dentro do capitalismo, as relações e a produção do sofrimento psíquico estão pautadas nas relações de trabalho e produção de dinheiro.

3.1 SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Na perspectiva do gênero, os números dizem que “homens apresentaram um risco 3,8 vezes maior de morte por suicídio que mulheres.” (Brasil, 2021, p. 3). Contudo, é importante salientar que, ainda que o número de suicídios consumados por homens seja maior, o número de tentativas entre as mulheres é superior; “essa distinção [é] conhecida como paradoxo de gênero do comportamento suicida [...]” (Baére, Zanello, 2022, p. 174). Esses dados são importantes para que tenhamos uma interpretação mais precisa e ampla a respeito de como as violências são modeladas a partir das relações de gênero, pautadas pela sociedade e como podem produzir sofrimento de diferentes formas para seus indivíduos.

Os gêneros são, antes de tudo, performáticos. A constituição do ser humano enquanto pessoa, dentro de uma sociedade, perpassa a constituição de seu gênero. Beauvoir (2014 [1949]), em seu livro *Segundo Sexo* (2014[1949]), quebrando a concepção de gênero como

algo biologicamente determinado, cravou a notória frase “Não se nasce mulher, torna-se”. Ou seja, para a autora, não existe um componente biológico que diga quais características essenciais compõem o que chamamos de homem e mulher. Esses atributos, na verdade, devem ser entendidos como categorias mutáveis e dinâmicas dentro do processo de constituição cultural e histórica da sociedade. Tomar esse pressuposto como ponto de partida nos permite visualizar com mais clareza as engrenagens presentes nas dinâmicas de gênero dentro da sociedade e como esses indivíduos, constituídos por um intrínseco processo de subjetivação a partir dessas identidades, sofrem.

Sobre o número de suicídios de homens ser significativamente maior em relação ao de mulheres, Baére e Zanello (2022) esclarecem que,

[a] virilidade laborativa, em seu turno, é construída através da exaltação da produtividade e do acúmulo de riqueza como signos da masculinidade. Desde a ascensão do capitalismo, como os homens atribuíram para si a fruição do espaço público, a eles foi destinado o papel de abastecimento do espaço privado através do trabalho (Baére; Zanello, 2022, p. 177).

Desse modo, percebemos o quanto o sistema econômico capitalista, pautado no acúmulo de capitais e detenção dos meios de produção, forma a identidade masculina. Nessa lógica, quanto mais dinheiro se tem, mais homem se é. A masculinidade é reforçada a partir do domínio econômico em relação aos demais. Assim, em uma sociedade pautada no capitalismo, não possuir emprego e/ou não ter meios de sustentar financeiramente a família é fracassar enquanto homem. Essa afirmativa dialoga com o dado de que o número de suicídios se concentra, dentro da população economicamente ativa, em pessoas desempregadas (Brasil, 2019).

O comportamento suicida masculino também se pauta por suas relações sociais dentro da lógica capitalista misógina. Aos homens não é concebível a “falha”, são pressionados a serem fortes, corajosos, dominantes e insensíveis às emoções, expectativas essas que podem levar à ansiedade, depressão e baixa autoestima, pois podem gerar a sensação de que nunca estarão à altura desses padrões idealizados pela própria lógica machista.

Entendendo a violência como um signo representativo e importante da identidade masculina, tomada como forma de expressão, é necessário também refletir sobre a relação entre violência, identidade masculina e os métodos do suicídio escolhidos por esses indivíduos. Dentro dessa perspectiva, é importante considerar como a escolha do método de suicídio pode ser interpretada como uma expressão da identidade masculina, tendo em vista o papel da violência em suas manifestações e como é construída em torno dessas noções. De

todo modo, essa maneira de compor as suas identidades e formas de expressão, de ser e estar no mundo, aponta que “a escolha pelas vias mais agressivas de tirar a própria vida também corrobor[ei] para a eleição de meios com maior letalidade entre homens” (Baére; Zanello, 2022, p. 195)

Mulheres escolhem métodos para o suicídio menos violentos do que homens, sendo elas maior parte “[...] das vítimas de lesões autoprovocadas, representando 71,3% do total de registros.” (Brasil, 2019, p.4); esse comportamento feminino é pautado numa constituição de feminilidade que consegue conceber formas de externalizar o sofrimento psíquico para além da violência, diferente de como é dentro da lógica masculina. Para as mulheres, compartilhar suas dores por meio do diálogo e encontrar uma rede de apoio aberta para essas questões é mais alcançável do que para os homens. As escolhas dos métodos do suicídio, sendo menos violentas e estando até mais afastadas da noção de suicídio e mais próximas da de automutilação, permitem que as chances de sobrevivência dessas mulheres sejam maiores, estando mais suscetíveis a não conseguirem se matar ou receberem ajuda a tempo.

Partindo para uma análise sob o viés da sexualidade, as causas do sofrimento psíquico em sujeitos heteronormativos se materializam de maneiras distintas, perpassando, primeiramente, por suas identidades de gênero. As expectativas colocadas pela sociedade em homens e mulheres heterossexuais constituem suas identidades de gênero, que, por sua vez, visam à formação de uma família a partir da aderência de certos papéis dentro dessa dinâmica. Segundo Baére e Zanello (2022, p. 195),

[a]s duas categorias presentes nesse agrupamento [homens e mulheres heterossexuais] são dialógicas, pois uma aponta para o esforço que as mulheres empregam em uma função culturalmente atribuídas a elas, enquanto a outra reflete as consequências vividas pelos homens após a privação dos benefícios oriundos de um relacionamento amoroso com uma mulher.

Às mulheres heterossexuais, atribui-se, socialmente, o papel de cuidado para com os outros à sua volta, principalmente os homens. Isso gera uma carga de cansaço físico e mental que, conseqüentemente, ocasiona sofrimento psíquico. Dentro dessa perspectiva, mulheres devem estar sempre dispostas a suprir a demanda das pessoas à sua volta e ser solícitas aos problemas alheios sem reclamações. Essa lógica incumbe à mulher um papel natural de cuidadora, em que a sobrecarga não é uma questão, já que nasceram para cumprir esse papel, e aquelas que externalizam suas dores são tidas como exageradas, loucas e de menor valor. Dentro de um relacionamento, essa perspectiva é acentuada, visto que é a partir do parceiro que toda essa cobrança se sobressai. Enquanto o homem goza dos cuidados e dedicação de

suas parceiras, a elas resta o sofrimento silencioso, compartilhado normalmente entre as próprias mulheres.

É importante estabelecer essa distinção, pois, apesar dos termos de relacionamento serem um potencializador do suicídio em pessoas heterossexuais, os gatilhos presentes nesses termos operam por distintos motivos. Enquanto para o homem heterossexual, o término de relacionamento significa a perda do usufruto dos cuidados e afetos da mulher, para elas, o término representa a perda de sua função social, tendo em vista que, segundo Baére e Zanello (2022, p. 190), a dependência das relações amorosas se constitui como marcador identitário entre as mulheres, e “a ameaça de não encontrar alguém ou o medo de voltar a ser solteira faz com que as relações amorosas sejam hiperinvestidas [...]” (Baére; Zanello, 2022, p. 189). Desse modo, nesse cenário, quando uma relação amorosa acaba, pode ser difícil para a mulher reencontrar sentido em viver e ressignificar seu propósito de vida.

3.2 SUICÍDIO E SEXUALIDADES E IDENTIDADES DE GÊNERO DISSIDENTES

Ainda em relação às sexualidades, é importante traçar uma importante relação do suicídio a sexualidades e identidades de gênero dissidentes. Pessoas que se enquadram fora da lógica cisheteronormativa imposta pela sociedade estão fortemente mais suscetíveis a violências, sejam elas físicas e/ou psicológicas. Essas violências estão arraigadas nos sujeitos, compondo suas subjetividades e contribuindo para o expressivo número de casos de suicídio na comunidade LGBTQIA+.

Sobre essa questão, Lima (2022) comenta que “[n]o que tange à identidade de gênero e orientações sexuais dissidentes, os dados epidemiológicos nacionais são raros, em especial pela invisibilidade desses marcadores nas fichas de notificação” (Lima, 2022, p. 101). Assim, a compreensão epidemiológica dos casos de suicídios dentro da comunidade LGBTQIA+ está relegada a fontes independentes, como o Grupo Gay da Bahia, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e relatórios internacionais.

A partir da constituição cultural do que é ser homem e mulher, as sexualidades e identidades de gênero dissidentes dos padrões são marcadas por opressões estruturais e atingem os sujeitos de diferentes formas e a partir de diferentes fatores. Ainda que não se possam fazer generalizações ao se analisar uma comunidade tão diversa como a LGBTQIA+, e sem levar em consideração variantes como raça, grupo etário, capital financeiro, origem geográfica, alguns elementos comuns perpassam por todos os indivíduos que, não à toa, compõem um grupo com alto risco de predisposição ao suicídio.

Para homens, a principal marca de violência está ligada à performance do masculino. Homens, independentemente da sexualidade, precisam performar um padrão de masculinidade atrelado à ideia de virilidade e violência, e distante do ideal feminino, para serem acolhidos em espaços de socialização com outros homens. Assumir-se homossexual é romper com essa cobrança e ser colocado numa categoria distinta, que se aproxima do ideal feminino de sensibilidade e é tido como inferior. Não gostar de coisas típicas do masculino, como futebol, lutas e corridas, gera uma reação negativa de outros homens.

Manter relações sexuais com outros homens, principalmente assumindo o papel de passivo da relação, o aproxima de um papel tido como o da mulher, aproximando-o ainda mais do ideal feminino. Segundo Simões Neto (2015, p. 109),

[...] os relacionamentos afetivo-sexuais, mesmo que não envolvam pessoas heterossexuais, são pensados dessa maneira, isto é, um casal homossexual, [...] muitas vezes, é compreendido por uma lógica de um casal homem/mulher, que ganha mais força, por assim dizer, na designação dos papéis que desempenham no ato sexual: o ativo é compreendido socialmente como o homem da relação e o passivo, a mulher (Simões Neto, 2015, p. 109).

Desse modo, o homem gay ou bissexual nunca poderá se enquadrar no ideal de masculinidade criado socialmente, pois nunca será lido como “homem de verdade”.

Já para as mulheres, a violência cometida contra elas não vai de encontro a suas identidades de gênero. Segundo Baére e Zanello (2022, p. 183), “[a] lésbica costuma ser descrita como uma mulher que ainda não encontrou um homem[...]”, ideia essa que está calcada no pensamento de que a experiência sexual feminina só é legítima/legitimada quando é pensada a partir do homem, numa lógica em que o pênis masculino teria o poder de mudar a orientação sexual das mulheres no geral em relação à expressão de seu desejo. “A mulher bissexual, nesse sentido, é vista como mais subversiva” (Baére e Zanello, 2022, p. 183). Percebe-se, então, que as violências para com mulheres lésbicas e bissexuais estão atreladas, antes de tudo, a um viés machista, que julga a orientação sexual das mulheres a partir de uma visão fetichizada de homens heterossexuais, visão essa que retoma a ideia do gênero feminino como inferior e submisso ao masculino, devendo suas experiências sexuais serem centradas num ideal falocêntrico e retido. Às mulheres, é negada a libido, devendo desejar o sexo apenas quando um homem assim quiser. Dessa maneira, romper com esse padrão de pensamento, como fazem mulheres lésbicas e bissexuais, rompe também com essas expectativas e colocam essas mulheres num lugar onde seus desejos e relações sexuais são lidos como promiscuidade.

No caso de homens bissexuais, identifica-se um maior grau de sofrimento psíquico. A sensação de não pertencimento a nenhum grupo, hétero ou homossexual, e a consequente falta de acolhimento deixa esses sujeitos isolados emocionalmente, gerando uma alta instabilidade emocional (Baére; Zanello, 2022). Essas pessoas, ao se inserirem em grupos majoritariamente hétero ou homossexuais, precisam adequar sua forma de ser e estar no mundo (performance social), para se sentirem abraçados por eles, pois encontram julgamentos morais em ambos. Essa constante adaptação, que é, de certa forma, também uma inibição de sua livre expressão, cria um desconforto frequente que engatilha um enorme sofrimento psíquico.

Ao analisarmos como a sociedade produz sofrimento, a partir de modelos culturais do que é ser homem e mulher, e como as adequações a essas determinações são importantes para que esses sujeitos não sejam violentados, percebemos como a imposição desses padrões perpassa pelas subjetividades desses sujeitos. As violências a que são sujeitadas as pessoas de sexualidades dissidentes esbarram, antes de tudo, na composição de suas identidades de gênero. Segundo Baére e Zanello (2022, p. 198), “[...] foi possível observar que, em muitos casos, o dispositivo de sexualidade não necessariamente subverte os de gênero, pois as dissidências sexuais, assim como heterossexuais, estão sujeitas às mazelas da heteronormatividade”.

Quanto ao sofrimento infringido à população transexual, observa-se que pessoas transgêneros, “[...] especialmente os jovens, configuram-se como suscetíveis a piores condições de saúde mental, com predisposição a desenvolver depressão, ansiedade, autoflagelação e comportamento suicida, quando comparados à população cisgênera” (Corrêa *et. al.*, 2020, p. 14). Segundo Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra Travestis e Transexuais Brasileiras, em 2020, o Brasil ocupou o primeiro lugar no *ranking* dos assassinatos de pessoas trans no mundo, com um número de 175 mortes apenas no referido ano (Benevides; Nogueira, 2021, p. 7). Esse número denuncia uma situação ainda pior, se pensarmos nos casos subnotificados. Em relação à expectativa de vida, ainda que não haja pesquisas sistemáticas sobre a realidade da população trans no Brasil por parte de órgãos oficiais, como o IBGE, Antunes (2013) afirma que a expectativa de vida dessa população seja de 35 anos de idade, enquanto a da população brasileira geral é de 74,9 anos (IBGE, 2013). “Esta é uma média que vai diminuindo conforme os marcadores que constituem a pessoa se mostram presentes nas cicatrizes que ela carrega em seu corpo. Ser negra, mulher trans ou travesti, periférica ou favelada, do interior, faz esta média cair muito.” (Benevides; Nogueira, 2021, p. 47)

A população trans é marcada no Brasil por uma forte repressão às suas identidades/expressões de gênero. A falta de acesso a tratamento de redesignação sexual, as altas taxas de evasão escolar, a falta de acesso ao mercado de trabalho, marginalização, fetichização, indução à prostituição de mulheres trans e travestis e consequente aumento das taxas de HIV, forte violência física e verbal, entre outros aspectos, contribuem para que essa população seja uma das mais oprimidas dentro da comunidade LGBTQIA+ e se configure como uma das mais suscetíveis ao suicídio, pensamento suicida e/ou à automutilação. “[...] [A]ssim como os maiores índices de assassinato, são as travestis e mulheres trans que enfrentam maior número de suicídios, apesar de serem os homens trans/transmasculines que mais apresentam ideações ou tentativas.” (Benevides; Nogueira, 2021, p. 5). Segundo Benevides e Nogueira (2021, p. 9),

[...] 94,8% da população trans afirmam terem sofrido algum tipo de violência motivada por discriminação devido à sua identidade de gênero. Quando perguntadas sobre suas principais necessidades, o direito ao emprego e renda aparece com 87,3%, seguido de acesso à saúde (em termos gerais e, também, em questões específicas de transição), educação, segurança e moradia.

3.3 SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA ETÁRIA

Em relação à idade da população geral brasileira, percebe-se um maior número de casos de suicídio na população idosa. Segundo Minayo (2022, p. 228), no que toca à população com idade acima de 60 anos, as taxas de suicídio “são o dobro das que dizem respeito à população em geral, com especial destaque para os homens idosos”. Deve-se levar em conta o suicídio na população idosa como um fenômeno complexo, considerando não só fatores de saúde, tais como doenças graves e/ou degenerativas, dependência física e distúrbios, como agravantes para o suicídio, mas também as questões de ordem social, como a desvalorização do idoso, o isolamento familiar e social, sentimento de vazio e inutilidade perante a vida (Minayo, 2022).

Essas questões estão interligadas ao preconceito presente na sociedade brasileira com relação a pessoas mais velhas (etarismo). Na lógica capitalista, o sujeito mais velho é visto como sem valor, já que não produz mais capital; é considerado um peso para os mais jovens, quando precisam ser sustentados financeiramente por eles; e são vistos como pessoas que já não têm mais nada a acrescentar à sociedade, que já viveram tudo que tinham para viver e apenas esperam passivamente pela morte.

É importante destacar que analisar o suicídio na população mais velha não pode deixar de levar em consideração a grande proximidade que existe, dentro dessa população, entre o comportamento suicida e o ato consumado (Minayo, 2022, p. 229). A população idosa, por conta da maior fragilidade inerente à idade, apresenta uma maior suscetibilidade ao suicídio; atos mais leves de automutilação podem desencadear a morte, por exemplo.

Em relação à faixa etária dos casos de suicídio, Botega (2015, p. 56) aponta que,

[n]o Brasil, a elevação das taxas de suicídio de acordo com o aumento da idade é marcante no sexo masculino. No entanto, de 1980 a 2006, as taxas de suicídio cresceram de forma mais pronunciada (30%) entre indivíduos de 20 a 59 anos de idade do que entre os que tinham 60 anos ou mais (19%). (Botega, 2015, p. 56)

Desse modo, temos que analisar também a perspectiva da juventude para o comportamento suicida, levando em consideração essa faixa etária como uma das mais suscetíveis ao suicídio nos últimos anos. Há um conjunto de aspectos que fazem com que os jovens se encontrem em um grande estresse psíquico: (a) a realidade social que não promove boas perspectivas para o futuro; (b) a falta de experiência para lidar com situações da vida adulta e enfrentar as demandas sociais; (c) o aprisionamento em lares abusivos; (d) a falta de autonomia financeira para saírem de situações prejudiciais à sua saúde mental. Muitas vezes, o sofrimento psíquico vivenciado pelos jovens é negligenciado por pessoas mais velhas, e isso se torna ainda mais grave, quando pensamos que “[...] todo suicídio é a enunciação de um discurso antes censurado ou ignorado” (Ferreira Júnior; Pereira, 2022, p. 297).

De acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (Brasil, 2021, p. 7),

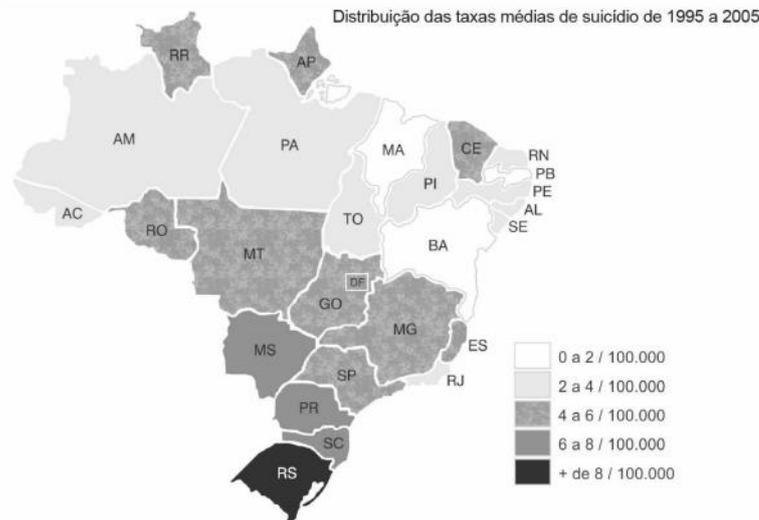
[c]hama a atenção o acelerado aumento das taxas de suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. A literatura tem apontado para a adolescência e o início da fase adulta como os principais estágios da vida para o início de comportamentos suicidas. Nesse sentido, o suicídio configura a quarta maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos de idade. Há uma conjunção de fatores relacionados ao comportamento suicida na juventude. Alguns fatores que se destacam são os sentimentos de tristeza, desesperança e a depressão, ansiedade, baixa autoestima, experiências adversas pregressas, como abusos físicos e sexuais pelos pais ou outras pessoas próximas, falta de amigos e suporte de parentes, exposição à violência e discriminação no ambiente escolar e o uso de substâncias psicoativas. (Brasil, 2021, p. 7)

3.4 SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA

Numa perspectiva geográfica, Botega (2015, p. 52) diz que “[e]studos epidemiológicos realizados nas duas últimas décadas mostram taxas mais elevadas nas regiões Sul e Centro-Oeste, em cidades de pequeno e de médio porte populacional [...]”. Esses dados

reforçam ainda uma análise do suicídio baseada numa perspectiva sócio-histórica, visto que as maiores incidências de casos de suicídio acompanham a formação das regiões do Brasil.

Figura 3 – Mapa do suicídio no Brasil



Fonte: Botega, 2015, p. 54

Percebemos, a partir da Figura 3 que o número de casos de suicídio é mais incidente em estados do sul e do centro-oeste, com particular destaque para o do Rio Grande do Sul cujo índice “[...] é o dobro da média nacional. O Mato Grosso do Sul também tem uma taxa elevada, devido, principalmente, ao suicídio indígena” (Botega, 2015, p. 54). Botega atribui o destaque do Rio Grande do Sul a questões complexas, porém, com maior evidência, destaca a importância do aspecto cultural e dos modos de produção. Nas palavras do autor,

[u]ma combinação de condicionantes socioculturais, econômicos e psicobiológicos parece se associar aos altos índices de suicídio entre os agricultores gaúchos. A cultura predominantemente alemã (e a conseqüente “migração” da taxa de suicídio do país de origem), a forma peculiar como a monocultura do tabaco vinculada a monopólios industriais ocorre em pequenas propriedades familiares, o potencial agravamento dos defensivos agrícolas à saúde, a baixa escolaridade, o endividamento, a defesa da honra em uma cultura patriarcal, a maior incidência de transtornos mentais e a história de suicídio que acompanha as gerações da família são algumas das condições estudadas (Botega, 2015, p. 55).

Em relação à densidade populacional, os números apontam uma maior incidência de suicídios em cidades pequenas em comparação a grandes. “Contradizendo o senso comum, que liga o suicídio ao fenômeno da urbanização, as maiores taxas de suicídio encontram-se em cidades de pequeno ou médio porte populacional” (Botega, 2015, p. 55). Há uma relação inversamente proporcional entre os números de homicídios e suicídios. “[...] [A] distribuição

das mortes autoinflingidas é exatamente inversa à dos homicídios que concentram nas grandes cidades e nas capitais” (Minayo, 2022, p. 223). Desse modo, percebemos que a violência autoinflingida se relaciona com a violência urbana. O temor pela vida, um sentimento constante de cidadãos de cidades grandes, aparenta gerar um forte sentimento de sua valorização, em oposição ao que vivenciam os cidadãos de cidades pequenas.

3.5 SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA RACIAL

Em relação à questão racial, é necessário compreender o suicídio como uma questão profundamente complexa e enraizada historicamente na população negra. Na sociedade brasileira, marcada por um processo de escravização das pessoas trazidas do continente africano, a demarcação por raça distingue socialmente grupos que foram marginalizados historicamente daqueles que foram privilegiados. Essa ideia de divisão e hierarquização de grupos demarcados racialmente produz, no Brasil, um racismo pautado no diferente tratamento de indivíduos a partir de suas etnias, resultando em diferentes condições de acesso a espaços de poder, saúde e educação. Segundo Navasconi (2022, p. 156),

[...] o racismo diz respeito a uma ideologia essencialista, isto é, a partir de uma ideia de divisão de humanidade em grandes grupos pautando-se em características físicas e hereditárias passaria ser possível produzir uma escala de valores desiguais. Sobretudo, a pessoa racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos, mas sim é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos etc. que essa pessoa considera naturalmente inferiores ao grupo ao qual ela pertence (Navasconi, 2022, p. 156).

Numa sociedade essencialmente racista como a brasileira, analisar a produção de sofrimento psíquico resvala em compreender esse sofrimento como fruto de um tratamento desigual estrutural para pessoas negras. Esse quadro é composto por violências que vão desde micro a macro agressões. Segundo Navasconi,

[...] entender o racismo como sendo determinante social em saúde é também compreender que ninguém sofre porque é negro, mas a vivência e a condição de sofrimento e adoecimento se instalam justamente por estarmos imersos em um contexto que se arquiteta pela lógica racista que, diretamente ou indiretamente, produz uma série de violências (Navasconi, 2022, p. 167).

A organização racista da sociedade brasileira estrutura, de maneira intrínseca e naturalizada, as relações interpessoais. De acordo com Silvio Almeida, “o racismo é sempre estrutural, ou seja, [...] ele é um elemento que integra a organização econômica e política da

sociedade. [...] é a manifestação normal de uma sociedade, e não é um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade” (Almeida, 2019, p.20). Desse modo, pode-se entender que “[o] suicídio na população negra brasileira é um fenômeno que remete ao processo de escravização de africanos e à persistência do racismo estrutural no Brasil.” (Tavares, 2018, p. 73).

O histórico da relação do suicídio com a população negra tem forte demarcação como forma de resistência psicológica à escravidão, ancorada na crença religiosa em reencarnação. Segundo Tavares (2018),

[a] morte por suicídio era atribuída, quando citadas as motivações, ao banzo, à crença de reencarnação com retorno à terra natal, ao “desgosto com o cativo”, mas fatores como “maus costumes”, “vícios”, desespero diante de condenações severas e “loucura” eram especialmente enfatizados (Tavares, 2018, p. 72).

Contudo, apesar de a população negra não apresentar, atualmente, maior incidência dos casos de suicídio, compondo 42,4%, em detrimento de 47,3% da população branca, dos casos de lesões autoprovocadas (Brasil, 2021), e também não compor maioria étnica nos estados com maior número de casos de suicídio, como o Rio Grande do Sul (Botega, 2015), se levarmos em conta os casos subnotificados, é necessário, atualmente, que existam mais trabalhos que busquem por mapear os casos de suicídio nessa comunidade. Tavares (2018) questiona os baixos números de suicídios da população negra apontando a invisibilidade dessas mortes numa população historicamente submetida a extremo sofrimento psíquico e social. Nas palavras da autora,

[n]úmeros tão baixos de casos notificados nesta população deveriam por si suscitar estudos que investigassem essas disparidades. Destacamos como possíveis causas da subnotificação, as repercussões do número elevado de homicídios entre homens jovens negros e a criminosa mortalidade materna entre as mulheres negras, o não reconhecimento social do luto das famílias negras, o desinteresse acadêmico pela saúde desta população e não reconhecimento dos casos de suicídio e do sofrimento psíquico da população negra pelos profissionais que atestam o óbito e pela população geral, resultantes do racismo estrutural e institucional (Tavares, 2018, p. 75).

Na população indígena, o número de casos de suicídio é marcante, tendo estudos mostrado, de forma consistente, um maior risco de morte por suicídio nessa população (Brasil, 2021, p. 8). Esse aspecto evidencia uma extremamente forte repressão cultural, enraizada num processo histórico de apagamento e destituição de direitos dessa população que acontece desde a invasão do território de suas nações pelos portugueses até os dias de hoje.

Segundo Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (Brasil, 2021, p. 8),

[u]m estudo em Roraima demonstrou um risco de suicídio 74% maior entre indígenas, comparados a não indígenas. Em outro estudo, no estado do Amazonas, verificou-se uma taxa de mortalidade por suicídio em indígenas (18,4 por 100 mil) sendo 4,4 vezes superior à população não indígena (4,2 por 100 mil). Além disso, enquanto entre indígenas o maior risco foi observado entre jovens de 15 a 24 anos, entre os não indígenas o maior risco foi verificado entre idosos. Outra análise em nível nacional demonstrou uma taxa média de suicídio entre indígenas, no período de 2015 a 2018, de 17,5 por 100 mil indígenas, sendo 2,9 vezes superior à taxa entre brancos, e 3,1 vezes superior à taxa entre negros, e com maior risco de morte na faixa de 15 a 19 anos de idade. Esses achados reforçam que a passagem para a vida adulta tem se apresentado como um período crítico para jovens indígenas, especialmente relacionado às transformações socioculturais decorrentes do contato com a sociedade não indígena. (Brasil, 2021, p. 8)

Botega (2015) afirma que essas questões sócio-históricas são fundamentais para a compressão dessa problemática dentro dos povos indígenas, sendo constante o sentimento de angústia decorrente da falta de perspectivas de futuro, apagamento cultural e marginalização. O tratamento extremamente violento por parte da sociedade gera um quadro propício ao sofrimento psíquico. Segundo o autor, “[o]s índices de depressão e de uso abusivo de álcool são altos nesse grupo, que encontra muitas dificuldades para manter sua terra, para ter boas expectativas em relação ao futuro e para impedir a dissolução de sua cultura e da dignidade pessoal” (Botega, 2015, p. 56).

3.6 APONTAMENTOS GERAIS SOBRE O SUICÍDIO

Num contexto geral, ainda que seja uma problemática de natureza geral, que acontece em todos os grupos sociais, é importante caracterizar sócio-historicamente o suicídio, ancorando-se na compreensão de processos complexos e mutáveis da sociedade brasileira. Analisar o suicídio como um elemento decorrente do sofrimento psíquico permite uma compreensão mais ampla do problema e o melhor entendimento de como as desigualdades sociais de distintas naturezas (raciais, econômicas, de gênero, de orientação sexual) afetam o psicológico dos sujeitos.

Reconhecer o suicídio como um problema social e natural(izado) dentro de uma sociedade como a brasileira é não fechar os olhos para as mazelas sociais que o compõem, visto que “[...] quase sempre uma morte auto infligida é pensada, preparada e antecedida por tentativas. Existe sim, os suicídios por impulso, mas eles são menos frequentes” (Minayo, 2022, p. 220), ou seja, é necessário entender o suicídio como um problema estrutural, alicerçado, sobretudo, no modo de produção capitalista vigente, e não um problema pontual

que ocorre aleatoriamente, pois, desse modo, o suicídio fica submetido a análises rasas e enviesadas a partir da visão do analista.

A questão do suicídio como uma problemática histórica ecoa também nos trabalhos que se voltam para as notas deixadas pelos suicidas, objeto de estudo desse trabalho. Ainda que a escrita de notas não seja regra na composição do ato, esse podendo ser premeditado ou impulsivo, essas não podem ser desconsideradas para sua compreensão. Patschiki (2014), em seu artigo “Últimas palavras... A carta de suicídio como fonte histórica”, mostra como as cartas de suicídio podem revelar as dinâmicas sociais vigentes que contribuem para o problema, numa relação entre sujeito e sociedade. Nas palavras do autor:

Se caracterizar o suicídio como uma atitude perante à vida não abriria precedentes para que se avaliasse a historicidade de cada caso, em seus condicionamentos sociais, em todas as forças históricas (a história tornada fardo) que levaram este ato a soar razoável e racional, a apresentar-se como “solução” para um drama, que por mais pessoal que seja, é condicionado por forças coletivas (Patschiki, 2014, p. 9).

Para os estudos da área da Saúde, como aqueles desenvolvidos no âmbito da Psicologia, Psiquiatria e Neurociências, o suicídio está intrinsecamente ligado aos transtornos mentais, mas se relacionando também de maneira multifacetada ao contexto social que se inserem as vítimas. Segundo Botega (2015, p. 115),

[u]m transtorno mental é um fator de risco quase essencial, ainda que insuficiente, para o suicídio. Isso por diversas razões: a condição clínica dificulta a adaptação à sociedade; leva à estigmatização; diminui a adaptação funcional e a qualidade de vida; provoca, com frequência, sentimentos dolorosos, como ansiedade, raiva e frustração; representa um ônus emocional e financeiro para o indivíduo e para a família; predispõe a vários estresses situacionais. Quando ocorre a combinação entre transtornos mentais, como, por exemplo, depressão e alcoolismo, ou, ainda, a coexistência de depressão, ansiedade e inquietude motora, há maior risco de suicídio. (Botega, 2015, p. 115)

Os estudos da área de Saúde, em geral, destacam que, ainda que possam não traduzir a causa principal do suicídio, os transtornos mentais são significativos para o seu entendimento, sendo a depressão e a ansiedade os mais representativos. “Estudos sobre a base biológica do fenômeno revelam níveis alterados de metabólitos de serotonina no fluido neuroespinhal de pessoas que cometeram suicídio.” (Mann; Apter; Bortolote, 2005 *apud*. Minayo, 2022, p. 225)

Importante frisar que quando falamos dos transtornos mentais como uma causa possível para o suicídio não estamos resumindo-os a sua motivação estritamente neurológica, como problemas derivados exclusivamente de disfunções neuroquímicas. Ao contrário, entendemos as doenças mentais em sua interdisciplinaridade e multifatorialidade (em que as

motivações neuroquímicas são **um dos** fatores, mas não menos importantes) como uma problemática conectada às questões sociais prévias, doenças que não estão desconectadas da formação de um sujeito histórico que sente, percebe e se inscreve num determinado mundo. No contexto dos anos de 2020 e 2021, por exemplo, com a pandemia da COVID-19 e suas consequências, como distanciamento social, falta de expectativa com o futuro, desemprego etc. tivemos um aumento significativo dos casos de doenças mentais como depressão e ansiedade (OPAS/OMS, 2021).

Segundo Andrade *et. al.* (2003), “Quimicamente, a depressão é causada por um defeito nos neurotransmissores responsáveis pela produção de hormônios como a serotonina e endorfina, que dão a sensação de conforto, prazer e bem-estar.”. Esses fatores afetam a percepção de mundo, que é corporalmente ancorada, dos indivíduos nessas condições, influenciando suas emoções e moldando a forma como os acontecimentos ao seu redor são interpretados e vivenciados. Ainda segundo Andrade *et. al.* (2003):

Na depressão acontece uma diminuição na quantidade de neurotransmissores liberados, mas a bomba de recaptção e a enzima continuam trabalhando normalmente. Então um neurônio receptor captura menos neurotransmissores e o sistema nervoso funciona com menos neurotransmissores do que normalmente seria preciso.

Nessas condições apresentadas, os indivíduos com essa patologia estão em um processo evolutivo de distorção cognitiva, perdendo gradativamente o controle de seus pensamentos, sem ter condições de utilizar outros esquemas cognitivos que possam se adaptar aos contextos em que estão inseridos, mantendo uma constante visão negativa da vida em todas as situações que se inserem (Bahls, 1999). Segundo Botega (2015), “[...] o marcante da depressão não é a tristeza; é a angustiante sensação de vazio, de falta de sentido e de ausência de sentimentos [...]” (Botega, 2015, p. 138).

Essas características entram em conformidade aos estudos da Psicologia que apontam o suicídio não apenas como um ato consumado por si só, mas sim como um *continuum*, configurando o que seria o **comportamento suicida**, “que abarca pensamentos autodestrutivos, que se manifestam em ameaças, gestos, tentativas e, finalmente, no suicídio consumado.” (Fensterseifer; Torres, 2020, p. 150).

Esse comportamento, por sua vez, não pode ser reduzido a uma única motivação. Deve-se entender que ele está inserido numa complexidade de causas (sociais, neurobiológicas, psicológicas etc. que se inter-relacionam entre si) e se materializa em

inúmeras ações comportamentais. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde/ OMS (2021):

A maioria dos suicídios é precedida por sinais de alerta verbais ou comportamentais, como falar sobre o desejo de morrer, sentir grande culpa ou vergonha ou se sentir um fardo pelos outros. Outros sinais são sensação de vazio, desesperança, de estar preso ou sem razão para viver; sentir-se extremamente triste, ansioso, agitado ou cheio de raiva; ou com dor insuportável, seja emocional ou física.

Mudanças de comportamento, como fazer um plano ou pesquisar maneiras de tirar a própria vida; afastar-se dos amigos, despedir-se, distribuir itens importantes ou fazer testamentos; fazer coisas muito arriscadas, como dirigir em velocidade extrema; mostrar mudanças extremas de humor; comer ou dormir muito ou pouco; usar drogas ou álcool com mais frequência também pode ser um sinal de suicídio (OPAS/OMS, 2021).

Esses sinais de alerta do suicídio são de extrema importância para seu reconhecimento prévio e consequente prevenção. O caráter comportamental do suicídio é objeto de estudo em inúmeras pesquisas da área da Psicologia, contudo, o caráter verbal, que poderia ser objeto dos estudos linguísticos, ainda é pouco pesquisado, mesmo que os dois assumam forte correlação entre si e sejam importantes elementos no entendimento da problemática.

Pesquisas que se utilizem das notas deixadas por suicidas como objeto de estudo são escassas e muitas das que existem estão teórico-metodologicamente demarcadas em outras áreas do conhecimento para além da Linguística, ainda que se utilizem pontualmente de alguns aspectos da área. Para além disso, as pesquisas demarcadas propriamente na Linguística e que se utilizam das notas de suicídio como objeto de estudo são ainda mais escassas, ainda que o referido objeto de pesquisa seja uma materialidade textual frutífera justamente para a área dos estudos da linguagem.

Estudos como o de Mulhmann e Ferreira (2015), que analisa aspectos semióticos da subjetivação de sujeitos suicidas em suas cartas; como o de Catelão (2015), que se volta para seus elementos argumentativos; e como aqueles inseridos na Linguística Forense, que analisam a autoria de cartas (supostamente) de suicídio com o objetivo de aplicação legal, ainda são insuficientes para demarcar e analisar com profundidade, a partir de um aporte teórico robusto e interdisciplinar, o caráter verbal desses textos como uma questão própria do comportamento suicida e ligada aos debates de saúde mental. A partir disso, podemos observar o quanto um trabalho como esse, que analise de maneira interdisciplinar o caráter verbal do suicídio, pode ser oportuno para contribuir com o debate desse tema tão complexo e como pode ajudar na identificação do pensamento suicida a partir da linguagem.

4 METODOLOGIA

A presente Dissertação se valeu do arcabouço teórico-metodológico da Linguística Cognitiva para se debruçar em um *corpus* específico, datado e localizado, e de importante impacto social: notas de suicídio.

Patschiki (2014), em seu artigo “Últimas palavras... A carta de suicídio como fonte histórica”, defende a ideia de que o suicídio deve ser entendido a partir de uma dinâmica social e histórica, para além de individual. Dessa forma, as notas de suicídio, que podem compor o ato, podem revelar quais aspectos estão em jogo nessas dinâmicas, e como esses demarcam características gerais de determinado período histórico. Nas palavras do autor,

[...]a carta, incluindo a de suicídio, como “fonte histórica”, necessariamente tem de transpassar essas relações individuais, sua análise, embora marcada pelo acontecimento, também possibilita ao historiador visualizar “modos de ser”: estruturas, valores, normas, representações, que afirmam e são afirmadas em um dado contexto histórico, em uma dada sociabilidade, que condicionaram e possibilitaram que naquele momento específico da escrita suicida emergissem e se afirmassem saberes e práticas que talvez, infelizmente, de outros modos, não seriam conhecidos ou não teriam a mesma profundidade (Patschiki, 2014, p. 2).

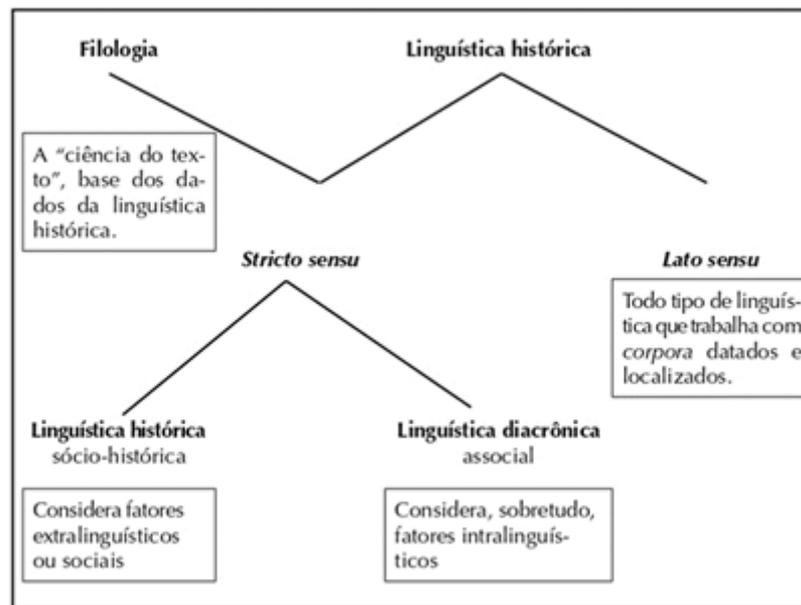
Em síntese, é crucial compreender o potencial sócio-histórico das notas de suicídio e, antecedendo isso, do próprio ato, que se configura de diversas formas ao longo da trajetória da humanidade. As notas de suicídio são fontes históricas textuais, objeto que interessa à Linguística Histórica (LH), tendo em vista que a área se preocupa tanto em descrever as mudanças quanto em registrar momentos históricos das línguas.

A LH é uma área da Linguística que busca uma aproximação entre os estudos da linguagem humana e das línguas em específico e da História, tradicionalmente entendida como a área do conhecimento que busca investigar o passado. Contudo, outras visões trazem uma nova concepção para a área, renovando essa ideia, de modo a colocar seu objeto de pesquisa sob outra perspectiva. Marc Bloch (2012 [1949]), em seu clássico livro *Apologia da história ou O Ofício do Historiador*, não concebe a História como a ciência que estuda o passado; em sua concepção, a História deve ser tomada como o estudo do homem no tempo, passando a ter, assim, um caráter dialógico, em que seu objetivo deve ser a compreensão do presente pelo passado e vice-versa. Nesse sentido, como apontado pelo autor, qualquer estudo que esteja voltado para o presente é igualmente histórico.

Ainda que não se baseie nas reflexões de March Bloch, uma concepção similar é perceptível no trabalho de Mattos e Silva (1988, 2008), sobre a Linguística Histórica.

Percebemos essa similitude quando a autora assume que a Linguística Histórica não deve ser somente aquela que explora a mudança ou períodos recuados da língua. Qualquer pesquisador que trabalhe com dados datados e localizados está atuando na Linguística Histórica. Mattos e Silva (1988, 2008) faz uma importante distinção entre Linguística Histórica *stricto sensu* e *lato sensu*.

Figura 4 - Proposta de divisão dos estudos em Linguística Histórica



Fonte: Mattos e Silva, 2008, p. 10

Nos termos da autora, a vertente *stricto sensu* abrange pesquisas que buscam compreender as mudanças linguísticas ao longo do tempo histórico, ao passo que a vertente *lato sensu* preocupa-se em descrever a língua em períodos específicos, sem se preocupar com as mudanças, mas fornecendo análises de determinados períodos históricos, pois trabalha sempre com dados datados e localizados, dando suporte, de alguma maneira, para a vertente *stricto*. Desse modo, segundo a concepção de Mattos e Silva (1988, 2008), toda pesquisa que cumpra com as delimitações apresentadas, mesmo que não se debruce sobre as mudanças, também faz parte da Linguística Histórica.

Nesse viés, a vertente *lato sensu* se configura, essencialmente, como um trabalho de descrição linguística, podendo ser voltada para todos os seus níveis de análise: fonológico, sintático, morfológico, lexical e semântico, desde que esteja ancorado em *corpora* datados e localizados. Essa vertente, por sua vez, ao lidar com a descrição linguística, “[...] pode lançar

mão de um aporte teórico que ajude na análise dos dados [...]” (Simões Neto, 2016, p. 27), ou seja, é necessário que exista uma escolha teórico-metodológica que contemple, de maneira coerente, a natureza do fenômeno a ser analisado. Partindo dessa perspectiva, é importante conceber a LH como um campo interdisciplinar, ao permitir a abordagem de inúmeras perspectivas de análise para a língua, essa, essencialmente, um produto histórico-social.

Dentro dos aspectos antes expostos, a presente dissertação se caracteriza como qualitativa, ou seja, descreve e analisa, a partir do aporte teórico-metodológico da LC, que define a metáfora como um importante elo entre cognição e linguagem (Lakoff; Johnson, 2002[1980]; Ferrari, 2016; Valenzuela; Ibarretxe-Antuñano, 2016, Kövecses, 2006), os conceitos de *vida* e de *morte* em notas de suicídio (textos datados e localizados), tendo em vista que, nesse *corpus*, há grande exposição a respeito desses conceitos, por conta de todo o contexto que envolve sua produção.

Segundo Santana (2019), “[...] a descrição é uma das características da abordagem qualitativa, que inclui a exposição, em detalhes, das ocorrências e do contexto em que estão inseridas para, em seguida, serem interpretadas” (Santana, 2019, p. 75). Dessa forma, é importante traçar a descrição como um importante componente das pesquisas inseridas no campo teórico da LC, pois é a partir dela que as formulações críticas a respeito do fenômeno analisado são pensadas, assumindo o caráter hermenêutico da área, em que a interpretação e intuição do pesquisador a respeito dos resultados é o cerne da pesquisa. Segundo Evans e Green (2006),

[...] os linguistas cognitivos formulam hipóteses sobre a natureza da linguagem e sobre o sistema conceitual refletido pela linguagem segundo essa concepção. Essas hipóteses são baseadas na observação de padrões na forma como a linguagem é estruturada e organizada. Segue-se que uma teoria da linguagem e da mente baseada na observação linguística deve primeiro descrever os fatos linguísticos de maneira sistemática e rigorosa, e de tal forma que a descrição forneça uma base plausível para o conhecimento implícito ou tácito da língua de um falante (Evans; Green, 2006, p. 15, tradução nossa³⁰).

Assume-se que os conceitos abstratos de *vida* e de *morte* são de grande importância para a vida humana e dependem de uma concretude para se materializarem. Esse caminho é feito através das metáforas conceptuais e podem evidenciar aspectos culturais, sociais,

³⁰Texto original: “[...] cognitive linguists form hypotheses about the nature of language, and about the conceptual system that it is thought to reflect. These hypotheses are based on observing patterns in the way language is structured and organised. It follows that a theory of language and mind based on linguistic observation must first describe the linguistic facts in a systematic and rigorous manner, and in such a way that the description provides a plausible basic for a speaker’s tacit knowledge of language.” (Evans; Green, 2006, p. 15).

psicológicos, neurológicos etc. Aspectos etários, religiosos, de gênero e de orientação sexual são levados em conta no presente estudo com o objetivo de compor um perfil desses sujeitos. As metáforas de VIDA e MORTE, portanto, emolduram determinado aspecto do comportamento suicida de modo a nos permitir a compreensão das dinâmicas envolvidas.

Baseando-se na Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 2002[1980]; Lakoff, 1993, Schmitt, 2017; Kövecses, 2006, 2010, 2020), serão analisadas as relações entre as conceptualizações metafóricas de vida e de morte e o estado emocional dos conceptualizadores, tendo em vista os inúmeros fatores que podem afetar sua percepção de mundo.

A metodologia de análise dos dados deve se ater com ênfase a esse aspecto, tendo em vista a influência dos fatores neuropsicossociais nos corpos desses sujeitos suicidas que afetam sua percepção de mundo. Segundo Evans e Green (2006),

[o] fato de nossa experiência ser corporificada – isto é, estruturada em parte pela natureza dos corpos que temos e por nossa organização neurológica – tem consequências para a cognição. Em outras palavras, os conceitos aos quais temos acesso e a natureza da 'realidade' sobre a qual pensamos e falamos são uma função de nossa corporeidade: só podemos falar sobre o que podemos perceber e conceber, e as coisas que podemos perceber e conceber derivam da experiência corporificada (Evans; Green, 2006, p. 46).³¹

O aspecto da experiência deve dialogar constantemente com os contextos de produção do sofrimento psíquico dos sujeitos suicidas, partindo dos pressupostos teóricos que afirmam o suicídio como uma questão, antes de tudo, social, fruto das mazelas das desigualdades. A experiência do sofrimento dos suicidas é cerne nas pesquisas em Suicidologia; nesta Dissertação, inserida teórico-metodologicamente na LC, esse aspecto não é diferente: o sofrimento psíquico, derivado de questões multifatoriais e experiências prévias, é cerne também no entendimento das conceptualizações feitas pelo escrevente. O entendimento global da *vida* e da *morte*, que aparece frequentemente nas notas deixadas, orienta para a análise das metáforas conceptuais desses conceitos. Segundo Schmitt (2017),

[a] compreensão investigativa das imagens linguísticas de outra pessoa é expressa através dos horizontes culturais de um sujeito histórico; as características sociais do

³¹ Texto original: “The fact that our experience is embodied – that is, structured in part by the nature of the bodies we have and by our neurological organisation – has consequences for cognition. In other words, the concepts we have access to and the nature of the ‘reality’ we think and talk about are a function of our embodiment: we can only talk about what we can perceive and conceive, and the things that we can perceive and conceive derive from embodied experience.” (Evans; Green, 2006, p. 46).

sujeito, sua experiência de vida e seu nível de educação tanto permitem como limitam essa compreensão. (Schmitt, 2017, p. 35)

Na abordagem da LC, entende-se que a linguagem não reflete uma realidade objetiva, uma vez que essa realidade não é, em essência, objetiva. O mundo existe independentemente de nós e nosso acesso a ele não é objetivo e independe da natureza do objeto, apesar das restrições impostas por ela. Desse modo, entende-se que a realidade existe ao nosso redor a partir dos nossos sentidos e é significada através da nossa experiência corporal.

Não há um mundo objetivo que exista independentemente dos seres humanos. Em vez disso, a linguagem reflete a nossa organização conceitual do pensamento em relação ao mundo.

Após considerar as reflexões iniciais sobre as abordagens teórico-metodológicas em LC apresentadas, reforçamos que adotamos uma abordagem qualitativa para a condução da pesquisa, que se baseia no paradigma da introspecção, ou seja, na observação e análise minuciosa realizada pelo pesquisador, com o principal objetivo de acessar as estruturas conceituais subjacentes à linguagem (Talmy, 2000); e possui uma natureza descritivo-interpretativa.

Rudolf Schmitt (2017), em seu livro *Análise Sistemática de Metáforas: um Método de Pesquisa Qualitativa*, discorre a respeito da falta de uma metodologia sistemática para os procedimentos de coleta, catalogação, descrição e análise dos dados na LC, “[e]ntretanto, mesmo diante desse déficit, a análise sistemática de metáforas, enquanto um processo hermenêutico, continua sendo uma arte aplicada” (Schmitt, 2017, p. 35).

A partir disso, o autor apresenta sete estágios para o procedimento de análise de metáforas, são eles: 1) identificação do fenômeno alvo e do problema de pesquisa (assunto; teorias; materiais); 2) coleta de metáforas de base cultural sobre um fenômeno; a análise das metáforas do pesquisador; 3) amostra de materiais no sentido da *amostragem teórica* 4) análise sistemática de metáforas subculturais/ individuais; 5) interpretação com ajuda da heurística; 6) garantia de confiabilidade; 7) apresentação (Schmitt, 2017, p. 35-36). Esses procedimentos visam a uma interpretação robusta e profícua dos dados, considerando a subjetividade do pesquisador e também dos sujeitos da pesquisa, de maneira que a sistematicidade da análise, foco do trabalho, seja mantida o máximo possível.

Neste trabalho, a perspectiva de análise das metáforas adotada ancora-se também numa análise discursiva baseada em *frames*, tendo em vista que esses podem ser acionados no/pelo discurso; nesse cenário, a metáfora é tida como um dispositivo de acionamento de

frames (Duque, 2015). Segundo Duque (2015), “[...] mapeamentos metafóricos provocam o acionamento de *frames* que orientam visões de mundo e produzem consequências políticas, sociais e comportamentais profundas” (Duque, 2015, p. 46).

Desse modo, uma análise de conceptualizações metafóricas baseada em *frames* permite um desenho mais amplo do panorama da produção textual das notas de suicídio, a partir das metáforas presentes no discurso dos suicidas. A conceptualização metafórica dos conceitos de *vida* e de *morte* orienta, de maneira ampla, para o entendimento de todos os outros aspectos subjacentes a esses entendimentos; a metáfora VIDA É GUERRA, por exemplo, pode acionar o *frame* GUERRA em outros aspectos da vida mais pontuais, como relacionamento e carreira, emergindo discursivamente ao se tratar de parceiros, clientes, chefes, colegas de trabalho, matérias da faculdade, universidade etc. como inimigos, por exemplo. Desse modo, entende-se que os elementos subjacentes à vida podem estar submetidos à conceptualização de vida como um todo, acionando *frames* nas “cenas” que a compõem.

Como afirma Duque (2015), “[...] *frames* se localizam em nossas mentes como estruturas que governam e organizam o modo como pensamos e experienciamos o mundo” (DUQUE, 2015, p. 46, grifo do autor); se pararmos para pensar na maneira que sujeitos suicidas se relaciona(ram) com o mundo, e como a experiência do sofrimento psíquico é central no debate, podemos nos utilizar dos *frames* acionados discursivamente por esses sujeitos como uma janela para o estudo do comportamento suicida em sua amplitude.

4.1 O *CORPUS*

A coleta do *corpus* desta dissertação foi feita seguindo os parâmetros apresentados por Mattos e Silva (2008), em consonância com a natureza *lato sensu* da pesquisa. Coletar os textos para a constituição do *corpus* de análise desse trabalho foi um impasse, tendo em vista a problemática que envolve o tema. Alguns entraves foram encontrados para sua constituição, como questões éticas e de acesso a esses textos; contudo, ainda que sejam poucos, outros trabalhos sobre suicídio também constituíram *corpus* de análise e a partir deles a metodologia para a constituição do *corpus* dessa presente pesquisa foi pensada. Outro entrave encontrado foi em relação ao estabelecimento de uma categoria de controle para constituição dos textos dessa pesquisa. A delimitação de qual gênero textual caracteriza as produções finais dos sujeitos suicidas não é clara quando pensamos na definição prototípica de “gênero textual”.

De acordo com Marcuschi (2003, p. 16), “[o]s gêneros são os textos da vida diária com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo, realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas”. Se pensarmos numa produção textual “típica”, o gênero se caracteriza como uma forma textual “relativamente estável” (Bakhtin, 1979), ou seja, na composição do texto, é esperado que elementos comuns relacionados ao gênero ao qual ele pertence estejam presentes, sendo essa noção constituída a partir do acesso prévio a textos desse mesmo gênero que teve seu escrevente. Com relação às notas de suicídio, isso não ocorre. Notas de suicídio são de difícil acesso e não circulam em contextos da vida diária, desse modo, seus escreventes não dispõem de uma noção prévia de elementos comuns para a composição do gênero. Esses textos atendem a necessidades diversas e complexas.

A partir disso, pensamos: o que define uma nota de suicídio? Ser escrita por um sujeito suicida? Decerto, pessoas que tiraram a própria vida escreveram vários textos ao longo de suas vidas que já poderiam indicar sinais possíveis de uma tendência suicida. Escritores como Wirgínia Woolf, Ernest Hemingway, Florbela Espanca, entre tantos outros que se suicidaram, escreveram poemas, romances e contos que já poderiam apresentar conceptualizações de vida e de morte estruturadas a partir de suas visões de mundo afetadas por suas condições mentais/emocionais. Sylvia Plath, escritora estadunidense que se matou em 1963, aos 30 anos, escreveu no poema “Lady Lazarus”, publicado em 1965 e escrito meses antes de seu suicídio: “Morrer / É uma arte, como todas as outras coisas. / Eu o faço excepcionalmente bem. / Eu faço para que pareça o inferno. / Eu faço para que pareça real. / Eu acho que você poderia dizer que eu tenho um chamado”³² (Plath, 1965, tradução nossa). Esse poema, ainda que discorra sobre a vida e a morte de maneira pessimista e flerte com ideações suicidas não é categorizado como uma nota de suicídio e não é cerceado pelos mesmos limites que as notas de suicídio propriamente ditas têm de circular socialmente. Ao contrário, esse texto é tido como literatura e pode ser estudado sem limites.

O que define uma nota de suicídio é seu conteúdo? Se sim, sobre o quê uma nota de suicídio deveria supostamente falar para ser considerada como uma? Decerto, outros textos de suicidas poderiam apresentar digressões sobre a vida. E isso também não seria uma característica exclusiva de pessoas suicidas, tendo em vista que todos nós conceptualizamos a vida e a morte de alguma forma a partir de diversos aspectos mais ou menos influentes.

³² Texto original: “Dying / Is an art, like everything else. / I do it exceptionally well. / I do it so it feels like hell. / I do it so it feels real. / I guess you could say I’ve a call.” (Plath, 1965).

A tentativa de suicídio seria suficiente para enquadrar esses textos como notas de suicídio? O que mudaria substancialmente em uma nota de uma pessoa que tentou o suicídio, mas não conseguiu, de uma nota escrita por uma pessoa que teve seu suicídio consumado?

Afinal, como definir um traço geral para textos tão diversos?

Algumas pesquisas que se predispuseram em analisar esses textos lidaram, em maior ou menor grau, com esse impasse. Trabalhos como: “Marcas Linguísticas em cartas de sujeitos suicidas: significações e subjetividade”, de Mulhmann e Ferreira (2015); “O dito do ‘eu’ que se foi: um exame semiótico do último adeus nas mensagens dos suicidas”, de Azevedo Junior (2021); e “O ÚLTIMO POST: Cartas de suicídio publicadas no Facebook”, de Fensterseifer e Martins (2020) constituíram seus *corpora* através de postagens em redes sociais, principalmente no *Facebook*, tendo sua validação feita por meio de jornais virtuais que as divulgaram. Outros trabalhos também constituíram *corpora* com cartas de suicídio resgatadas de inquéritos policiais, como “Suicídio por causas não declaradas, abordando cartas e bilhetes suicidas por uma leitura textual/discursiva e retórica”, de Catelão (2015), e até cartas de suicídio divulgadas em jornais impressos do século XX, como no trabalho “Escritos sobre culpa, esperança e saudade: a publicação, em jornal, das cartas de suicidas na Belém da virada dos séculos XIX e XX”, de Carvalho (2013).

Nos trabalhos supracitados, ainda que os textos coletados estejam categorizados num campo geral como “cartas de suicídio”, não se pode deixar de assumir a diversa variedade de configurações possíveis para eles. De acordo com Costa (2019), “[...] essas mensagens formam um gênero textual atípico, uma vez que não seguem uma estrutura preditiva e podem apresentar um conjunto, quiçá infinito, de diferentes propósitos comunicativos” (Costa, 2019, p. 6). A partir disso, entendemos a necessidade de caracterizar esse gênero de maneira ampla e complexa, podendo contar com diversos elementos em sua composição e ser estruturado de diferentes maneiras a depender do seu escrevente. Para isso, adotamos o uso do termo “notas”, considerando sua amplitude como um aspecto necessário para o controle produtivo do *corpus* dessa pesquisa.

Se pensarmos nos suportes que sustentam esses textos, percebemos como se relacionam de maneira direta à forma como categorizamos esses textos no gênero *nota de suicídio*. Os trabalhos mencionados anteriormente, por exemplo, consideram textos veiculados em *loci* físicos e virtuais, ainda que notas sejam, mais tradicionalmente, ancoradas em *locus* físico, com o uso de papel e caneta. Baseando-se em Marcuschi (2003), é necessário se pensar na distinção entre suporte e gênero textual; segundo o autor, “[...] há casos complexos em que o suporte determina a distinção que o gênero recebe.” (Marcuschi, 2003, p.

10), em que um mesmo texto como “Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder. Te espero no fone 55 44 33 22. Verônica.”,

[s]e [...] estiver escrito no papel colocado sobre a mesa da pessoa indicada (Paulo) pode ser um *bilhete*; se for passado pela secretária eletrônica é um *recado*; remetido pelos Correios no formulário próprio pode ser um *telegrama*; exposto no *outdoor* pode ser uma *declaração de amor*. O certo é que o conteúdo não muda, mas o gênero é aqui identificado na relação com o suporte. (Marcuschi, 2003, p. 10)

Decerto, as notas de suicídio são um desses casos. A escrita de suicidas está num mesmo cenário de composição, mas podem se materializar de inúmeras formas: podem ser textos curtos deixados em um bloco de notas, compondo um *bilhete*, podem ser veiculados em perfis de redes sociais, compondo *postagens*, podem ser textos longos escritos em papel, compondo uma *carta* etc.

De acordo com Samraj e Gawron (2015, p. 12), “[o] caso das notas de suicídio parece indicar a necessidade de construir categorias de gêneros textuais de nível mais elevado na teoria de gênero.” (Samraj; Gawron, 2015, p. 12, tradução nossa)³³. Desse modo, tendo em vista as inúmeras possibilidades de configurações textuais, em suportes e gêneros, assumimos o termo *nota* para catalogar esses inúmeros textos. Assumimos a concepção de “notas de suicídio” como um gênero textual em si mesmo.

A partir disso, tomamos com maior protagonismo o ato do suicídio em si, reconhecendo-o como mais prototípico nessa categoria, ainda que reconheçamos que o ato concreto de se matar não resume o problema, sendo o debate sobre suicídio permeado por questões complexas de saúde mental e também sócio-históricas e ideológicas; contudo, permite delimitar objetivamente a constituição de um *corpus* produtivo. Sobre isso, os autores Samraj e Gawron (2015) discorrem: “Com a ausência de uma comunidade discursiva identificável, a análise de notas de suicídio como gênero exige uma maior ênfase no papel do contexto social. Notas de suicídio são inscrições que acompanham um ato, assim como uma legenda acompanha uma figura de um texto.” (Samraj; Gawron, 2015, p. 12, tradução nossa)³⁴. Os autores apontam como o ato em si do suicídio é protagonista na análise das notas que o acompanham, devendo ser levado em consideração para uma análise ampla desses textos.

Ainda que as notas de suicídio se configurem de inúmeras formas e constituam um gênero textual anômalo, alguns aspectos discursivos parecem ser mais presentes. Parece haver

³³ Texto original: “The case of suicide notes seems to indicate the need for constructing higher-level categories of genres in genre theory.” (Samraj; Gawron, 2015, p. 12).

³⁴ Texto original: “With the absence of an identifiable discourse community, analysis of the suicide note as a genre calls for a greater emphasis on the role of social context. Suicide notes are inscriptions that accompany an act, as a caption accompanies a figure in a text.” (Samraj; Gawron, 2015, p. 12).

uma projeção social em conceber esses textos como cartas, sendo, inclusive, esse termo usado pela maioria dos trabalhos que se voltam para o estudo desses textos, ainda que estejam presentes em seus *corpora* outros gêneros que não são, necessariamente, cartas. A tendência de uma escrita mais longa e próxima da formalidade (característica do gênero carta), por exemplo, aparece em textos de suicidas veiculados em redes sociais, ainda que textos virtuais sejam prototipicamente mais próximos à informalidade/oralidade, e sejam mais curtos e dinâmicos. Outros elementos mais prototípicos do gênero carta, como saudação, conteúdo subjetivo, remetente, linguagem mais próxima da norma padrão, despedida etc. são recorrentes em todos os gêneros (abarcados nessa pesquisa pelo termo *nota*) a serem analisados, indicando, assim, um forte projeção histórico-discursiva na tradição da produção desses textos, materializada nessas inúmeras possibilidades de gêneros. Algumas postagens no *Facebook*, por exemplo, iniciam com frase do tipo: “Não sei como começar essa carta”, “É com muito pesar que escrevo essa carta” e “A CARTA...”, indicando como essa projeção é forte na constituição desses textos.

Sobre o conteúdo das notas, outras pesquisas da Linguística, como a de Catelão (2015), apontam a constituição desses gêneros como expressivamente argumentativa. Em seu trabalho, Catelão (2015) apresentou, “[...] com base nos pressupostos a respeito dos gêneros e das instituições do texto, que a enunciação do suicida estava ancorada em encadeamentos argumentativos mais ou menos estáveis, construindo uma realidade com vistas a justificar o ato.” (Catelão, 2015, p. 172).

Essas características dos gêneros, ainda que tão diversas, indicam um contexto de escrita específico, sinalizando uma projeção/consciência social para com o texto, que aponta características em comum a todos os gêneros em que se materializam. A partir disso, importa discorrer a respeito da noção de Tradição Discursiva (TD), tendo em vista que, como apontado por Barbosa (2012),

[...] falamos em TDs se as recorrências textuais estiverem aliadas a uma tradição cultural para além do dado em si, em um segundo movimento de afastamento, um segundo movimento de abstração dos dados que a materializam. (Barbosa, 2012, p. 592)

Dentro desses termos, a noção de TD amplia a noção de gênero, não compreendendo os textos apenas como “práticas sociocomunicativas relativamente estáveis” (BARBOSA, 2012, p. 590), mas sim como materializações de enunciados individuais, ancorados em um

discurso, e compondo uma ampla e complexa relação de proximidade com outros enunciados, caracterizando, assim uma tradição.

Nas palavras de Afrânio Barbosa (2012, p. 594):

Uma **Tradição Discursiva** é uma **abstração da cultura escrita** em uma dada sociedade que **identifica uma projeção histórico-discursiva** instituída a partir de normas textuais materializadas em um modo recorrente e continuado de uso de elementos linguísticos ou epilinguísticos (Barbosa, 2012, p. 594).

Nesse sentido, a noção de TD constitui-se como um novo, e importante, conceito aplicável à constituição de *corpora* em trabalhos da LH, tarefa essa essencial para todo trabalho da área, que, essencialmente, se debruça sobre um *corpus* para a obtenção de resultados, e os projeta num determinado tempo e espaço. Barbosa (2012) afirma a relevância de se aplicar a noção de TD na constituição de *corpora* históricos quando diz que “essa é uma questão central do ponto de vista de quem tenta operacionalizar categorias de controle textual [...]” (Barbosa, 2012, p. 591). Nesses termos, a noção de TD apresenta um novo paradigma metodológico para os estudos da LH como um todo.

Entender esses gêneros como produções socio-historicamente delimitadas, projetados em uma tradição cultural, é fundamental para se estudar o problema em sua amplitude, já que o suicídio possui causas intrinsecamente sociais que se refletem também nos suportes de veiculação de seus textos.

É importante ressaltar também a relevância que as redes sociais têm para a compreensão do problema. Esse gênero tem uma finalidade muito específica e é constante em variados períodos históricos, contudo, com o crescimento das redes sociais e o fortalecimento das relações interpessoais nesse meio, as notas de suicídio passam a ter caráter público, deixando de lado seu aspecto exclusivamente privado. Como afirmam Fensterseifer e Torres (2020), pesquisadoras da área de Psicologia, em um artigo sobre cartas de suicídio publicadas no Facebook:

Historicamente tinha-se um entendimento de que o suicídio, assim como a morte, eram eventos particulares, que envolviam o sujeito e sua família mais próxima. Todavia, na atualidade, com a ascensão das redes sociais, a publicização de qualquer evento e vivência, e não seria diferente com o suicídio, é alcançada com facilidade (Fensterseifer; Torres, 2020, p. 154-155).

Desse modo, ao ser coletado um *corpus* como esse também em postagens virtuais, assume-se a visão atual do caráter público que as redes sociais podem promover à prática, e

ainda permite debruçar-se sobre esse elemento como um importante fator social do período histórico da pesquisa em questão.

Em outros tempos, o suicídio era concebido como um evento particular, que demandava certo distanciamento de outras pessoas. Mesmo quando havia uma carta, ela era deixada para poucos. No entanto, pesquisas apontam que na atualidade há um cenário diferente (Fensterseifer; Torres, 2020, p. 155).

A partir dos paradigmas metodológicos apresentados, o presente trabalho percorre um caminho semelhante de constituição de *corpus* ao caminho percorrido pelos trabalhos de Mulhmann e Ferreira (2015), Azevedo Junior (2021) e Fensterseifer e Martins (2020). Baseando-se nos trabalhos existentes, e com uma busca criteriosa, foi possível constituir, em uma quantidade significativa e suficiente para a análise proposta, um *corpus* considerável para esse trabalho.

Foram buscadas reportagens virtuais que noticiassem casos de suicídio e publicassem as notas deixadas pelas vítimas, caso existissem, com essas podendo ser materializadas em diversos gêneros, como: postagens em redes sociais, bilhetes, anotações, cartas etc. Esse percurso é necessário para que a coleta do *corpus* seja viável, tendo em vista o conteúdo sensível que constitui o gênero, cuja divulgação esbarra em questões éticas, além da dificuldade de acesso a esses textos, que tendem a ser guardados pela família e pouco acessados pela sociedade em geral.

Constituído um *corpus* a partir de reportagens de jornais locais ou de mídia e grande circulação, pôde-se assegurar um texto verídico, validado por esses veículos, e que, presumivelmente, tiveram autorização dos envolvidos (família, ou até mesmo o próprio suicida, no caso de postagens de redes sociais) para sua veiculação.

Através de *sites* de busca, como o Google, foram utilizados alguns termos-chave, como: “cartas de suicídio”, “mensagem de suicídio”, “notas de suicídio”, “comete suicídio e deixa mensagem” ou outras no mesmo campo semântico que pudessem facilitar a busca. As notas selecionadas deveriam conter informações específicas, como: o período aproximado em que foi escrita, o gênero de seu autor, sua idade e nacionalidade. No caso das notas postadas em redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* etc., essas deveriam ter sido publicadas, por seus autores, em suas páginas pessoais. A ausência de informações como orientação sexual, religião, classe social, naturalidade e método escolhido não foi restritiva, mas também foram levadas em conta quando surgiram.

O projeto dessa pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Feira de Santana (número do parecer: 5.924.099), em que, por se

tratar de uma pesquisa cujo *corpus* se baseia em documentos de domínio público, não houve necessidade de registro nem avaliação pelo sistema CEP.

Levando-se em consideração o material sensível que essa pesquisa se propõe a analisar, alguns cuidados foram tomados para com esses textos, como a preservação da identidade dos escreventes, bem como a de pessoas citadas nos textos. Nenhum elemento textual ou visual que possibilite a identificação das pessoas envolvidas foi divulgado, como: assinaturas, marcações e interações com a postagem (no caso de postagens em redes sociais), números de telefone, endereços, número de conta de banco, fotos de perfil, ou qualquer outro elemento que possibilitasse a identificação da autoria do texto por familiares ou conhecidos da vítima.

Pensar nesses cuidados para com o texto é essencial em todos os trabalhos linguísticos que se baseiem em textos de autoria alheia, contudo, a situação sensível que permeia a escrita desses textos pede um criterioso cuidado para com eles, para que se evite, assim, o desgaste psicológico e emocional das pessoas envolvidas. Desse modo, o tratamento zeloso e respeitoso para com esse *corpus* foi assegurado.

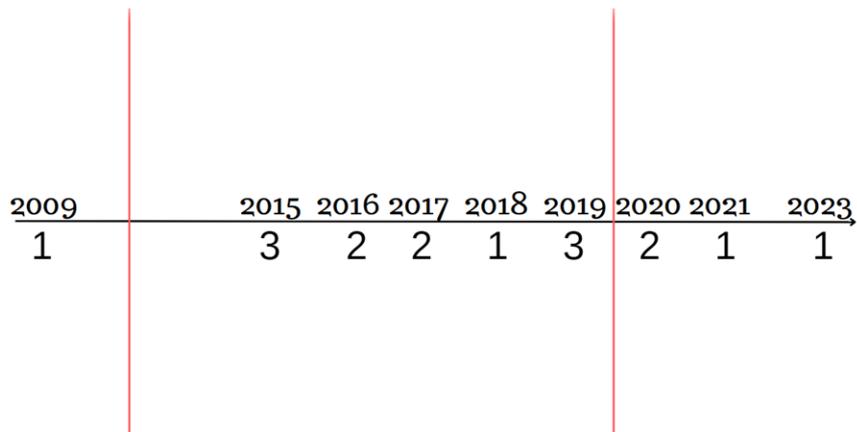
5 RESULTADOS E ANÁLISES

O *corpus* desse trabalho foi constituído por 16 notas de suicídio presentes em reportagens virtuais encontradas a partir da metodologia de busca em portais de notícia. Todos os textos encontrados na busca foram acrescentados ao *corpus*.

A seguir, apresentamos as análises das notas de suicídio selecionadas como *corpus* dessa pesquisa. Ao todo, foram 16 notas, sendo 10 notas escritas por homens e 6 escritas por mulheres. Desses sujeitos, 12 foram identificados como cis-heterossexuais e 4 como LGBTQIA+ (dois homens gays, uma mulher lésbica e uma mulher bissexual). Os gêneros textuais (englobados pelo termo “nota”) encontrados foram: 1 carta, 4 bilhetes (3 em papel e 1 digital, no bloco de notas do celular) e 11 postagens em redes sociais (10 no *Facebook* e 1 no *Instagram*, em formato de *story*).

A respeito da datação das notas, o *corpus* englobou textos das três décadas do século XXI decorrentes até o momento da escrita dessa Dissertação. Delas, 1 nota é escrita no ano de 2009, 3 em 2015, 2 em 2016, 2 em 2017, 1 em 2018, 3 em 2019, 2 em 2020, 1 em 2021 e 1 em 2023, como explicitado na figura 5.

Figura 5: Organização cronológica do *corpus*



Fonte: Elaborado pelo autor

As notas foram analisadas individualmente e organizadas cronologicamente a partir da data de sua escrita e, conseqüentemente, a partir da morte de seu autor. Ao final, foi feita uma análise geral com os elementos mais recorrentes nos textos e como os fatores sociais influenciaram nas conceptualizações encontradas.

Essa análise objetivou mostrar as expressões presentes nos textos, quais as conceptualizações metafóricas e metonímicas mais recorrentes, a relação que estabelecem entre si e quais *frames* são acionados a partir delas.

PESSOA 1

L.L.

Carta

Profissão: atriz

Gênero: Mulher cisgênero

Orientação sexual: heterossexual

Nascimento: 19 de novembro de 1959, São Leopoldo/ RS

Morte: 03 de dezembro de 2009 (50 anos), São Paulo/SP

Não chorem, não sofram, eu estou ABSOLUTAMENTE FELIZ!!! Era tudo o que eu queria: ter paz eterna com meu Deus e, se possível, com minha mãe. Eu não me suicidei, eu parti para junto de Deus. Fiquem cientes que não bebo e não uso drogas, eu decidi que já fiz tudo que podia fazer nessa vida. Tive uma vida linda, conheci o mundo, vivi em cidades maravilhosas, tive uma família digna e conceituada em Esteio, brilhei na minha carreira, ganhei muito dinheiro e ajudei muita gente com ele. Realmente não soube administrá-lo e fui iludibriada (sic) por pessoas de má fé várias vezes, mas sempre renasci como uma fênix que sou e sempre fiquei bem de novo. Aliás, eu nunca me importei com o ter.

Bom, tem muito mais sobre a minha vida, isso é só para verem como não sou covarde não, fui uma guerreira, mas cansei. É preciso coragem para deixar esta vida. Saibam todos que tiverem conhecimento desse documento que não estou desistindo da vida, estou em busca de Deus. Não é por falta de dinheiro, pois com o que tenho posso morar aqui, em Floripa ou no Sul. Mas acontece que eu não quero mais morar em lugar nenhum. Eu não quero envelhecer e sofrer. Eu vi minha mãe sofrer até a morte e não quero isso para mim. Eu quero paz! Estou cansada, cansada de cabeça! Não agüento mais pensar, pagar contas, resolver problemas... Vocês dirão: Todos vivem!!! Mas eu decidi que posso parar com isso, ser feliz, porque sei que Deus me perdoará e me aceitará como uma filha bondosa e generosa que sempre fui.

Aos meus fãs verdadeiros; aos jornalistas imparciais; ao [W.N.] e sua esposa [O.]; a LBV; ao [E.G.]; ao prefeito de Itu, [H.N.] e toda a sua equipe e ao meu amigo [Z.] meu muito obrigado. Às emissoras que trabalhei, obrigada. E aos colegas maravilhosos, muita luz! A todos os sites dignos que acompanharam a minha vida, SUCESSO!!! [E.], [E.R.], [T.], [O.D.P.], [F.C.], não se sintam esquecidos. Não posso citar nomes de amigas, pois aí seria um livro, mas [S.] você é a irmã que eu não tive. [M.], seja sempre feliz amiga. [M.], obrigada por tudo! [A], do TV Fama, beijo amiga. [T.D.P.] cadê você??? Desculpe a quem eu esqueci, a vida foi muito mais maravilhosa do que sofrida para mim. Obrigado Jesus, Nossa Senhora e meu

Deus, perdoem-me (sic) e recebem-me (sic) como a filha honesta e bondosa que sempre procurei ser! Fiquem com Deus, todos! [...].

Se existe sentimento maior que o amor, desconheço!

[L.L.]

As expressões metafóricas “Eu não me suicidei, eu **parti** para junto de Deus.”; “estou **em busca** de Deus.” e “**Fiquem** com Deus, todos!” são instâncias da metáfora conceptual MORTE É VIAGEM. Num contexto mais específico, a morte é viagem para o céu religioso, desse modo, o *frame* PARAÍSO é acionado sempre que a construção metafórica da morte como uma viagem é materializada. O paraíso é entendido como um lugar exclusivo em que estão presentes as divindades nas quais crê a autora; podemos perceber esse aspecto na frase “Nossa Senhora e meu Deus, perdoem-me (sic) e **recebem-me** (sic) como a filha honesta e bondosa que sempre procurei ser!”, quando a autora pede, direcionadamente a Deus e à Nossa Senhora, que a recebam, o paraíso é entendido como um lugar de acolhimento, de paz e de sossego, contrapondo-se à visão da vida como um lugar de guerra e cansaço.

Essa conceptualização da morte como uma viagem estrutura todo o texto da autora, com um propósito argumentativo: a morte é defendida como uma viagem para Deus. A partir disso, a autora vai utilizar a metáfora MORTE É VIAGEM como uma estratégia argumentativa para convencer os leitores de sua carta, mas principalmente seus familiares e amigos, a não sofrerem e encontrarem conforto. Se colocarmos em contraponto a outra metáfora VIDA É VIAGEM, que é a conceptualização de vida mais comum no Brasil (LEITÃO *et. al.*, 2015), motivada, sobretudo, por questões religiosas, percebemos que a autora cria um paralelo entre morte e vida, aproximando o conceito da primeira ao da segunda. A partir disso, a autora cria um paralelo, evidenciando suas crenças religiosas na vida após a morte. Na religião católica, a morte não é entendida como o fim, tanto que essa conceptualização não aparece em momento nenhum da carta. O foco semântico que a autora dá a esse aspecto é a maior tese na motivação que encontra para o suicídio. A autora só concretiza sua morte por acreditar, com muita fé, que ela não significa seu fim.

Com base na hierarquia das estruturas conceptuais apresentadas por Kövecses (2020), podemos analisar as conceptualizações em camadas apresentadas pelo seu grau de especificação, ou seja, seu grau de esquematicidade, a partir dos elementos discursivos apresentados ao longo do texto. Kövecses (2020), como apresentado anteriormente, desenvolve a seguinte hierarquia para as estruturas conceptuais: esquema imagético, domínio, *frame* e espaço mental (do mais para o menos esquemático). Elas também podem ser

entendidas como uma série de inclusões. Indo do nível mais para o menos esquemático, temos os seguintes níveis de esquematicidade para a metáfora MORTE É VIAGEM:

Nível do esquema imagético: MORTE É ORIGEM-PERCURSO-META;

Nível do domínio: MORTE É VIAGEM;

Nível do *frame*: MORTE É CAMINHO;

Nível do espaço mental: MORTE É CAMINHO PARA O CÉU; MORTE É CAMINHO PARA O PARAÍSO; MORTE É CAMINHO PARA A PAZ; MORTE É CAMINHO PARA A FELICIDADE.

A expressão metafórica “Era tudo o que eu queria: ter paz eterna com meu Deus e, se possível, com minha mãe.” evidencia a metáfora MORTE É CAMINHO PARA A PAZ, e mais especificadamente PAZ ETERNA, nesse contexto, a paz está como meta, algo que ela encontrará ao final da sua viagem.

Esse aspecto dialoga coerentemente com as metáforas já apresentadas e também com o *frame* PARAÍSO, cujo conceito é entendido como um lugar de paz e descanso eterno, porém, sobretudo, dialoga com a metáfora VIDA É GUERRA, materializada pela expressão metafórica “fui uma guerreira, mas cansei”. Essa metáfora aciona o *frame* de ESFORÇO, como em “mas cansei” e “Eu quero paz! Estou cansada, cansada de cabeça!”, dentro disso, tomar a vida como uma constante luta projeta a noção de cansaço como consequência de viver, já que o ato de lutar pressupõe o uso do esforço físico em sua dinâmica. Também é acionado o *frame* de PESO, como em “Não agüento mais pensar, pagar contas, resolver problemas...”. Dentro dessa lógica, a vida, e os aspectos subjacentes a ela, como pensar, pagar contas, resolver problemas etc. são entendidos como pesos que são carregados e, conseqüentemente, a cansam. Podemos inferir, a partir da metáfora VIDA É GUERRA e dos *frames* que ela aciona, que a morte está sendo entendida como o descanso desse constante esforço de viver; como morte e vida são conceptualizados de maneira inter-relacionada, podemos afirmar que há aqui a metáfora MORTE É DESCANSO em contraponto à metáfora VIDA É GUERRA.

A partir desses aspectos, percebemos que a autora contrapõe constantemente os dois conceitos antônimos: a vida como guerra e morte como paz. Esse contraponto também constitui uma estratégia argumentativa importante ao longo do discurso da autora. Convencer seus leitores de que sua vida era cansativa e infeliz e que na morte encontraria paz e felicidade é usado como forma de tranquilizar seus leitores, criando empatia com sua dor. Nesse ponto, é

importante frisarmos na importância das notas de suicídio não serem divulgadas amplamente. A estratégia argumentativa dos sujeitos suicidas de criar empatia com suas dores aparece de forma consistente em todas as notas de suicídio. O objetivo primeiro é o de se justificar do ato, reconhecidamente terrível, que estariam em vias de cometer, contudo, esse caminho argumentativo recai em criar empatia com leitores que estejam passando pelas mesmas dores e não tenham perspectiva de melhora. Ao se depararem com textos como esses, e sem a menor contextualização e perspectiva crítica, acabam por enxergar o mesmo caminho que tomaram os autores desses textos como possibilidade.

Ao mesmo tempo em que a metáfora VIDA É GUERRA é bem estruturada ao longo do texto, trechos como “Tive uma vida linda” e “a vida foi muito mais maravilhosa do que sofrida para mim.” parecem se distanciar da imagem criada pela autora da vida como uma guerra e dos aspectos subjacentes a ela como pesos. Esse contraste é pressuposto pela autora, que tenta ao longo do texto mostrar como sua vida foi boa. Elementos como estabilidade financeira, fama, talento, poder aquisitivo etc. aparecem como elementos argumentativos intencionados a mostrarem ao leitor que sua vida foi bem vivida. Esses usos evidenciam a metáfora ontológica VIDA É ENTIDADE.

As expressões metafóricas “É preciso coragem para deixar esta vida” e “já fiz tudo que podia fazer nessa vida” evidenciam a metáfora VIDA É LUGAR, que também dialogam com a metáfora mais esquemática MORTE É ORIGEM-PERCURSO-META, sendo a vida entendida como o lugar de partida da viagem rumo ao paraíso. Indo do nível mais para o menos esquemático, temos os seguintes níveis de esquematicidade para a conceptualização de VIDA:

Nível do esquema imagético: VIDA É ORIGEM-PERCURSO-META;

Nível do domínio: VIDA É LUGAR; VIDA É GUERRA;

Nível do espaço mental: VIDA É ARENA DE BATALHA

Por último, a expressão metafórica “não estou desistindo da vida” evidencia a metáfora VIDA É JOGO, porém num sentido específico de negação. A autora propõe justamente que a sua vida não seja entendida como um jogo do qual ela desistiu, mas sim algo mais grandioso.

Em resumo, a carta estrutura as ideias de vida e de morte através da metáfora conceptual MORTE É ORIGEM-PERCURSO-META, alicerçando os elementos subjacentes a partir dela. Analisando de maneira geral, a vida é o ponto de partida da viagem, local onde a autora se encontra no momento presente à escrita do texto, esse local é entendido como uma

arena de batalha onde a autora é a guerreira, a morte é o percurso para a saída desse local, e a meta, o destino final, é o paraíso religioso, local de paz e descanso.

PESSOA 2

U. L. A. S.

Postagem no *Facebook*

Gênero: homem cisgênero

Orientação sexual: heterossexual

Nascimento: Maringá/PR

Morte: 18 de janeiro de 2015 (18 anos), Araucária/PR

eu tenho meus motivos.

o fato de nao saber lidar com a dor, machuca mais do que a própria dor.
a vida nao tem sentido quando nao se procura sentido na vida.

eu amo todos os meus amigos, os mais proximos, podem saber que vou pensar em todos voces. amo mesmo.

a culpa antes de tudo é minha. mas há varios outros fatores....
a familia é a mesma que une e a mesma que destrói, nao digo isso de boca pra fora, basta eu refletir.

Pai [J.A.S.] o senhor nos deu tudo, e ao mesmo nao deu nada: encher de coisas materias nao vai trazer o amor dos seus filhos, encher de amor vai trazer amor, o senhor foi meu herói, sempre tive a sua imagem como meu grande mestre. faz de tudo, tudo mesmo pelos filhos, mas peca em dar carinho, e isso sempre senti falta. entao aproveite o pouco tempo de vida que lhe resta (a mim nao resta tempo) ame-os e tente mostrar afeto, isso é o que falta.

Mae [C.R.P.] ser uma pessoa presente faz de voce uma mae. dava os melhores conselhos, nunca tive do que reclamar, mas se engana a senhora em achar que eu concordo com as suas atitudes, ame mais o [E.], dê carinho, eduque, só assim voce vai salvar ele. eu pequei, nao fui um irmao presente.

Irmaos [F.], [N.], [M.], [Y.], [E.], [R.], [E.], e [J.]
façam o que a familia [A.] faz de melhor, se divirtam, sejam unidos, amem uns aos outros, e aproveitem, quero mesmo que aproveitem, nao percam tempo com besteira, com drogas...
e principalmente ao [M.] e o [N.], nao vejam só o lado de voces da moeda, pensem como se fossem voces os pais, retribuam o que o nosso herói é.
voces sao meu porto-seguro. amo todos voces meus irmaos e meus pais.

Cuidem do [E.], deem carinho a ele, [Y.] e [F.], sejam irmaos de verdade... levem ele pra passear, abracem, ele só tem a voces.
eu amo voces, sabem que eu amo, vovô e vovó, voces sao incriveis, tio [J.] o senhor é abençoado. [T.] nao seja a pessoa falsa que voce sempre foi.

Madrinha nao passe sempre a mao na cabeça da sua filha porque voce nem sabe o que ela faz... madrinha voce é incrivel.
sejam unidos pelo amor a mim.

eu nunca tive tanta certeza de dizer o que vou dizer: vou descansar em paz, e quando descansar, espero deitar ao lado Direito (esquerda só fode) de Deus. demorei pra crer nele, já é tarde demais.

lá deve ser lindo...

será que o no paraíso tem passaros?

eu sempre me debati com esse pensamento: a vida é feita para os fortes, a mudança parte de nós mesmos, quem não consegue fazer nada por si mesmo, é um fraco.

acreditem... meu sonho era ser presidente do Brasil. sabe.. fazer algo de realmente útil pela humanidade. sou um eterno discípulo da política, e meu dever é servir à humanidade.

(debate e zoeira infinita)

quem for Petista ou apoie a Dilma, que não vá no meu velório.

sou fraco.

[K.K.K.] com você eu descobri o que é amor, e que o amor machuca (nunca pense que fiz o que fiz por sua culpa)

pela primeira vez na minha vida senti amor de verdade, carinho. percebi o quanto seus braços me aqueciam, a coisa mais linda dentro de mim é você.

Desculpe por não ter sido um namorado melhor, eu sei que poderia ter feito mais. e eu não peço desculpa por esfaquear seu coração como estou fazendo, porque não sou digno de desculpas.

sobre as rosas no céu, eu vou pensar em você, quando sentir o cheiro delas...

todos os poemas escritos, foram feitos pra você, mulher, que me mostrou o que é ser importante pra alguém.

mas vou te dar um conselho, seja a melhor o possível com seus namorados, assim você não correrá o risco de perder outro. se entregue e dê carinho, demonstre importância, faça coisas pra agradar.

eu poderia ter sido um namorado melhor.

te amo

te amo [K.].

seus olhos brilham e iluminam o meu coração.

queria ter um cão chamado Brayan....

plante uma árvore em minha memória. eu adoraria estar presente pra cuidar de vocês.

quero que sorriam ao se abraçar.

o meu único legado é a minha inteligência, espero que sigam meus conselhos e façam das suas vidas melhores.

tchau, algum dia talvez eu encontre vocês no céu, vou ter um amigo lá...

deus os abençoe.

O conteúdo escrito na nota é envolto por uma perspectiva religiosa cristã e por uma ideologia política conservadora, explicitamente alinhada à extrema direita brasileira. Esses pontos são importantes por serem instâncias das metáforas presentes, sendo aspectos relevantes para as conceptualizações basilares de vida e de morte.

A perspectiva religiosa aparece explicitamente em trechos como “espero deitar ao lado Direito (esquerda só fode) de Deus. demorei pra crer nele, já é tarde demais. lá deve ser lindo... será que o no paraíso tem passaros?”, compreendendo a morte como uma viagem, sendo o paraíso religioso o seu destino final. A perspectiva apresentada de Deus como salvador aparece aqui de maneira literal. Deus é entendido para além do salvador espiritual, mas também do salvador da própria carne. A salvação, para o conceptualizador, aparece

nesses dois contrastes. Deus não consegue salvá-lo da vida, mas espera-se que o salve da morte. Não que o conceptualizador entenda Deus como culpado; sobre isso ele escreve “demorei pra crer nele, já é tarde demais.”, colocando sobre a sua falta de fé uma parte da responsabilidade pelo seu suicídio. A noção de salvação também aparece presente no trecho “ame mais o [E.], dê carinho, eduque, só assim voce vai salvar ele”, em que o conceptualizador aponta como elementos de salvação o carinho e o afeto familiar.

Essa perspectiva da vida e da morte mediada pelo suicídio parecem surgir como uma forma de se colocar como protagonista do evento que o autor cria, dentro de uma lógica em que a sua perspectiva desses conceitos deve ser tomada como a principal, já que é a perspectiva bíblica e politicamente correta.

A expressão metafórica “a vida nao tem sentido quando nao se procura sentido na vida.”, é instanciada pela metáfora VIDA É JORNADA, em que “sentido” tem significado de direção. É necessário que exista uma meta clara na jornada da vida para que ela faça sentido. A expressão metafórica “nao percam tempo com besteira, com drogas...” é instanciada também pela metáfora VIDA É JORNADA, em que a noção de perda de objetos durante a jornada é tomada. Nesse caso, há aqui a metáfora ontológica TEMPO É OBJETO, sendo, nesse caso, um dos objetos que carregamos na jornada da vida e que não podem ser perdidos no trajeto. A conceptualização de tempo também aparece na expressão metafórica “entao aproveite o pouco tempo de vida que lhe resta (a mim nao resta tempo)”, em que o tempo é também tomado como algo precioso e limitado, instanciado pela metáfora TEMPO É DINHEIRO.

A expressão metafórica “tchau, algum dia talvez eu encontre voces no céu” também é instanciada pela metáfora VIDA É JORNADA, em que “tchau” indica uma despedida para a jornada. Nesse caso, também há aqui a metáfora MORTE É JORNADA. Essa inter-relação aponta, assim como ocorre em outras notas, o espelhamento das metáforas de vida nas metáforas de morte, indicando, com isso, a crença religiosa do conceptualizador no processo de conceptualização. A noção de “encontro” no pós-vida também é instanciada pela metáfora MORTE É JORNADA.

A metáfora VIDA É LUGAR também aparece de maneira contundente na nota. As expressões metafóricas “Mae [C. R. P] ser uma pessoa presente”, “na minha vida”, “eu adoraria estar presente pra cuidar de voces.”, “nao fui um irmao presente.” indicam uma forte relação entre a vida e o lugar em que ela acontece. A noção de presença e ausência na vida do conceptualizador e na dos outros que ele conhece aparece como um elemento relevante metaforicamente estruturado pela noção de **qualidade** das relações interpessoais.

A metáfora VIDA É GUERRA instancia as expressões metafóricas “a família é a mesma que une e a mesma que destrói”, “sou fraco.”, “a vida é feita para os fortes”, “a mudança parte de nós mesmos, quem não consegue fazer nada por si mesmo, é um fraco.”, “eu nunca tive tanta certeza de dizer o que vou dizer: vou descansar em paz, e quando descansar, espero deitar ao lado Direito (esquerda só fode) de Deus. demorei pra crer nele, já é tarde demais.”. Essas expressões acionam, dentro da perspectiva de guerra, um *frame* de ESFORÇO. A vida é entendida como algo exaustivo e cansativo e é vivida a partir de uma noção de força e fraqueza. O suicídio é entendido então como a expressão máxima dessa fraqueza, como uma falha individual do ser humano. Essa perspectiva individualista aparece em trechos como “quem não consegue fazer nada por si mesmo, é um fraco” e “a culpa antes de tudo é minha.”

Os principais pontos dessa nota se desdobram em dois aspectos: culpa e fraqueza.

A noção de culpa, muitas vezes, está profundamente enraizada na tradição cristã, em que pecado e arrependimento desempenham papéis centrais. Na ética cristã, a culpa está ligada a transgressões morais, delineadas pelos mandamentos religiosos. Na nota, o suicídio aparece como a principal transgressão cometida pelo seu autor.

A noção de fraqueza surge como uma responsabilidade individual. Nesse contexto, a fraqueza é associada à falta de habilidades, resiliência ou capacidade de se adaptar à vida. Essa perspectiva, central num ideal neoliberal por exemplo, muitas vezes destaca o papel do indivíduo como o principal arquiteto de seu próprio destino, promovendo a ideia de que o sucesso é uma recompensa para os mais capazes e diligentes.

PESSOA 3

E. S.

Postagem no *Facebook*

Gênero: homem cisgênero

Orientação sexual: heterossexual

Nascimento: São Paulo/SP

Morte: 12 de fevereiro de 2015 (38 anos), Bauru/SP

A TODOS QUE ME CONHECERAM UM DIA... A QUEM ESTIVER VENDENDO ESTA MENSAGEM... É porque um dia me conheceram e ficaram sabendo o porquê desta atitude que tomei!!! TUDO ISSO FOI EM VIRTUDE DE [D.P.S.], [F.G.C.] E O SR CAPITÃO DA PM [L.B.S.]... Esta [F.G.C.] ARMOU TODA ESTA DESGRAÇA. Trazendo o sr [L.B.S.] até Bauru para tentar se aproximar da [D.P.S.] que namorava e morava em minha casa... DEPOIS DISTO O MESMO

COMEÇOU A MANDAR RECADINHOS EM FACEBOOK, Instagram e outros, fazendo com que ela virasse sua cabeça para o término do nosso namoro!! Depois de sugar tudo o que conquistei trabalhando e bancando a mesma... Agora ela quis sair fora... Para assumir um romance secreto com o SR [L.B.S.]... Em conversas que consegui via WHATSAPP e telefonemas... Ele promete até faculdade de veterinária a mesma... Quando a [D.P.S.] FOI A SP NO EVENTO DA MARYKAY. Todos ficaram preocupados porque a mesma não estava no hotel sendo que todas as outras participantes já haviam retornado, portanto deixando bem claro a todos que a mesma ESTAVA EM UM MOTEL COM O SR [L.B.S.] isto a própria [D.P.S.] me contou e não queria que dissesse a família me pedindo perdão. Por várias vezes pedi ao mesmo que parasse de ligar e enviar msg a ela mas ele não aceitava, me ignorava, acho que queria descontar os chifres que levou durante 8 anos de casamento com a ex esposa [F.G.], que já está até noiva de outro, pois bem... Esta atitude SR [L.B.S.] ESTOU TOMANDO POR CAUSA daquela conversa lembra na casa do [P.C] QUE O SR MESMO DISSE QUE MULHER ASSIM DEVERIA LEVAR UM TIRO NA CABEÇA!!! Eu recordo!! E tomo esta atitude diante disso. E o que mais me enche de ódio e o fato de toda família dela saber disso e não me apoiar!! Portanto que vocês sigam suas vidas sabendo o que vocês causaram [F.G.C.]. E o SR [L.B.S.] se quiserem seus telefones para esclarecer qualquer coisa tá aqui o tel [...] [L.B.S.], o da dona [F.G.C.] [...]... DUAS DESGRAÇA QUE ENTRARAM EM NOSSAS VIDAS. A família de [D.P.S.] VOCÊS PODIAM TER MAIS CONSIDERAÇÃO EM RELAÇÃO A TUDO ISSO, fiz sempre o melhor que pude quando morou comigo nunca faltou nada a ela!! Gastei até o que não tinha para mantê-la desde comida. Academia, presentes, etc. Na compra da Ecosport de vocês desde a negociação e dinheiro emprestei a vocês para realizar um sonho!! E agora no final o que recebo é a traição até de vocês... vocês sabiam de tudo isso só estavam me cozinhando, faziam de conta que não estava acontecendo!! A PRÓPRIA [D.P.S.] ME FALOU... Mas ingratidão se paga assim. Fiz isso porque apostei tudo nessa mulher. Desisti de viver com uma traição dessa. MAS QUE FIQUE BEM CLARO AO SR [L.B.S.] E [F.G.C.]... VOCÊS SÃO OS MAIORES CULPADOS DE TUDO ISSO!!!! Lembro bem de uma coisa que as meninas da CAO A DIZIAM [C.], [Z.] e [D.]... esta mulher está destruindo você... sai desta, você não precisa dela. Pode arrumar coisa melhor... Mas o amor era mais forte pois até lá ela tinha roubado 3 mil reais do caixa da CAO A para comprar seu Corsa e quem teve que ressarcir o trouxa aqui [M.] aí de seu escritório também foi retirado muita coisa desde mangueira, pratos, talheres e outras coisinhas de pequeno valor que ela dizia que você a deixava levar tudo, eu duvido casa tem muita coisa e na dela também, dê uma olhada... Pois de SANTA ELA NÃO TEM NADA. Então deixo bem claro MORRI E MATEI AMANDO AINDA... essa bosta. Que DEUS TENHA PIEDADE SÓ ELE SABE O QUE PASSEI!! 69 SEMPRE DISSE QUE O FIM SERIA O FACEBOOK E FOI... [F.G.C.] E [L.B.S.]... VOCÊS FORAM OS ESCROTOS QUE CONHECI NESTA TERRA. DESGRAÇADOS, TRAIADORES E CHIFRUDOS... QUE FIQUEM BEM E CARREGUEM ESTA TRAGÉDIA COM VOCÊS PRO RESTO DE SUAS VIDAS... ESCROTOS, traidores. Éramos felizes. Como está no Instagram... DIA MARAVILHOSO... ME LEMBRO BEM DESTA DIA... não [L.B.S.]. O carro está em nome dela quero que fique com meu irmão ele quita as parcelas e dá um jeito. [J.], tem um cartão com o número da senha embaixo do pote de gel perto dos relógios de sua gaveta dá pra mãe terminar a casa. Você pode sacar 1500 por dia. Deve ter nesta conta uns 12 mil. Tem um pug que comprei pra ela, mas... Quero que fique com a [G.] como recordação!!! As coisas 524 e o número da casa a chave vai ficar dentro do vitrô do banheiro, corram lá antes que roubem o que tem dentro de casa, meu telefone está com senha sua data de nascimento, fique com vocês, dê pra mãe e peça perdão a ela!! TE AMO MUITO MÃE ORE POR MINHA ALMA!! Não se sintam culpados por nada!!! BAURU FOI A DESGRAÇA EM MINHA VIDA!!! FIM... QUE TODOS TENHAM MISERICÓRDIA E DEUS PIEDADE ELE SABE O QUE MINHA ALMA SOFREU ESSES DIAS!!! Com Facebook começou com Facebook terminou!! [L.B.S.] E [F.G.C.] VOCÊS SE MERECEM 2 CHIFRUDOS FILHOS DA PUTA SEM CORAGEM SÃO BONS APENAS COM SEUS FC.

Essa nota apresenta um contexto peculiar: ela, além de uma nota de suicídio, é um anúncio de um assassinato; o escrevente a publicou no *Facebook* minutos antes de assassinar a ex-namorada, que desconfiava que o estava traindo, ele se dirigiu ao local de trabalho da ex-amorada e disparou um tiro em sua cabeça, logo após, se suicidou da mesma maneira.

A expressão metafórica “DUAS DESGRAÇA QUE ENTRARAM EM NOSSAS VIDAS” é instanciada pela metáfora VIDA É LUGAR; num sentido mais específico, a vida é entendida como um lugar compartilhado com a pessoa amada. Nesse sentido, a dinâmica do relacionamento configura a vida como um todo, numa relação próxima em que o bem-estar ou mal-estar do relacionamento influencia diretamente na totalidade da conceptualização da vida. Esse lugar é tomado como um recanto de paz, conforto e cuidado antes de ser tomado por uma desgraça. Nesse caso, há a metáfora DESGRAÇA É PESSOA, indicando que a dinâmica do relacionamento interpessoal com outras pessoas devastou o lugar. Do mesmo modo, a expressão metafórica “VOCÊS FORAM OS ESCROTOS QUE CONHECI NESTA TERRA. DESGRAÇADOS, TRAIADORES E CHIFRUDOS...” coloca em questão a metonímia TERRA POR VIDA que, por sua vez, instancia a metáfora VIDA É LUGAR. Essas expressões indicam a forte relação entre o sentido de vida e o local em que ela acontece, sendo a qualidade dos relacionamentos interpessoais tomados como parâmetros para a construção metafórica desse lugar.

A expressão “Fiz isso porque **apostei** tudo nessa mulher.” é instanciada pela metáfora VIDA É JOGO e, num contexto mais específico, VIDA É JOGO DE AZAR. Aqui, entende-se a vida como um jogo de apostas, em que as relações interpessoais e amorosas são investimentos na felicidade. Essa concepção é instanciada pela metáfora APOSTA É PESSOA. Como o conceptualizador entende que perdeu na sua aposta e não encontrou a felicidade, a morte é tomada como a concretização de sua derrota.

As expressões metafóricas “E agora **no final** o que recebo é a traição até de vocês...”, “Que DEUS TENHA PIEDADE SÓ ELE SABE O QUE **PASSEI!!**” e “QUE **FIQUEM BEM E CARREGUEM ESTA TRAGÉDIA COM VOCÊS PRO RESTO DE SUAS VIDAS....**” são instanciadas pela metáfora VIDA É JORNADA. A última expressão (“CARREGUEM ESTA TRAGÉDIA”) indica também a metáfora TRAGÉDIA É PESO que por sua vez indica a metonímia SUICÍDIO POR TRAGÉDIA. Essas conceptualizações evidenciam o objetivo principal da nota que é o de gerar o maior sofrimento possível àqueles que anteriormente causaram sofrimento ao conceptualizador. Tomar metonimicamente o suicídio como uma tragédia aponta um juízo de valor ao ato de reconhecer o seu impacto emocional às pessoas mais próximas do conceptualizador. Essa noção permeia toda a nota e

coloca em foco a motivação do suicídio do autor: uma traição por parte da pessoa amada. Essa dinâmica amorosa aparece como um elemento importante em outras notas e evidencia o superinvestimento nessas relações.

A metáfora VIDA É GUERRA instancia a expressão “esta mulher está **destruindo** você...” em que, ainda que tenha sido dita por outra pessoa, parece haver uma concordância do conceptualizador para com essa ideia. Essa metáfora também é instancia a expressão “**Desisti** de viver com uma traição dessa.”, que toma o conceito de traição, mediado pela conceptualização da vida como guerra, metaforicamente como ataque. Nesse caso, a traição é um ataque direto ao conceptualizador, que não reage a isso lutando, mas sim escolhe desistir. Ao mesmo tempo em que seu suicídio tem o propósito de, de alguma forma, atingir essas pessoas que o atacaram primeiro, ainda que o seu autor seja, além de um suicida, um feminicida, ele não se coloca dessa forma. Esse fator nos permite pensar: como as relações amorosas são pensadas socialmente por homens heterossexuais? Quais dinâmicas sociais estão em jogo para que a mulher seja vista como propriedade? A nota não parece se preocupar em conceptualizar de diferentes formas a morte de si, por suicídio, e a morte do outro, por assassinato. Essa aproximação nos permite concluir que seu autor não via separação prática entre sua vida e a da sua ex-namorada, como inclusive é posto metaforicamente na visão das suas vidas como sendo o mesmo lugar. Essa perspectiva, da vida da parceira como um lugar, aproxima-a a ideia de domínio de território.

Essa nota, inegavelmente, é cheia de rancor e possui um propósito claro: devastar emocionalmente seus destinatários. Ainda que o conceptualizador entenda o ato de se matar como algo trágico, não é o propósito dessa nota se entender em buscar por um perdão divino ou buscar amenizar moralmente seu ato. O propósito do conceptualizador é justamente o contrário: engrandecer seu suicídio, tornando-o avassalador o máximo possível. Desse modo, as conceptualizações de vida e de morte vão acompanhar esse pensamento.

Sobre o conceito de MORTE, o conceptualizador, em consonância à noção de sua própria morte como um peso na jornada da vida das pessoas (“CARREGUEM ESTA TRAGÉDIA”), evidencia a sua visão do próprio suicídio como um ato de destruição emocional dos destinatários de sua nota. Desse modo, essa perspectiva é instanciada pela metáfora MORTE É DESTRUIÇÃO. O conceptualizador não pensa nas consequências do ato para si. A morte não é conceptualizada em si mesma, mas sim a partir das consequências que terá para as pessoas que o fizeram sofrer.

J.A.F.R.

Bilhete

Gênero: homem cisgênero

Orientação sexual: heterossexual

Morte: 21 de agosto de 2015 (50 anos), Macapá/AP

Senha do meu celular: 0000

telefone sem fio: *****

telefone compadre [V.]:*****

*(ligar p/ os dois e pedir para unirem forças para me enterrar o mais rápido possível)

*minha roupa e sapatos para ser enterrado está saporada perto do guarda roupas.

No mais é pedir perdão à Deus, minha família e as pessoas a quem eu devo.

A falta de minha família, de amigos, as inúmeras dívidas que contraí (não porque quis) e o fracasso do m[eu] sonho, em ser um empresário bem sucedido, foram de[mais] para mim.

28/05/2022

Karl Marx (2015[1846]) traz o suicídio como um *modus operandi* do capitalismo ao mostrar que o valor da vida está atrelado diretamente ao poder aquisitivo. Essa nota visibiliza esse ponto, mostrando como o aspecto financeiro é determinante numa sociedade que enxerga ter dinheiro como sucesso, e não ter, como fracasso.

Nessa nota, há a presença da metáfora VIDA É GUERRA/VIDA É JOGO que instancia a expressão metafórica “fracasso do m[eu] sonho, em ser um empresário bem sucedido, foram de[mais] para mim.”, que coloca em jogo a ideia de vitória e derrota como o sucesso ou fracasso financeiro. A vida é entendida, nesse contexto, como a constante luta por dinheiro. Conseguir poder aquisitivo é vencer na vida, enquanto não conseguir é fracassar.

Dentro desses termos, a conceptualização de vida acompanha essa lógica. Para aqueles financeiramente vulneráveis, o sentido de vida está naturalmente muito mais próximo à noção de guerra, já que viver é constantemente lutar por dinheiro, e, conseqüentemente, muito mais próximo da própria noção de morte. Se viver é ter dinheiro, não ter já é estar morto em vida.

PESSOA 5

A.W.

Postagem no *Facebook*

Gênero: mulher cisgênero

Orientação sexual: heterossexual

Morte: 08 de novembro de 2016 (25 anos), MT

É com muito pesar que escrevo essa carta. No decorrer desse longo ano eu pensei em cem números de “saídas”, mas fica difícil quando se é vítima de uma mente brilhantemente psicopática e narcisista determinada. Esse texto tem 2 intuitos, denunciar uma situação de abuso insustentável e alertar as pessoas para a gravidade desse tipo de situação. Em virtude alguns problemas familiares sempre tive muitas inseguranças e medos, além de vários problemas relacionados a minha estima própria. Eu tentava “sair” disso por meio dos estudos, desde antes de ingressar na faculdade, a minha carreira passou a ser o meu “refúgio”, meu passaporte para me libertar de diversas situações incômodas. Nesse contexto, realizei diversos estágios em lugares que me despertavam afinidade, percebi que gostaria de fazer concurso público e resolvi dar uma pausa para estudar. Contudo, foi bem na época em que a Presidente Dilma anunciou o “congelamento” nos concursos públicos, entrei em desespero, nunca tinha advogado, estava perto de me formar, eu precisava aprender aquela profissão, seria minha saída. Mandeí um e-mail para um de meus melhores professores da UnB, com quem fizera 1 ano de matérias optativas em Direito Tributário, eu tinha me saído bem, ele tinha escritório e há 2 meses havia anunciado por meio do [Y.A.] uma vaga de estágio. [R.S.B.S.], eu nunca poderia imaginar o que estava por vir. Comecei no estágio como novo super empolgado, eu achava aquele professor o máximo, extremamente inteligente, detalhista, perspicaz, minucioso, brilhante. Como poderia ser ruim? Até que as coisas começaram a ficar esquisitas, vários presentes injustificados, mensagens por WhatsApp totalmente fora do contexto do trabalho (P.ex: “sou seu fã”, ou “você é demais”) e fora de hora, muitas, muitas, muitas, perguntas de cunho pessoal. Na época eu desconfiava, mas pensava: acho que não, ele é professor da UnB, me deu 1 ano de aula, é procurador do DF, tem um currículo e uma reputação impecável, é casado, ele não faria isso. O [F.C.], a [B.S.] e a [Y.S.] acompanharam tudo isso. A [B.S.], mais sábia que eu, estava desesperada me dizendo para sair do estágio, mas eu sempre levei a questão profissional muito a sério (era quase tudo que eu tinha), e sair naquele momento não me parecia uma opção “adulta” e “responsável”, além do que eu precisava do dinheiro da bolsa. Até que passou a ficar muito claro que ele tinha interesses em mim em nada relacionados ao trabalho, mas ele era tão educado, gentil, solícito, atencioso que eu não conseguia pensar mal, acho que eu não queria ver. As coisas ficaram “sérias” quando ele me disse que estava se divorciando da esposa e que estava muito mal com tudo, olhava pra mim com olhar de pesar e pedia que eu entendesse, dizia que gostava muito de mim e me pedia paciência. Eu não vou entrar no mérito das mentiras relacionadas a vida conjugal dele, porque essa não é uma história de desilusão, é uma história de abuso. As coisas ficaram muito estranhas quando ele demonstrava que sabia todos os lugares onde eu ia, sabia o teor das minhas conversas por WhatsApp, com quem eu falava, sabia as páginas que eu acessava no meu computador pessoal (que eu levava para trabalhar no estágio). Aquilo me incomodou, mas eu não tinha certeza, podia ser muita coincidência, então comecei a fazer “testes” para verificar, eu estava sendo completamente monitorada. Dito e feito, ele sabia a hora que eu pisava em casa, sabia as expressões que eu só usava com meus melhores amigos nas conversas de WhatsApp, sabia onde eu morava, sabia que eu tinha adotado um cachorro, sabia tudo o que ele descobriu sem que eu dissesse. A minha vida era completamente monitorada, meu carro, meu celular, meu computador, minha casa! Isso por precaução, para se assegurar que a imagem impecável dele não fosse maculada, eu era um risco muito grande à integridade da imagem dele, enquanto isso às favas minha integridade emocional e psicológica. Quando eu percebi onde tinha me metido... 6 meses depois, caiu minha ficha. Não “só” isso, mas muitas, muitas, muitas mentiras, coisas relacionadas à licitude dos negócios feitos no escritório. Eu percebi que estava diante de uma mente extremamente brilhante, maquiavélica, calculista, psicopática. Foi nessa época que

passsei a ter medo de ficar sozinha em casa, ele sabia onde eu morava, e dava muitos sinais disso, eu passsei a ter dificuldades para dormir, qualquer barulho noturno me assustava e me fazia sentir ameaçada. Eu achei que saindo do escritório as coisas iriam ficar bem, em algum momento, ele iria me deixar em paz, ele ia parar com as mensagens veladas, as perseguições sutis, o tipo de coisa para não deixar vestígios, uma mente analítica e experiente frente a uma pessoa sem prática não comete deslizes. Passei por isso tudo com apoio de alguns poucos amigos. Eu não tinha coragem de me abrir, de procurar ajuda, a culpa, a vergonha, eu não poderia suportar o estigma. Eu só queria esquecer tudo e seguir minha vida. Até hoje eu não sei onde encontrei forças para terminar o semestre e escrever a monografia, eu vivi e vivo um pesadelo. Sai do escritório, terminei a graduação em pânico, tinha medo e tenho medo dele, ele não é o tipo de pessoa “só” persegue pessoas, ele é o tipo que não deixa rastros e se assegura com absoluta certeza de que sua imagem ficará intacta, para isso ele passa por cima de tudo e de todos, não importa o que. Tudo de forma absolutamente calculada, tal como um jogo de xadrez em que ele sempre ganha. Não estava me sentindo segura em Brasília, comecei a procurar emprego em Cuiabá, minha cidade de origem. Consegui, vim trabalhar no Tribunal de Justiça daqui, até coisas estranhas começarem a acontecer novamente. Por exemplo, eu apresentar sintomas típicos de uma pessoa que foi “medicada” com remédio prescrito, aqueles medicamentos depressoress do sistema nervoso central, sendo que eu não estou tomando nada. Ele já se utilizou dessa artimanha, em Brasília, para me fazer parecer desequilibrada, faz parte da campanha de difamação que os narcisistas promovem contra suas vítimas. Eu achava que aqui, em Cuiabá, no emprego novo, na vida nova, eu estaria a salvo da perseguição dele, mas ele nunca desiste, nunca. Eu estou exausta e não tenho mais forças para tentar me desvincilhar das artimanhas dessa mente doentamente perversa e egocêntrica. Cheguei no fim da linha, não vejo mais saída porque ele é o tipo de pessoa que não desiste, e eu apresento algum grau de risco, “eu sei demais”. Eu tinha sonhos e planos, sempre fui romântica até demais, idealista, lutar por esses sonhos perdeu o sentido sabendo que tem um psicopata brilhante cuidando para que nada dê certo e para que tudo aparente ser fruto do acaso. Peço, por favor, façam alguma coisa, ele não vai se arrepender, ele não vai parar. Alguém faça alguma coisa! Pra mim é tarde... Que na próxima reencarnação eu possa fazer uso de todo aprendizado que tudo isso me trouxe, mesmo com tanta dor e sofrimento. Essa vida eu já não posso mais suportar, que Deus me perdoe e me entenda, mas ele já sabia, ele sempre sabe.

Nessa nota, a autora discorre sobre a principal motivação de seu suicídio: o abuso e perseguição que sofreu de seu chefe. Essa nota tem um tom confessional bastante presente, em que a escrevente mostra as situações de abuso que afetaram sua saúde mental. Também há, a partir desses elementos, um explícito pedido de ajuda para que essa pessoa seja punida.

A expressão metafórica “No decorrer desse longo ano eu pensei em cem números de ‘saídas’” é instanciada pela metáfora MORTE É SAÍDA, pois, ainda que a ideia em questão seja a da situação de abuso, entendendo-o metaforicamente como LUGAR, levando em consideração que a saída a qual a conceptualizadora se refere foi o seu suicídio, percebemos como a ideia da morte é aqui posta como uma saída para essa situação de sofrimento e abuso ao qual estava submetida a autora do texto.

A conceptualizadora ao longo da nota também aborda seus estudos e seu trabalho com bastante seriedade, entendendo-os ontologicamente como objetos possuídos importantes para

sua vida. Essa ideia é expressa no trecho “eu sempre **leve**i a questão profissional muito a sério (era quase tudo que eu tinha)”.

A expressão metafórica “Passei por isso tudo com apoio de alguns poucos amigos.” é instanciada pela metáfora VIDA É VIAGEM, em que a ideia de **passar** focaliza o aspecto do caminho percorrido na vida entende as dificuldades como obstáculos nesse caminho. A ajuda de seus amigos é entendida metaforicamente como um apoio para essa caminhada. Do mesmo modo, no trecho “Eu não tinha coragem de me abrir, de procurar ajuda, a culpa, a vergonha, eu não poderia suportar o estigma.”, a expressão “**suportar** o estigma” é instanciado pela metáfora ESTIGMA É PESO, colocando o estigma como um peso na jornada da escrevente.

O trecho “Eu só queria esquecer tudo e **seguir** minha vida. Até hoje eu não sei onde **encontrei** forças para terminar o semestre e escrever a monografia, eu vivi e vivo um pesadelo.” também é instanciado pela metáfora VIDA É VIAGEM, em que a ideia de “seguir a vida”, apesar dos obstáculos que foram as dificuldades, focaliza metonimicamente no elemento do caminho dessa jornada (CAMINHO PELA JORNADA) e evidencia o desejo da escrevente por uma jornada sem obstáculos. A expressão metafórica presente no final da carta “Cheguei ao fim da linha” também evidencia a metonímia CAMINHO PELA JORNADA, nesse caso, focalizando a vida como uma linha de trem.

A expressão “não sei onde encontrei forças”, é instanciada pela metáfora CORPO É CONTÊINER/FORÇA É CONTEÚDO. A noção de FORÇA é motivada pela noção de suporte, em que os estigmas e as dificuldades são entendidas como pesos. Desse modo, a metáfora VIDA É VIAGEM aciona o *frame* de ESFORÇO ao entender que os obstáculos do caminho pesam na jornada.

Por sua vez, a expressão “Essa vida eu já não posso mais suportar” é instanciada pela metáfora VIDA É PESO. Nessa expressão, que aparece já no final da nota, a escrevente toma a vida como o peso em si. Ao longo da carta, a escrevente toma a noção dos obstáculos da vida como pesos em sua jornada, mas, ao final, é a própria vida que aparece conceptualizada como peso. Esse aspecto evidencia como a situação de abuso é focalizada e ganha espaço discursivamente no texto, mesclando, inclusive, algumas conceptualizações da vida com as conceptualizações sobre o abuso e a perseguição.

No trecho “ele não é o tipo de pessoa ‘só’ persegue pessoas, ele é o tipo que não deixa rastros e se assegura com absoluta certeza de que sua imagem ficará intacta, para isso ele passa por cima de tudo e de todos, não importa o que. Tudo de forma absolutamente calculada, tal como um jogo de xadrez em que ele sempre ganha.”, num geral, há a metáfora VIDA É GUERRA, em que as expressões metafóricas presentes como “perseguir”, “deixar

rastros”, “passar por cima de tudo e de todos” e “ele sempre ganha” evidenciam essa noção de vitória e derrota a partir de um esquema de aplicação de forças. Essa metáfora, num contexto mais específico, aciona o *frame* de CAÇADA. O abusador é tomado como um animal feroz e meticuloso que brinca com sua presa. A expressão “ele é o tipo de pessoa que não desiste” também reforça essa visão da vida como uma guerra.

PESSOA 6

C.E.

Postagem no *Facebook*

Gênero: homem cisgênero

Orientação sexual: homossexual

Morte: 2016 (19 anos), Campo Grande/ MS

Gente amo todos meus amigos... quero que sempre lembre de lembranças positivas! Pq no momento estou preste a fazer algo ruim, não fiquem chateado comigo, mas logo as notícias chegaram, e provavelmente estarei morto quando lerem isso!

Essa é a única forma de todos saberem que minha existência não existe mais !!

Estou feliz por ter feito isso e espero que vocês não fiquem tristes, pois amo todos meus amigos + próximos!!!

Bjs

A expressão “[...] minha existência não existe mais !!” coloca em questão as conceptualizações de vida e de morte. Nessa expressão, há as metonímias conceptuais EXISTÊNCIA POR VIDA e INEXISTÊNCIA POR MORTE, ancoradas a uma noção maior de vida como evento. Há aqui uma metonímia do tipo PARTE PELA PARTE.

Ao utilizar "EXISTÊNCIA" em vez de "VIDA", a metonímia amplia o escopo do conceito, incluindo não apenas a ideia de vida biológica, mas também a totalidade da experiência, incluindo aspectos emocionais, sociais, espirituais, entre outros. Dessa forma, essa metonímia pode refletir a crença de seu autor. Ao apontar a finalização de sua existência além de apenas da sua vida, a metonímia pode indicar que o autor não crê em vida após a morte ou qualquer outra forma de vida espiritual que prolongue sua experiência corpórea. A ausência de menção a Deus ou a qualquer figura religiosa, aspecto raro nas notas de suicídio, parece dar uma pista a essa significação da vida pelo autor da nota. Num espectro ateu, a noção de vida/morte como existência/inexistência parece contemplar a não crença em qualquer tipo de vida após a morte.

PESSOA 7

T.M.M.

Postagem no *Facebook*

Gênero: mulher cisgênero

Nascimento: Santa Inês/MA

Morte: 14 de abril de 2017 (16 anos), Monção/MA

A CARTA...

Eu sei que a decisão que eu tomei foi totalmente desqualificada e imoral. Quem diabos é para tirar a própria vida?

Mas eu posso dizer uma coisa: Pra que serve o livre arbítrio? A vida é minha, a essência é minha.

Respeitem.

As pessoas passam a vida inteira julgando

tudo que vêem. Jogam palavras que não voltam, olhares que machucam, rejeitam, maltratam, usam. Isso dói, tá legal? O ser humano vai guardando isso dentro de si até formar uma grande bola prestes a explodir. Você pode ver uma pessoa sorrindo, parecendo feliz, mas não se engane, sempre há coisas além. Por isso somos cegos. Nunca vemos além.

Aquela menina sentada de cabeça baixa tá precisando de ajuda. Mas o que as pessoas fazem? “Fulana está na bad”.

Que sociedade maldita. Como se tristeza fosse algo irrelevante, que não precisa de atenção. Idiotas. Quando é tarde eles se perguntam o que tinha de errado.

Pais que não vêem seus filhos se cortando, se drogando, se destruindo. Escolas que não vêem o bullying debaixo do seu nariz.

Pais que estropam os filhos, mães que humilham, irmãos que rejeitam. Malditos. Malditos.

Tudo isso acima faz a mente humana enlouquecer, sabia? Ela definha, fica angustiada e cheia de coisas inexplicáveis, pensamentos perigosos. Você vê no jornal aquele jovem que matou inúmeros estudantes e julga. Já parou pra pensar o que levou ele fazer aquilo? Será que não foi a hipocrisia e idiotice da sociedade?

Essa sociedade que nos coloca em um lugar durante anos, em total humilhação e depois quer escolher um futuro pra nós.

Ninguém nunca vê. Até que é tarde.

Eu não queria morrer. Eu penso que tenho um futuro pela frente. Eu sei que tenho.

Tnho mais amigos para fazer, mais músicas para escutar, mais pessoas para namorar, mais shows para ir.

Tanta coisa.

Mas sabe o que eu e outras milhões de pessoas pensam sobre isso?

“Eu não tenho força de vontade para continuar. Eu não sou forte, eu não consigo seguir em frente sem derrubar mais uma lagrima”.

Sejam mais gentis, por favor. Amem mais, ajudem mais, vêem mais, peguem na mão de pessoas que estão se afogando. Dê sua mão. Dê um sorriso.

Eu tenho inúmeros motivos para ter feito o que fiz.

Meu próprio pai

me abusou e foi por isso que eu morri por dentro. Eu fui morrendo durante dois anos. Fui vendo minha morte sem poder fazer nada a respeito.

Quantos cortes eu não fiz?

Eu até apelei a drogas, o que não resultou em nada. Meu pai iniciou a destruição.

Minha mãe me tirou minha rotina e passou a assistir tudo em total inconsciência. Eu sei que ela via, mas quem disse que ela percebia? Ela era uma mãe tão atenciosa, o que aconteceu? Porque ela ficou tão alheia? Porque ela demonstra amar mais a meu irmão? Porque ela não me ama? Porque ela não me abraça e me beija assim como ela faz com meu irmão?

Porque ela me humilha por causa de um erro tão pequeno?

Por que ela não pergunta como foi meu dia na escola? Porque ela não quer saber o motivo de eu estar tanto tempo trancada no quarto? Por que ela não pergunta o motivo de eu usar tanta blusa de manga comprida? Ela tá deixando eu morrer sem fazer nada. E eu não quero as lágrimas de meus pais. Eu sentiria nojo delas. Eu sentiria nojo porque eu passei a odiar meu pai e odiar minha nova mãe. Porque eu ainda amo aquela mãe que me abraçava e me beijava. É como se ela não me amasse mais porque fui usada pelo meu pai, como se ela sentisse nojo de mim. Sim, ela sabe do abuso, mas jogou pra debaixo do tapete. Assim como aquela maldita escola em que eu passei os piores momentos da minha vida.

Eu já tentei suicídio outras vezes. E isso é horrível, porque eu já sei a sensação.

Pensar em suicídio é uma coisa, mas planejar e ir no ponto é outra. Dá aquele aperto no peito, aquela sensação de frio na barriga. “O que acontecerá depois disso?” Eu não acredito em deus, eu creio que depois disso não há nada. Mas enfim, fazer isso é difícil. Eu sou muito covarde.

Eu irei deixar muita coisa no mundo e o mundo irá perder muita coisa. Eu sou diferente. Eu sou uma daquelas pessoas que os outros precisam. As vezes acho que sou hipócrita porque eu vejo pessoas depressivas e vou ajudar, dar conselhos, tirar a pessoa daquela situação. Mas eu não faço isso comigo. Porque não dá mais.

Droga, eu queria tanto ficar aqui. Porque ninguém me ajudou antes?

Ontem vi pessoas dizendo que a série 13 reasons why influencia jovens a se suicidarem. Mas eu não acho isso.

Eu estava planejando tirar minha vida a meses e essa série só fez eu parar e pensar: Estou prestes a fazer algo muito idiota”.

Sim, eu tinha desistido de tirar minha vida por causa de uma série, mas depois algo mudou. Eu voltei com a decisão.

Então eu digo: Eu não me matei porque uma série me influenciou, não pensem nisso.

Eu me matei porque eu não aguentava mais existir assim. Eu já estava morta, o que mais eu serviria nesse mundo? Uma garota totalmente sem essência, sem nada por dentro. Já imaginou um oceano no meio da tempestade? O céu escuro? É assim dentro de mim. Mas tudo silencioso. Tudo muito destruído e silencioso. Tudo muito angustiante e doloroso.

É difícil acordar de manhã e pensar: “Mais um dia em que irei ter lembranças más” “Mais um dia ao lado de pessoas que não me amam, que me odeiam” “Mais um dia sentindo uma imensa vontade de chorar em todos os momentos”

“Mais um dia desejando morrer”

Então eu quero pedir que sejam mais tolerantes. Depressão não é frescura.
 Não neguem ajuda a aqueles que estão angustiados, no fundo do poço.
 E quando forem se lembrar de mim, pensem em uma [T.] verdadeira. Aquela
 feliz que vocês viam era total mentira.

Adeus
 [T.M.M.]

As expressões “Quem diabos é para tirar a própria vida?” “Eu Estava planejando tirar minha vida a meses” são instanciadas pela metáfora ontológica VIDA É OBJETO estruturada por um esquema de CONTÊINER/CONTEÚDO. Nessa lógica, temos a metáfora VIDA É CONTEÚDO e CORPO É CONTÊINER. Nessa esquematização entende-se o ato do suicídio como o de tirar a vida de dentro do corpo, de forma a deixá-lo vazio.

A expressão “Meu próprio pai me abusou e foi por isso que eu morri por dentro. Eu fui morrendo durante dois anos. Fui vendo minha morte sem poder fazer nada a respeito.” também é estruturada por uma lógica de CONTÊINER/CONTEÚDO. Nessa lógica, a escrevente divide sua vida em duas partes: a vida interna, relacionada ao seu emocional, e a vida externa, relacionada ao sua performance social.

O trecho “Quando é tarde eles se perguntam o que tinha de errado.” associa a morte a uma dimensão temporal. Apesar de não conter uma metáfora explícita de vida ou de morte, o suicídio é interpretado como um incidente prevenível, porém sujeito a uma janela de oportunidade limitada para intervenção. O tempo do suicida é finito, progredindo linearmente em direção ao desfecho fatal.

A expressão “Pais que não vêem seus filhos se cortando, se drogando, se destruindo.” associa o comportamento suicida à destruição, ampliando o escopo do suicídio a uma noção maior de comportamento para além do ato em si; esse aspecto é raro nas notas de suicídio. Do mesmo modo, a expressão “Meu pai iniciou a destruição.” aponta uma consciência emocional que entende o multifacetamento do sofrimento psíquico e como ele tem raízes profundas em traumas. Nas expressões, há o acionamento do *frame* de DESTRUIÇÃO e ainda que não discorram diretamente sobre a noção do conceito de morte, são instanciadas pela metáfora COMPORTAMENTO SUICIDA É DESTRUIÇÃO. Podemos inferir que há a metáfora VIDA É ESTRUTURA/CONSTRUÇÃO.

A expressão “As pessoas **passam** a vida inteira julgando tudo que vêem.” é instanciada pela metáfora VIDA É JORNADA. Do mesmo modo que o trecho “Eu não tenho **força** de vontade para **continuar**. Eu não sou **forte**, eu não consigo **seguir em frente** sem **derrubar** mais uma lagrima”. também apresenta expressões instanciadas pela metáfora VIDA

É JORNADA e acionam um *frame* de ESFORÇO em que a caminhada é uma atividade exaustiva que demanda um uso de extrema força para ser realizada. Para a escrevente, continuar vivendo demanda uma força sobrehumana e desnecessária, já que não trará recompensa e o único resultado será mais tristeza.

A expressão “Eu me matei porque eu não **aguentava** mais existir assim.” é instanciada pela metonímia VIDA POR EXISTÊNCIA que, por sua vez, é instanciada pela metáfora VIDA É PESO. Essa metáfora mobiliza um esquema de forças ao conceber a vida como um fardo que requer esforço físico e equilíbrio contínuos para ser sustentado. Novamente, há o acionamento do *frame* de ESFORÇO.

O trecho “Eu já estava morta, o que mais eu serviria nesse mundo?” evidencia uma lógica de utilitarismo da vida, em que a vida só merece ser vivida se pudermos se prestar a algum propósito maior.

A expressão “Pensar em suicídio é uma coisa, mas planejar e ir no ponto é outra.” é instanciada pela metáfora MORTE É LUGAR, entendida metonimicamente como ponto (PONTO POR DESTINO), por sua vez, essa noção está esquematizada pela conceptualização VIDA É JORNADA/CAMINHADA.

A expressão “Droga, eu queria tanto ficar aqui.” é instanciada pela metáfora VIDA É LUGAR, assim como o termo de despedida “Adeus” ao final da nota, é instanciado pela metáfora MORTE É VIAGEM, em que a autora reconhece estar indo para outro lugar.

PESSOA 8

S.I. (Sem Identificação)

Bloco de notas do celular

Gênero: mulher cisgênero

Morte: 15 de dezembro de 2017 (21 anos), Mococa/SP

Eu não sei por onde começar, mas eu quero que saibam que não estava aguentando mais essa dor, eu não estava mais aguentando viver assim. Eu nunca fui capaz de superar os traumas do passado. Fui estuprada pelo meu tio e pelo meu avô, fui abusada pelo irmão da minha tia, pessoas que eu confiava com todo meu coração de criança. Perdi minha mãe aos 10 anos e ao contrário do que muitos pensam, eu nunca consegui superar a morte dela, conheci pessoas na minha vida que só me fizeram mal, e nunca consegui desabafar e contar tudo o que estava guardado dentro de mim, eu fui humilhada, fui desacreditada e sofri várias críticas e hoje eu não aguento mais. Me apaixonei intensamente por um homem cujo converso até hoje e que tem sido meu alicerce (***** estou falando com você) no meio do caminho omissas vidas se desconstruíram mas eu sinto um carinho e amor enorme por você, você é a pessoa mais incrível que eu já conheci na minha vida. E eu agradeço adeus por terra re de uma pessoa tão amorosa como você tão incrível que eu sinto não treta

resistidos nosso amor poreis eu te amo, e eu nunca quis dizer para não de mim, masré isso as pessoas sempre.

As expressões “não estava **aguentando** mais essa dor, eu não estava mais **aguentando** viver assim.” e “hoje eu não **aguento** mais.” são instanciadas pela metonímia DOR POR VIDA que, por sua vez, evidenciam a metáfora DOR É PESO/VIDA É PESO. Essa metáfora aciona um esquema de forças para conceptualização da vida enquanto um constante esforço físico para sua sustentação. Há o acionamento do *frame* de ESFORÇO em entender que a vida demanda um grande esforço físico para ser sustentada. A expressão “Me apaixonei intensamente por um homem cujo converso até hoje e que tem sido meu **alicerce**” evidencia o aspecto das relações interpessoais como formas de ajuda na sustentação da vida.

As expressões metafóricas “Eu nunca fui capaz de superar os traumas do passado.” e “eu nunca consegui superar a morte dela” são instanciadas pela metáfora VIDA É JORNADA, em que as dificuldades/adversidades são entendidas como obstáculos que, se a pessoa não se colocar acima delas e ultrapassá-las, irão atrapalhar a sua jornada. A partir disso, também temos a esquematização, ancorada nessa metáfora, de MORTE É OBSTÁCULO NA JORNADA, em que a morte da mãe é um obstáculo que a escrevente nunca conseguiu superar. A expressão “**Perdi** minha mãe aos 10 anos”, através da noção de perder, evidencia a metáfora VIDA É JORNADA em que as pessoas queridas se perderam no caminho, não fazendo mais parte da jornada da escrevente. O marco temporal “aos 10 anos” evidencia esse aspecto, ao tomar a idade como uma etapa dessa jornada. A expressão “no meio do caminho omissas vidas se desconstruíram” também é instanciada pela metáfora VIDA É JORNADA, mas focaliza no aspecto do caminho, concebendo os caminhos dessa jornada como possibilidades de vivências; nesse caso, há a metonímia VIDA POR CAMINHO evidenciada pela expressão “[nossas] vidas se desconstruíram”.

Essa nota apresenta de maneira predominante a noção da vida como um peso. A temática do abuso aparece como um catalizador de dor e sofrimento assim como o luto. A carga emocional presente na nota evidencia um psicológico debilitado pelas relações interpessoais majoritariamente negativas que teve. A metáfora VIDA É JORNADA ancora as principais situações (morte da mãe, abuso da família, relação amorosa) que marcaram sua história de vida.

PESSOA 9

Y.O.

Postagem no *Facebook*

Gênero: homem cisgênero

Orientação sexual: homossexual

Nascimento: PB

Morte: 14 de março de 2018 (24 anos), Sapé/PB

Sei que roupa suja se lava em casa, mas vamos lá

Meu avô paterno, se casou com a minha avó quando ela tinha 12 anos de idade e ele 30, ela se urinou com medo na primeira noite que dormiu com ele.

Minha avó traiu o meu avô e eles se separaram, minha avó largou todos os filhos pelas casas das irmãs e não criou nenhum deles, assim como meu avô que começou a tratar os filhos do primeiro casamento como estranhos sem nem cumprimentar quando passava por eles na rua.

O irmão do meu avô teve uma filha esquizofrênica, a qual como ele mesmo disse uma vez “deu fim”, ninguém nunca soube o que aconteceu com ela.

O meu tio que é pastor evangélico teve seis filhos, com três mulheres diferentes, dos seis ele só criou dois, pagava 50 reais de pensão para a primeira esposa criar os seus outros filhos e achava um absurdo esta quantia e vivia atrasando a pensão.

Esse mesmo tio que é pastor fugiu da Paraíba perseguido por um membro da igreja, após esse membro descobrir que sua esposa estava tendo um caso com ele.

Um outro tio abusava sexualmente da minha tia

A minha tia dizia que tínhamos que chamar a empregada doméstica de “Maria” porque empregada doméstica não tem direito a nome, como ela mesmo disse uma vez.

Minha avó deu de presente para o meu primo um diploma do ensino médio falsificado, depois dele ter reprovado milhares de vezes na quinta série e todos concordarem que meu primo era um caso perdido.

Outra tia minha enterrou viva uma ninhada de oito cachorros que sua cadela deu porque simplesmente os cachorros nasceram tudo fêmea.

Para o meu pai todo negro é marginal, todo serviço mal feito foi feito por negro e todas essas coisas racistas que já conhecemos...

Mas segundo todos esses que eu citei anteriormente a vergonha da família sou eu, pelo simples fato que sou gay, afinal como eles dizem, ser gay é pecado, mas ser racista, corrupto, assassino, estuprador, pedófilo e não criar os filhos ta de boa, o importante é você não ser gay.

Nessa nota, o escrevente faz um levantamento de várias situações que são consideradas pecado conforme o pensamento cristão e/ou crime pela lei. O texto, escrito em cima de um tom de desabafo, apresenta uma visão pessimista da vida e da realidade social que permeia o pensamento conservador, sobretudo cristão, predominante na família do escrevente.

Ainda que o texto não discorra diretamente a respeito da vida e/ou da morte, o tom discursivo dessa nota nos permite enxergar a perspectiva do autor sobre como a sua vida foi permeada por dor e sofrimento.

A importância das relações interpessoais, e, sobretudo, da qualidade dessas relações é central nessa nota assim como em outras notas.

A ideia de batalha, implícita na nota, aparece na forma do escrevente de tratar sua morte como uma arma contra o pensamento conservador de sua família. Seu suicídio é uma resposta, ainda que indireta, ao tratamento que recebeu por conta de sua orientação sexual. Sua morte estaria ancorada numa ideia de guerra de ideias, em que as ideias conservadoras de sua família seriam vencidas quando eles vissem as suas consequências: o suicídio de um membro dessa família. A metáfora MORTE É ARMA, ancorada pela esquematização da metáfora VIDA É GUERRA parece ser plausível dentro do contexto em que se coloca o escrevente.

PESSOA 10

B.P.

Postagem no *Facebook*

Gênero: homem cisgênero

Orientação sexual: heterossexual

Morte: 01 de janeiro de 2019 (24 anos), Canadeiras/SP

Não foi culpa de ninguém
 Foi uma escolha exclusivamente minha
 ninguém teve participação nisso
 Na verdade é algo que eu venho pensando há muito tempo
 A vida pra mim nunca foi algo interessante, estudar, trabalhar, ter uma carreira?
 uma família?
 e se eu não conseguir nada disso? falhei em ser um ser humano?
 não sei, sempre me julgaram por nao me importar com o futuro
 eu só era a pessoa que queria que todos da rodinha dessem risada
 mas se eu não estivesse na roda tbm não faria diferença
 sei lá.. sempre fui o tanto faz
 eu sempre fui a pessoa que ia atrás pra conversar
 eu sempre precisei conversar, minha cabeça nunca aguentou as loucuras que se
 passava por
 lá
 pensar sozinho é algo muito ruim, vc cria milhares de situações inalcançáveis
 tbm nunca pensei em trivialidades, aprender a cozinhar? levar o lixo pra fora?
 eu sempre vivi de devaneio
 isso começou com 15 anos, quando me mudaram de sala no ensino medio
 me colocaram numa sala com pessoas q eu nunca conversei na vida
 pelo simples motivo de eu conversar com meus amigos na sala anterior
 nessa nova sala eu nao falava com ngm, era zuado por muitos otarios
 mas eu nunca liguei, eu sempre fui o que tinha a melhor resposta
 e olha q eu tava gordo, era facil me atingir kkkj
 mas ai começou a ansiedade, a vontade de nao levantar..
 de nao ir pra escola, de nao fazer nada... acabou q.reprovei no 1º ano
 eu queria fazer 18 anos logo pra nao precisar voltar pra escola
 entao finalmente fiz 18, isso já no segundo ano,,
 arrumei uma namorada, acho q era 2012
 nunca disse pra ela q eu era um repetente

ela era linda e inteligente demais pra mim.. mas eu fui com tudo q eu tinha a oferecer
bjs e 12cm de pau
ela me amou por 2 anos, e fui eu q terminei, me arrependo até hj
acho q era a vergonha, a mae dela era professora
o pai ganhava mt dinheiro, casa topper, eu nao tinha nada
como sempre me sentindo inferior nesse quesito
mas eu sempre achei q era mais inteligente que a maioria das outras pessoas
mas sempre preferi ser o engraçadão, o que ia pra diretoria
afinal o que puxa mais atenção do que um palhaço?
foi assim que eu sai da escola..
e até o presente momento eu fui um palhaço na vida
conquistava pessoas com piadas
eu sempre achei q eu era um pessoa inteligente pq eu conseguia fazer piada com qualquer assunto
pensava rapido, todos diziam q eu era bom nisso
o que eu nao percebi foi que meus amigos de verdade seguiram em frente
um trabalha praticamente 24hrs, o outro mudou de cidade
é, 2 amigos... fazer oque? eles tem mais amigos, diferente de mim
mas nunca me deixaram de lado..
e eu odeio aglomeração.. meu negocio é 2-3 amigos, uma musica e uma conversa..
mas era sempre a mesma coisa, desde meus 15 anos vivendo um looping
eu nao conseguia levantar da cama, ter uma vida normal
era a famosa depressão me comendo todo dia
mas eu tinha que agir como se eu tivesse de boa
eu fui criado pelos meus avós, eles são do sitio..
se hoje vc precisa ficar numa sala com uma pessoa de ensino superior pra falar sobre depressao
imaginem meus avós, q nem ler sabem, jamais iriam identificar que eu tinha algo..
pra eles eu só era preguiçoso
ainda mais eu q fico o dia todo no quarto, na frente do computador
q só sai pra ir no banheiro e dormir
e eu nunca comentei nada pelo simples motivo de nao deixar eles preocupados
atualmente eles estão velhos o suficiente pra me perder, os dois sempre falam de morte
"acho q nao vou estar aqui ano q vem, meu filho"
então acho q essa escolha não vai interferir em muita coisa
bora voltar ao assunto de gado..
meus relacionamentos nunca deram certo, basicamente pq uma mulher procura um homem
que trabalhe, que levante 7 da manhã e de bom dia..
q diga que a vida é bela, e q vai trabalhar tanto e ganhar tanto dinheiro q nao vai sobrar
tempo pra dar amor ou cuidar das crianças
q vida hein? meu sonho
eu nunca dei bom dia pra ninguém, eu acho..
pq eu nunca tive um dia completamente bom
uma boa noite talvez
pra eu chamar alguem de linda demorava meses, independente da beleza da pessoa
eu nunca me importei com aparência, meu negocio é ter aquela conversa q vc lembra no dia
seguinte e ri sozinho
pra falar q amo entao... era muito dificil, pq é algo muito importante pra mim, nao posso
desperdiçar com qualquer um
em 2018 eu disse a palavra amor muito poucas vezes, 90% pros meus 2 amigos
pra mulher eu disse q amava tbm, só pra uma.. era mais especial que pra amigo, pq quando
vc diz q ama uma mulher, foi pq ela realmente te conquistou

pelo menos na minha cabeça é assim.. jkkkk mt romantico, de fato..
 um amigo vc normalmente cresce com ele.. é basicamente da família, come na sua casa e os krajo. meus 2 melhores amigos eu conheço desde os 4 anos de idade já uma mulher q vc conhece, e bate papo e em 2 semanas ta dizendo q ama, tem q ter muita conexão, tem q fazer sua vida girar em torno dela, praticamente e eu sou uma pessoa intensa sobre sentimento..
 se eu digo q amo, eu vou até o fim dizendo q amo, mesmo se terminar o namoro, possivelmente eu vou continuar amando..
 e isso é ruim pra uma pessoa com essa cabeça merda minha imagine vc amar alguém, mas terminou e nao conversa mais, e essa pessoa nao demonstra nada por vc? a cabeça morre e esse ano minha cabeça acabou comigo tinha dia q eu tava de boa, feliz, mas minha cabeça nao queria q eu ficasse feliz a cabeça queria pensar merda, queria q eu pensasse em coisas sem sentido e a minha boca queria falar, mesmo eu nao querendo..
 e ela falava, acabou com meu relacionamento.. acabou com amizades, com tudo terminei na minha cama imagine ficar deitado o dia todo, nesse calor.. 30graus+ kkkk é engraçado.. mas eu nao conseguia levantar meu corpo tinha 2toneladas, nao conseguia tomar banho nao conseguia comer, nao sabia se o céu tava nublado nao abria a janela, nao fazia literalmente nada via as mesmas coisas no youtube todos os dias parecia q eu tava vivendo o mesmo dia a semana toda só conseguia pensar nas merdas que fiz errado até hoje é torturante demais..
 e eu sou torturado por isso ha mais de 8 anos mas depois dos 20, quando eu deveria ser o adulto... q contribuísse cm a sociedade de algum modo, o que creio q eu nunca fiz.. foi mais ou menos nesse momento q começou a intensificar essa merda de depre hoje eu to com 24, então basicamente 4 anos com esse intenso sentimento de q nada dará certo completa frustração, namoro, trabalho, amigos, tudo..
 nao consigo fazer nada nao consigo me esforçar em nada, nao consigo superar nada sempre achei q eu tava sozinho no mundo q eu era o monstro de bird box, ngm queria me ver kkkkkk top 10 piadas antes de se matar era um npc, que só respondia o que perguntavam eu ja tava pensando em quitar desse joguinho merda ha mt tempo mas nao conseguia deixar meus avós sozinhos... dia 31/01 eu joguei na mega, olhei no espelho e falei pra mim msm q nao faria diferença se eu ganhasse nao tem nada a ver com dinheiro, ou bens.. é uma briga pessoal e eu sempre apanhei hoje infelizmente eu apanhei demais dia 01, olhei pro céu e nao consegui prometer nada, pq eu nao tenho nada pra viver entre ficar na minha cama o dia todo e nao estar mais por aqui, eu prefiro ir embora sei que alguns ficarão tristes, mas por favor, lembrem-se das minhas piadas aquelas em momentos inoportunos de risada quando zuaem a minha morte, afinal eu sempre zoei com tudo, nao vai ser morto q vou reclamar odeio politicamente correto, eu sempre achei q seria um cara do stand-up fazer o que, se eu nao consigo lidar comigo msm, imagine com uma platéia?

alias, eu acho que setembro amarelo é uma piada..
 não importa o que vc fale, se eu quiser me matar... eu vou..
 pode guardar essa fitinha, vcs não se importam com quem tem depressão
 empatia praticamente não existe
 a pessoa tem q nascer de um anjo pra perceber q as vezes o próximo precisa de ajuda
 felizmente as pessoas não morrem só de velhice
 imagine ficar tão triste como eu to agora, mas não poder morrer pq minha
 expectativa de
 vida é de 80 anos? e eu tenho q cumprir os fodendo 80 anos?
 pqp da até vontade de virar o João de Deus
 pra q viver até os 80?.. só pra fuder a fila do banco e os assentos do ônibus? nem, vlv
 e po Bolsonaro.. não vivi o suficiente pra tomar um tiro
 taokei? se bem q eu votei no daciolo graças a deus
 e tbm não vivi pra ver o Lula sair da cadeia
 nem fodendo q eu ia guentar mais 10 anos nessa porra
 não sei, eu vivi como um adolescente, mesmo tendo 24
 mas eu acho q essa decisão mostra que eu cresci o suficiente
 decidir q não quer mais viver é algo totalmente adulto, se é meu corpo minhas
 regras, tem q
 ser pra tudo, não só pra enfiar um shortinho no cu
 uns amigos tentaram conversar comigo.. eu disse q tava tudo bem
 q eu ia superar essa tristeza e seguir em frente..
 mas eu não consegui, fui fraco
 e se alguém q estiver lendo isso e estiver com o mesmo sentimento
 pense 2 vezes
 se vc estiver em dúvida, continue vivendo, nunca se sabe o dia de amanhã
 vc pode ser feliz, eu poderia ser feliz
 infelizmente, eu sempre respiro fundo, olho pro teto, e a única coisa q passa na
 minha cabeça
 é a corda e cadeira
 eu sou preguiçoso, vai dar muito trabalho achar uma corda, fazer o nó e tal
 então eu vou pegar a bike, pegar uma brisa no rosto
 e me jogar na primeira água funda q eu ver
 não sei nadar mesmo
 o foda é se eu aprender a nadar nessa tentativa de morrer
 ai esse texto não vai valer de nada
 mas acho que vou morrer kkkkkk
 enfim, não foi culpa de ninguém
 nem de ex namorada, q eu amei pra kralho, e fiquei mt triste quando acabou
 mas não foi culpa dela, pessoa maravilhosa, espero q seja feliz
 e se eu virar fantasma vou dar uns sustos nela jkkk
 beetlejuice beetlejuice beetlejuice
 nem foi culpa de amigos, q eu senti sdds de sair, conversar e tudo
 nem de família, apesar de todos sempre me julgarem, nunca me importei, então
 nunca
 influenciaram na minha vida
 a culpa foi minha, não tankei a vida.. é muito dano krai
 mas olhem pelo lado positivo, eu já poderia tá morto
 eu já dei milhares de role de carro mt loko, com o mundo girando na rodovia e não
 morri
 imagine morrer sem deixar um textão? kkkkk
 fucking feminista
 mas na moral, espero reencarnar na barriga da Anitta
 vou crescer burro, mas num belo corpo
 enfim
 quando alguém pedir pra vc se sentar do lado, pra conversar.. não importa quem seja
 sente-se.. essa pessoa pode estar precisando de ajuda
 um "vai ficar tudo bem" pode mudar o dia de alguém
 e eu precisava.. mas ninguém sentou do meu lado
 todos só dançaram e continuaram bebendo

todo (relações com amigos, família, namorada etc.) e, ainda que não tenhamos acesso a um laudo psicológico que possa afirmar essa condição mental, não podemos deixar de levar em consideração esse aspecto como um possível delimitador para a conceptualização dos conceitos de vida e de morte presentes na nota.

O desinteresse pela vida enquanto uma jornada pautada em etapas rígidas socialmente impostas aparece no trecho “A vida pra mim nunca foi algo interessante, estudar, trabalhar, ter uma carreira? uma família? e se eu não conseguir nada disso? falhei em ser um ser humano?”, o que evidencia a metáfora VIDA É JORNADA, e entende, sistematicamente, as etapas dessa jornada como obrigações sociais. Do mesmo modo, há também aqui a metáfora VIDA É GUERRA em que as noções de “conseguir” e “falhar” aparecem mediadas por essa metáfora, evidenciando a concepção do autor dessas etapas da jornada (concepção socialmente imposta) como lutas. Parece haver aqui o contraponto entre essas duas metáforas. Enquanto a metáfora VIDA É JORNADA instancia a forma “correta” e socialmente aceita de se ver a vida, para o autor, essas situações são vistas de maneira desgastante, concebendo, a partir disso, a metáfora VIDA É GUERRA.

O trecho “e mesmo sendo ateu, eu espero q tenha algum tipo de vida do outro lado, e que de algum modo eu consiga guiar vcs prometo q dessa vez nao levarei pro caminho do mal kkkk” expressa abertamente sobre o ateísmo do escrevente, o que nos dá pistas para a interpretação das conceptualizações de vida e de morte encontradas na nota. A expressão “espero q tenha algum tipo de vida do outro lado” é instanciada pela metáfora VIDA É LUGAR como também MORTE É LUGAR. Vida e morte, nesse contexto, são entendidas como lados de um lugar. Morrer seria apenas mudar de lugar, passar de um lado para o outro. A expressão “que de algum modo eu consiga guiar vcs prometo q dessa vez nao levarei pro caminho do mal” mostra o desejo do autor em conseguir apontar os melhores caminhos para aqueles que continuarem na vida. Essa expressão é instanciada pela metáfora da VIDA É LUGAR, que, num contexto mais específico, evidencia a metáfora VIDA É JORNADA, evidenciando o elemento do percurso.

As expressões metafóricas “meus amigos de verdade **seguiram** em frente”, “atualmente eles estão velhos o suficiente pra me **perder**” e “mas nao conseguia **deixar** meus avós sozinhos...” são instanciadas pelas metáforas VIDA É VIAGEM e MORTE É VIAGEM. As noções de seguir, perder e deixar evidenciam situações que podem acontecer numa viagem. Quando o escrevente diz que seus amigos seguiram em frente, ele demonstra seu sentimento de ser deixado para trás, de abandono, de estar parado na jornada enquanto os outros seguiram e o deixaram; o escrevente também diz que seus avós estão velhos demais

para o perderem, mostrando a sua própria visão de algo importante para os avós que eles não poderiam perder na jornada deles; quando diz que não conseguiria deixar seus avós sozinhos, o escrevente expressa a noção da morte como uma viagem em que ele precisaria abandonar coisas importantes que não poderia levar para seguir em frente, nesse caso, seus avós.

A expressão “amo todos os lgbtqrstuvxz q **passaram** pela minha vida sempre felizes e mostrando q a vida vale a pena” é instanciada pela metáfora VIDA É JORNADA, em que as pessoas com quem se relacionou **passam** pelo escrevente enquanto ele segue sua vida.

A expressão “se eu digo q amo, eu **vou até o fim** dizendo q amo” é instanciada pela metáfora VIDA É JORNADA, focalizando o caminho, nesse caso, o seu fim. Essa expressão evidencia a concepção do autor da vida como algo limitado que tem começo e fim.

A expressão metafórica “eu nao tenho nada pra viver entre ficar na minha cama o dia todo e nao estar mais por aqui, eu prefiro ir embora” é instanciada pelas metáforas VIDA É LUGAR e MORTE É VIAGEM assim como a expressão “a vida moderna é uma merda, felizmente estou me retirando entao, flw..vou indo lá” que também é instanciada pela metáfora MORTE É VIAGEM. Nessas expressões, o escrevente concebe a vida como um espaço vazio, de tédio, julgado negativamente. Esse aspecto dialoga com as expressões metafóricas “mas era sempre a mesma coisa, desde meus 15 anos vivendo um looping” e “parecia q eu tava vivendo o mesmo dia a semana toda”; “looping”, termo em inglês derivado de *loop*, usualmente aparece em contexto de aeronáutica, em que aviões realizam acrobacias verticais no céu cuja trajetória lembra laçadas. Nesse contexto, a noção de viver em *looping* evidencia o aspecto da repetição, de viver em círculos. Esse aspecto evidencia a metáfora VIDA É JORNADA CÍCLICA, em que é focalizado o aspecto do **caminho**, sendo a vida entendida como um caminho circular e viver seria percorrer esse caminho de maneira repetitiva e constante. A jornada cíclica evidencia uma jornada sem propósito, sem origem nem meta, apenas o caminho por si só. Esse sentimento de vazio e de falta de objetivo coloca o escrevente como alguém que vive de maneira automática, sem propósito.

A expressão “a vida não é curta como dizem, parece q eu vivi uma eternidade” focaliza o aspecto do caminho na metáfora VIDA É JORNADA, colocando-o como curto, nesse caso, há a metonímia do CAMINHO POR TEMPO. Entendendo que o tempo corre em uma direção específica e pode ser mensurado como uma medida de comprimento.

O trecho “imagine ficar tão triste como eu to agora, mas nao poder morrer pq minha expectativa de vida é de 80 anos? e eu tenho q cumprir os fodendo 80 anos?” evidencia a metonímia TEMPO VIVIDO POR VIDA, em que o tempo decorrente dessa vida é colocado

em foco para tomar a metáfora VIDA É OBRIGAÇÃO, em que viver seria cumprir uma pena ou um castigo.

A expressão metafórica “me colocaram numa sala com pessoas q eu nunca conversei na vida” é instanciada pela metáfora VIDA É LUGAR, que percebemos a partir da preposição “em”, assim como em “e até o presente momento eu fui um palhaço na vida”, mas, nesse caso, a vida assume um sentido mais específico, acionado pela noção de palhaço; nessa lógica, a metáfora específica é VIDA É ESPETÁCULO. Para o autor, a vida é esse lugar de espetáculo, como um circo, em que as pessoas performam suas vidas de maneiras séria e madura, enquanto ele faz papel de bobo e não é levado a sério.

A metáfora VIDA É GUERRA é instanciada pelas expressões: a) “e olha q eu tava gordo, era facil me atingir kkkj”, em que o escrevente entende estar fora dos padrões sociais é uma munição para que seus inimigos o ataquem, desestabilizando sua autoestima; b) “é uma briga pessoal e eu sempre apanhei hoje infelizmente eu apanhei demais”, em que há a noção mais específica de VIDA É LUTA, em que o escrevente evidencia seu sentimento de derrota perante a vida e de cansaço, essa metáfora aciona o *frame* de ESFORÇO que aparece em “nem fodendo q eu ia **guentar** mais 10 anos nessa porra”, que coloca em questão a noção de aguentar. Nesse exemplo, acionada pelo *frame* de ESFORÇO, há a metáfora TEMPO É PESO, em que a metonímia VIDA POR TEMPO media essa relação.

Na expressão “a culpa foi minha, nao tankei a vida.. é muito dano krai”, o verbo “tankar” vem do inglês *to tank*, um tipo de personagem de jogo, geralmente on-line e jogado em grupo, que costuma ter características que o permitem receber muito dano, como muitos pontos de vida ou de defesa, mas são lentos e grandes. Tankar pode ser entendido como um sinônimo de “aguentar”, por exemplo, mas acionado por um *frame* específico: de jogos virtuais on-line. Nesse sentido, a metáfora que instancia a expressão é VIDA É JOGO, e, num nível menos esquemático, VIDA É MOBA. MOBA é uma sigla em inglês que significa “Multiplayer Online Battle Arena”, ou “arena de batalha *on-line* para vários jogadores”, em tradução livre. Desse modo, existe uma aproximação semântica entre as metáforas VIDA É GUERRA e VIDA É JOGO, em que uma coisa é entendida metonimicamente pela outra: JOGO POR GUERRA. Estruturado por essas metáforas, temos a metáfora VIDA É INIMIGO.

A expressão “eu ia superar essa tristeza e seguir em frente.. mas eu nao consegui, fui fraco” é instanciada pela metáfora VIDA É JORNADA e aciona o *frame* ESFORÇO, em que o autor reconhece que não foi forte o suficiente para seguir em frente na sua jornada. Esse *frame* reforça a ideia do suicídio como um ato de fraqueza. Esse *frame* também é acionado no

trecho ““nao consigo me **esforçar** em nada, nao consigo **superar** nada” que também retoma a ideia das dificuldades da vida como obstáculos na jornada e o autor se vê sem forças para ultrapassá-las. O trecho “eu nao conseguia **levantar** da cama, ter uma vida normal” também evidencia esse aspecto, em que a cama é tomada metonimicamente como esse lugar de derrota, e estar deitado representa essa estaticidade na jornada; o esquema de forças que instancia a noção de “levantar da cama” mostra como o *frame* de ESFORÇO é acionado para compreender esse sentimento de falta de perspectiva como algo inerente à sua condição emocional.

A expressão “era um npc, que só respondia o que perguntavam eu ja tava pensando em quitar desse joguinho merda ha mt tempo” evidencia a metáfora VIDA É JOGO e, num contexto mais específico, VIDA É JOGO ELETRÔNICO; NPC, a que se refere o escrevente, significa “non playable Character”, ou seja, personagem não jogável, em tradução livre. Essa perspectiva de si mesmo coloca o escrevente apenas como espectador da vida, evidenciando, mais uma vez, a noção da vida como algo automático, assim como a noção posta em “viver a vida em looping”, se colocar como NPC em vez de personagem principal que é o jogo da vida, mostra um escrevente que não tem controle das próprias ações e apenas responde às ações dos outros à sua volta. Nesse trecho, “quitar” é um aportuguesamento do verbo em língua inglesa *to quit*, que significa “sair”. Num contexto mais específico, *quit* é usado em jogos eletrônicos. Por sua vez, a metáfora VIDA É JOGO estrutura a metáfora JOGO É LUGAR. Nesse contexto, ainda há a estruturação da metáfora MORTE É SAÍDA.

A expressão “eu sempre vivi de devaneio” mostra uma relação de subsistência a partir de uma lógica de combustível para a manutenção do movimento da vida. Numa lógica mais ampla, essa expressão está instanciada pela metáfora VIDA É VIAGEM, em que é tomada a noção dos devaneios como algo que mantém o movimento necessário para a viagem.

A expressão “tem q fazer sua vida girar em torno dela, praticamente”, num nível mais esquemático, é instanciada pela metáfora VIDA É SISTEMA PLANETÁRIO, em que a vida giraria ao redor de corpos celestes num movimento de translação a partir da qualidade e do investimento nas relações que se estabelecem com as outras pessoas. Num nível menos esquemático, a metáfora é VIDA É PLANETA. Do mesmo modo, o conceptualizador entende as relações interpessoais como metonímias para a vida.

PESSOA 11

S.S.B.

Postagem no *Facebook*

Gênero: mulher cisgênero

Orientação sexual: bissexual

Nascimento: São Paulo/SP

Morte: 02 de fevereiro de 2019 (38 anos), Barcelona, Espanha

Marielle³⁵ me uno a ti. Somos semente. Que muitas flores nasçam dessa merda toda que o patriarcado criou há 5 mil anos! Eu fiz o que pude, até onde pude. Meu amor será eterno por todos vocês. Perdão por não aguentar, meus filhos. **VOCÊS TERÃO MILHARES DE MÃES NO MUNDO INTEIRO.** Minhas irmãs e irmãos na dor e no amor, cuidem deles por mim... ❤️ Eu sempre disse que era só uma pequena fagulha. Nada mais. Só pó de estrelas como todos. **USEM A SUA PRÓPRIA VOZ. A SUA PRÓPRIA VONTADE. TOMEM AS RÉDEAS DE SUAS PRÓPRIAS VIDAS E ABRAM A BOCA, NÃO TENHAM VERGONHA! ELES É QUEM PRECISAM TER VERGONHA.** Não aguento mais. Todas as provas, evidências, sistemas de apoio, redes organizadas e sobretudo, meu legado e passagem por aqui está entregue ou chegará às mãos corretas. As **REDES DE APOIO AOS BRASILEIR@S FORAM CRIAD@S E SE EXPANDIRÃO NA VELOCIDADE DA LUZ!** Não se desesperem. Dessa vida só levamos o mais bonito e o aprendido. Paulo Pavesi³⁶, eu sinceramente sinto muito pela morte do seu filho. Tenha certeza, que se eu soubesse da sua história na época, implicaria minha vida e segurança como fiz com centenas de pessoas. Damares³⁷, eu sei que você não teve tratamento psicológico quando deveria e teve sequelas, servindo de marionete neste sistema de merda que te cooptou, acolheu e com o qual você se sente em dívida o resto da sua vida. Não tenho dúvidas que você amou e cuidou da sua “Lulu” como gostaria de ter sido cuidada e protegida na sua infância, mas ela não é uma bonequinha bonita que você poderia roubar e sair correndo... [G.S.F], eu te considereei um irmão e você sabia de todas as minhas rotas de fuga... eu vi em você a pureza de um menino que nunca foi notado por uma sociedade neurotípica que não entendia os neuroatípicos, mas reputação é algo que se constrói e não é de um dia ao outro. Gabriela Manssur³⁸, muito obrigada por me fazer ter esperança de que elas serão ouvidas e atendidas em suas necessidades. João de Deus, Prem Baba, Gê Marques, Ananda Joy, Edir Macedo, Marcos Feliciano, DeRose Pai, DeRose filho³⁹, todos os padres,

³⁵ Marielle, citada nominalmente na nota, referencia o Caso Marielle Franco, em que a vereadora carioca foi executada a tiros junto com seu motorista, Anderson Gomes. O crime, mesmo após cinco anos, continua sem solução. Acredita-se que o crime tenha uma forte motivação política. Mais informações sobre o caso podem ser encontradas em: https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/noticia/caso-marielle.ghtml#ancora_1.

³⁶ Paulo Pavesi, citado nominalmente na nota, referencia o Caso Pavesi, pai do garoto de 10 anos Paulo Veroni Pavesi que, após cair de um *playground*, foi levado ao pronto-socorro da cidade e teve um laudo de morte encefálica forjado e seus órgãos retirados num esquema de tráfico de órgãos cuja investigação se estendeu por 20 anos. Por se configurar como um caso público, o nome foi mantido explicitamente. Mais informações sobre o caso podem ser encontradas no link: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2022/04/20/caso-pavesi-entenda-a-investigacao-sobre-a-morte-e-retirada-ilegal-de-orgaos-de-crianca-em-mg.ghtml>.

³⁷ Damares Alves, citada nominalmente na nota, foi ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2019-2022) durante os anos de governo do ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro (2019-2022). O caso citado na nota, por configurar-se como um caso público, foi mantido explicitamente, ele referencia a filha adotiva da ex-ministra Damares Alves, Kajutiti Lulu Kamayurá, da aldeia Kamayurá, cuja adoção nunca foi formalizada legalmente e as condições em que a menina foi retirada da aldeia ainda são motivo de debate. Mais informações sobre o caso podem ser encontradas no link: <https://oglobo.globo.com/epoca/a-historia-de-lulu-kamayura-india-criada-como-filha-pela-ministra-damares-alves-23416132>.

³⁸ Gabriela Manssur é uma jurista e política brasileira, bastante ativa na luta pelo direito das mulheres. Famosa por atuar no caso de João de Deus, líder espiritual condenado por assédio sexual. Por ser uma figura pública, seu nome foi mantido explicitamente na nota. Mais informações sobre sua biografia podem ser encontradas no link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriela_Manssur.

³⁹ Todos os nomes citados fazem referência a figuras religiosas públicas. Por esse motivo, seus nomes foram mantidos explicitamente.

pastores, bispos, budistas, espíritas, hindús, umbandistas, mórmons, batistas, metodistas, judeus, mulçumanos, sufis, taoístas, meus familiares, [M.G], [J.B], eu desconheço a sua infância e a sua criação pelo mundo, mas sei no meu íntimo que **TODO MENINO NASCEU PURO** e foi abusado, corrompido, machucado, moldado, castrado, calado, forçado a fazer coisas que não queria, até se converter talvez, cada um à sua maneira, em tiranos manipuladores (em maior ou menor grau) que ao não controlar os próprios impulsos, tentam controlar a quem consideram mais frágil e assim praticam estupros, pedofilia, adicções diversas... Eu sei, eu sinto, eu vi. Mas ainda assim, preferi **SEMPRE** ficar do lado mais frágil nesta breve existência: mulheres, crianças, idosos, jovens, povos originários, afrodescendentes, refugiados, ciganos, imigrantes, migrantes, pessoas com deficiência, gays, pobres, lascados, fudidos, rebeldes e incompreendidos... Essa vida é uma ilusão e um jogo de arquétipos do bem e do mal, de dualidades... desde que o mundo é mundo. Vivo num outro tempo desde que nasci e sempre senti que vivia num mundo praticamente medieval. Volto pro vazio e deixo minha essência em **PAZ**. Aos meus amigos, amadas e amantes, nos encontraremos um dia! Sintam meu amor incondicional através do tempo e do espaço. **SIM e FIM**.

A expressão metafórica “Todas as provas, evidências, sistemas de apoio, redes organizadas e sobretudo, meu legado e **passagem por aqui** está entregue ou chegará às mãos corretas.” são sistematizadas, num primeiro plano, pela metáfora **VIDA É JORNADA**, porém focando no percurso. A expressão metafórica “Vivo num outro tempo desde que nasci e sempre senti que vivia num mundo praticamente medieval.” é instanciada pela metáfora **VIDA É LUGAR** ancorada à metáfora **TEMPO É LUGAR**, em que a significação da vida está ligada ao estilo de vida/pensamento das pessoas daquele tempo em que a vida acontece.

Indo do nível mais para o menos esquemático, temos os seguintes níveis de esquematicidade para a conceptualização de **VIDA**:

Nível do esquema imagético: **VIDA É ORIGEM-PERCURSO-META**;

Nível do domínio: **VIDA É VIAGEM**; **VIDA É LUGAR**;

Nível do espaço mental: **VIDA É CAMINHO**

A expressão metafórica “**TOMEM AS RÉDEAS DE SUAS PRÓPRIAS VIDAS**” é instanciada pela metáfora **VIDA É ANIMAL**, em que é necessário que haja domínio/aplicação de força sobre a vida para que ela aconteça da maneira que a pessoa deseja. Num contexto mais específico, as rédeas são usadas para direcionar algum animal de montaria, como cavalos, por exemplo, em um percurso. No nível do espaço mental, que é mais específico, a metáfora é **VIDA É ANIMAL DE MONTARIA**. Desse modo, essa metáfora parece se ligar à metáfora **VIDA É VIAGEM**, levando em consideração o uso desses animais para viagens e as rédeas estarem ligadas a um sentido de direcionamento nessas viagens.

A expressão metafórica “Marielle me uno a ti.” é instanciada pela metáfora MORTE É VIAGEM, em que o encontro é entendido como parte da jornada, algo que acontece ao longo de seu percurso. Contudo, a menção à deputada Marielle Franco traz uma significação mais profunda para a expressão metafórica. O sentido de união presente nessa metáfora também tem por objetivo abranger as circunstâncias da morte. Marielle Franco, deputada carioca, foi assassinada a tiros após a saída de um encontro de mulheres negras no dia 14 de março de 2018. Ainda que, mesmo cinco anos após o acontecido, não haja solução definitiva do caso, a escrevente da nota entende a execução da deputada como politicamente motivada e entende as motivações reais que envolvem esse assassinato e se coloca como um alvo em potencial também. Seu filho, em reportagem, afirmou que “Ela não queria ser morta nem pelas quadrilhas nem pelo câncer.”. Nessas circunstâncias, a conceptualizadora entende essa união não apenas como uma união no pós morte, mas também como uma união de narrativas. Sua história de vida, sendo sua morte motivada por questões políticas, também se alinha à de Marielle Franco. A expressão metafórica “Dessa vida só levamos o mais bonito e o aprendido.”, a partir da noção de “levar”, também é instanciada pela metáfora MORTE É VIAGEM, que também sistematiza os conceitos de beleza e aprendizagem ontologicamente como objetos.

A expressão metafórica “**Volto** pro vazio e deixo minha essência em PAZ. Aos meus amigos, amadas e amantes, nos **encontraremos** um dia! Sintam meu amor incondicional através do tempo e do espaço.” é instanciada, num primeiro nível, pela metáfora VAZIO É LUGAR que, por sua vez, ancora a metáfora MORTE É LUGAR. O trecho “deixo minha essência em PAZ” aciona o *frame* de GUERRA, em que a conceptualizadora entende que continuar vivendo era arriscar a sua essência por conta do contexto em que vivia. A conceptualizadora entende que para manter a sua essência em vida seria necessário um grande esforço de sua parte contra seus inimigos. A expressão “nos encontraremos um dia” é instanciada pela metáfora MORTE É VIAGEM, em que o percurso é colocado em foco; há também a metáfora MORTE É LUGAR, em que a morte, no caso, o pós-vida, permitirá o encontro entre as pessoas queridas. Essa metáfora evidencia a perspectiva religiosa da conceptualizadora presente na nota.

A expressão metafórica “Essa vida é uma ilusão e um jogo de arquétipos do bem e do mal, de dualidades... desde que o mundo é mundo.” é instanciada pelas metáforas VIDA É ILUSÃO e VIDA É JOGO.

As expressões metafóricas “Perdão por não aguentar, meus filhos.” e “Não aguento mais” são instanciadas pela metáfora VIDA É PESO que expressa um sentimento de fadiga e

culpa por não conseguir suportar a carga que a vida impõe. A referência aos filhos adiciona uma camada à significação do conceito, indicando que a responsabilidade parental, por exemplo, pode contribuir para o peso percebido na vida da conceptualizadora.

A expressão metafórica “preferi SEMPRE ficar do lado mais frágil nesta breve existência” é instanciada pela metonímia conceptual VIDA POR EXISTÊNCIA. Há aqui uma metonímia do tipo PARTE PELA PARTE. A noção de brevidade, por sua vez, é instanciada pela metáfora EXISTÊNCIA É TEMPO, essa metáfora destaca a transitoriedade e a fragilidade da vida humana, ressaltando a ideia de que o tempo é limitado. A preposição “em” indica a metáfora EXISTÊNCIA É LUGAR em que viver é ficar em algum lado desse lugar. Essa metáfora mostra a visão política da vida por parte da conceptualizadora, em que viver é necessariamente se posicionar e os lados da vida são pensados a partir da visão filosófica/política da pessoa perante à sociedade. A noção de fragilidade está relacionada a uma noção de configuração social baseada na opressão de certos grupos.

PESSOA 12

V.M.S.S.

Postagem no *Facebook*

Gênero: homem cisgênero

Orientação sexual: heterossexual

Nascimento: Vila Rica/MT

Morte: 15 de abril de 2019 (18 anos), Porto Alegre do Norte/MT

Gente perdoe-me mais a dor que sinto não dá mais pra aguentar!! [R.S.] eu te amo muito desculpas, [G.S.S.]vc foi presente de Deus na minha vida sou grato a ele obrigada por tudo te amo, [D.V.] onde vc for leve o amor Deus vai te ajudar ♡.
Família vcs são fortes e importante um para o outro obrigada por tudo, vc [S.S.] eu te amo muito! Todos vcs da família amoo vcs ♡ assim como amo a mim msm e quero por um basta nessa dor que Deus tenha misericórdia da minha alma!!! Um aviso depressão mata o amor mata a saudade mata a solidão mata a tristeza mata o medo mata a ansiedade mata!!! [F.P.] eu escolhi vc pra fazer parte da minha vida pena que vc não escolheu a mim. [B.S.] vai lá mano louva brilha Jesus te ama. [M.R.] Deus e com vc abraço apertado desculpa!! Jovens vão viver ser feliz ama ao próximo ame sua família seus amigos!! Tenho amigos que não vou marca aqui mais vcs sabem que moram no meu coração ♡. [J.B.S.] leve o amor com esse foco determinação Jesus conta com vc e isso bjo a todos que Deus os abençoe sempre ! Sempre que ouvirem , tempo perdido legião urbana lembrem de mim ♡❤ quero a camisa do mengão no meu velório ♡

O aspecto religioso cristão aparece com bastante foco discursivo na nota. A expressão metafórica “Gente perdoe-me mais a dor que sinto não dá mais pra aguentar!!” é instanciada

pela metáfora DOR É PESO e aciona um *frame* de ESFORÇO ao colocar a dor como uma carga a ser suportada. Essa noção apresenta um esquema de forças para a conceptualização de vida, em que a vida é tomada metonimicamente como a própria dor. Desse modo, a metonímia DOR POR VIDA estrutura a metáfora DOR É PESO/VIDA É PESO que aparece com foco na nota; “quero por um basta nessa dor”.

A expressão “vc foi presente de Deus na minha vida” é instanciada pela metáfora VIDA É LUGAR, assim como em “eu escolhi vc pra fazer parte da minha vida”, em que as relações interpessoais mediam a forma como se configura esse espaço.

As expressões “Joel B Silva leve o amor com esse foco determinação” e “onde vc for leve o amor” são instanciadas pela metáfora VIDA É JORNADA focando no aspecto do caminho e os sentimentos como objetos que levamos nessa jornada.

O trecho “Família vcs são fortes” acionam um *frame* de FORÇA, evocando uma ideia de alicerçamento perante o desequilíbrio que o suicídio da escrevente causará.

O trecho “depressão mata o amor mata a saudade mata a solidão mata a tristeza mata o medo mata a ansiedade mata!!!” aciona um *frame* de LUTA/ASSASSINATO. Nesse contexto, a escrevente expressa uma consciência aguda de seu estado emocional, apresentando uma lista de sentimentos e estados mentais que, metaforicamente, são vistos como agentes destrutivos. Atribuindo a esses elementos a capacidade de "matar", a escrevente personifica essas emoções como entidades ativas e nocivas, sugerindo, assim, uma conceptualização da vida como uma batalha intensa e contínua (VIDA É GUERRA) contra essas emoções personificadas em inimigos.

PESSOA 13

F.M.

Bilhete

Profissão: ator

Gênero: homem cisgênero

Orientação sexual: heterossexual

Nascimento: 26 de agosto de 1934, São Paulo/SP

Morte: 4 de maio de 2020 (85 anos), Rio Bonito/RJ

Me desculpem, mas não deu mais. A velhice neste país é o caos, como tudo aqui. A humanidade não deu certo. Eu tive a impressão que foram 85 anos jogados fora num país como este. E com esse tipo de gente que acabei encontrando. Cuidem das crianças de hoje!

A expressão metafórica “[...]mas não deu mais” sugere uma elipse, podendo ser interpretada em inúmeros significados. O mais próximo da realidade discursiva da nota parece ser “não deu mais [para aguentar]”, ainda que a aproximação com outras esquematizações também seja plausível, como, por exemplo, uma ideia de rendimento: “não deu mais [frutos]”, “não deu mais [nada que preste]”.

Considerando que a ideia do autor foi realmente a de trazer a noção de “não deu mais [para aguentar]”, temos a ideia de peso presente nessa expressão. A metáfora conceptual presente seria VIDA É PESO, que é bastante recorrente em outras notas de suicídio.

A expressão “[...]85 anos jogados fora num país como este.” Instancia a metonímia TEMPO VIVIDO POR VIDA, em que a vida em si é tomada pelo tempo decorrente dessa vida. A noção de vida, então, aparece ontologicamente marcada pela metáfora VIDA É OBJETO, e mais especificamente VIDA É LIXO. Na nota, a vida é entendida como um objeto que é jogado fora, descartado, o que aciona um *frame* de DESPERDÍCIO. O local de descarte é o país em que o autor do texto viveu. O Brasil é tomado como um lugar caótico, em que as coisas não dão certo e onde não se pode encontrar tranquilidade.

Essa metáfora demarca com bastante clareza a presença do etarismo como motivador do suicídio. A noção do Brasil como um local de descarte da vida anuncia a visão que o país tem de sua população idosa. A perspectiva apresentada pelas metáforas indica como a forma que a população brasileira lida com seus idosos e como as noções de valor das pessoas geram sofrimento nelas. Esse aspecto é presente na nota quando o autor continua “E com esse tipo de gente que acabei encontrando.”, mostrando como o tratamento que recebeu das pessoas foi determinante para seu sofrimento.

A expressão metafórica “E com esse tipo de gente que acabei **encontrando**” indica a metáfora conceptual VIDA É JORNADA, sendo as relações interpessoais marcadas metaforicamente como encontros e, mais especificamente, como encontros desagradáveis, tendo em vista que o autor demarca isso em “esse tipo de gente”, trazendo um juízo de valor às pessoas que encontrou na vida.

Indo do nível mais para o menos esquemático, temos os seguintes níveis de esquematicidade para a conceptualização de VIDA:

Nível do esquema imagético: VIDA É OBJETO

Nível do domínio: VIDA É LIXO

Nível do *frame*: VIDA É OBJETO DESCARTADO/DESPERDIÇADO

Nível do espaço mental: VIDA É OBJETO DESCARTADO NO BRASIL

Nessa nota, como já observado anteriormente, há a presença marcante do etarismo como motivador do suicídio, sendo a desvalorização do idoso o seu principal tema. Os dados sociais do autor (homem, 85 anos) corroboram com Minayo (2022), que aponta como a população idosa, em especial os homens idosos, são mais suscetíveis ao suicídio. As questões de ordem social, como a desvalorização do idoso, o isolamento familiar e social, sentimento de vazio e inutilidade perante a vida (MINAYO, 2022), que são centrais no debate do suicídio da população idosa, são bastante presentes nessa nota de suicídio. O texto reflete uma visão bastante crítica e desencantada do que é ser idoso no Brasil, demonstrando a insatisfação e a desilusão do autor em relação à vida e à sociedade.

PESSOA 14

G.A.

Postagem no *Facebook*

Gênero: homem cisgênero

Nascimento: Campo Grande/MS

Morte: 29 de outubro de 2020 (18 anos), Campo Grande/MS

Não sei como começar essa carta, não sei se estou fazendo certo ou errado, mas quero dizer que nada foi culpa de alguém, simples foi escolha minha.

Hoje.. nesse exato momento estou colocando um fim em minha vida, eu sempre fui uma pessoa sorridente, uma pessoa que parecia não estar mal, mas por dentro tudo estava desabando !.

Eu nunca tive o apoio da minha família pra nada, meu pai morreu na minha frente e não pude fazer nada, não estou mais vivendo, sou tipo uma alma vagando nesse mundo... por todos que já passaram pela minha vida! Que me fizeram feliz por ao menos 1 segundo agradeço a vocês, espero que lembre de mim sempre nos momentos bons!

Independente do Lugar sempre vou ser aquela pessoa brincalhona que vcs conheceram.

Para vocês que estavam tentando me destruir! Parabéns !

Conseguiram.

Agora estou aqui olhando para o teto com mil e um pensamentos na minha cabeça, e o único ponto que chego é “sou um peso da vida das pessoas “ “Se nem minha mãe me quer pq alguém iria me querer”

Eu ia ser feliz? Eu poderia ser feliz ? Talvez sim, mas infelizmente eu respiro fundo e olho pro teto e a única coisa que me vem na cabeça é a corda e a cadeira, esse ano enfrentei muitas coisas, muitas batalhas aonde não se resultaram em nada, essa não é a primeira e nem a segunda vez que tento tirar minha própria vida, as pessoas deveriam ter mais cuidado comigo! Mas infelizmente ninguém é igual a ninguém !

Chego ao fim dessa carta, me perdoem pelos erros, pelos meus mil e um defeitos, esse é só um fim da minha vida aqui na terra, obg por tudo e por todos!

A expressão metafórica “por todos que já passaram pela minha vida!” é uma instanciamento da metáfora VIDA É JORNADA/VIDA É CAMINHO, as expressões metafóricas “estou colocando um fim em minha vida” e “esse é só um fim da minha vida aqui na terra” indicam a metáfora MORTE É FIM DA JORNADA. As conceptualizações de vida e de morte estabelecem forte relação entre si, indicando que a significação de morte está submetida à de vida. Essas expressões metafóricas indicam esse aspecto. A metáfora “esse é só um fim da minha vida aqui na terra” revela a crença religiosa do autor e como ela atribui significado à sua conceptualização de morte. A morte, ao mesmo tempo que é entendida como o fim da jornada, é entendida também como o início de outra jornada. A escolha de palavras “só **um** fim” mostra a crença na existência de outros fins existentes a partir da morte. A morte, nesse caso, não é um aspecto definitivo, mas uma parte de continuação da vida. Por esse motivo, as metáforas de morte vão se espelhar nas metáforas de vida.

Ao mesmo tempo, a ligação existente entre vida e espaço é bastante presente na nota. A expressão metafórica “Independente do Lugar sempre vou ser aquela pessoa brincalhona que vcs conheceram.”, indica a crença na existência da vida relacionada ao lugar onde essa vida acontece. Nessa expressão metafórica, há duas metáforas inter-relacionadas: VIDA É LUGAR e MORTE É LUGAR. Essa inter-relação aponta, mais uma vez, o espelhamento das metáforas de vida nas metáforas de morte. A expressão metafórica “não estou mais vivendo, sou tipo uma alma vagando nesse mundo...”, indica novamente a relação da vida ao lugar em que ela acontece. A noção de não pertencimento aparece na significação da vida relacionada a poder ser e agir no mundo, e a morte, metonimicamente representada pela alma, como parte desse ser que apenas assiste, mas não age e não pertence ao lugar em que está. Esse ponto

apresentado reforça a noção de pertencimento como algo intrinsecamente relacionado ao sofrimento psíquico e ao comportamento suicida.

A expressão “sou um peso da vida das pessoas”, em que há a metonímia VIDA POR PESSOA, é instanciada pela metáfora VIDA É PESO, em que a vida do autor, colocado na nota metonimicamente como ele próprio, é um peso para a vida das outras pessoas. Essas expressões dialogam com a metáfora de VIDA É JORNADA, em que as pessoas ao seu redor têm suas próprias jornadas, objetivos etc. e ele apenas acompanha essas outras trajetórias, como um peso, sem ter a sua própria. A expressão “sou tipo uma alma vagando nesse mundo” parece dialogar bem com esse aspecto, no sentido do autor não entender a própria vida como uma jornada. Esse aspecto pode parecer contraditório quando analisamos as expressões metafóricas que indicam a metáfora VIDA É JORNADA e MORTE É FIM DA JORNADA que também são presentes na nota, contudo, elas aparecem em um contexto específico, espelhando o conceito de vida no conceito de morte. Nesse contexto, o autor não parece atribuir à vida uma significação por si só, mas sim conectando-a ao conceito de morte, apresentando-a como sua verdadeira jornada. A morte seria o início de sua verdadeira jornada, enquanto a vida seria esse peso na jornada dos outros.

A expressão metafórica “foi escolha minha.” indica a metáfora MORTE É ESCOLHA.

As expressões metafóricas “esse ano enfrentei muitas coisas, muitas batalhas aonde não se resultaram em nada” e “Para vocês que estavam tentando me destruir! Parabéns ! Conseguiram.” São instanciadas pela metáfora VIDA É GUERRA. Na primeira expressão, as situações adversas da vida são entendidas como batalhas; na segunda, as pessoas são entendidas como inimigos, que tentaram destruí-lo. Essa metáfora, por sua vez, evoca o *frame* de CONSTRUÇÃO, em que a vida é tomada como algo estruturado que o ataque dos inimigos conseguiu desestruturar. A destruição da vida, por sua vez, é a morte em si, tomada dentro de um contexto de batalha. Esse *frame* também é acionado em outros trechos como “Eu nunca tive o apoio da minha família pra nada” e “ por dentro tudo estava desabando !” que esquematizam a noção de estrutura para tratar do aspecto emocional do conceptualizador. Não ter o apoio da família o fez perder as estruturas de sua vida e se destruir.

Indo do nível mais para o menos esquemático, encontramos os seguintes níveis de esquematicidade para a conceptualização de VIDA:

Nível do domínio: VIDA É GUERRA/ MORTE É DERROTA

Nível do *frame*: VIDA É CONSTRUÇÃO/ MORTE É DESTRUIÇÃO

A expressão metafórica VIDA É OBJETO “não é a primeira e nem a segunda vez que tento tirar minha própria vida” indica a metáfora ontológica VIDA É OBJETO, em que a vida é compreendida como um objeto dentro do corpo (o recipiente), ancorada ao esquema imagético CONTENEDOR/CONTEÚDO. Nesse contexto, as metáforas no nível do esquema presentes são CORPO É CONTENEDOR/VIDA É CONTEÚDO.

Nessa nota, estiveram presentes várias metáforas para elucidar a significação da vida e da morte pelo conceptualizador. Ainda que todas elas não estabeleçam entre si um aspecto sistemático, elas aparecem pontualmente ao longo da nota como uma forma de atender às necessidades argumentativas de seu autor de tranquilizar os amigos mais próximos e buscar conforto na sua decisão.

PESSOA 15

I. S.

Bilhete

Gênero: homem cisgênero

Orientação sexual: heterossexual

Morte: 09 de agosto de 2021 (45 anos), Pouso Redondo/ SC

amor pesso perdão as
vezes que fiz você sofrer
mais eu te amo de
verdade de um
abraço bem forte nas
minhas meninas por
mim — e diz pra
elas que eu a amos
muitos não aguento
mais a dor

amo vocês

Beijos

Nessa nota, há um sentimento de pesar bastante forte nas palavras do escrevente. A menção à família aparece como foco temático principal. O tom de despedida na nota é bastante proeminente e, ainda que não haja linguisticamente uma exposição da construção semântica de vida ou de morte, a conceptualização aparenta ser de MORTE É VIAGEM. A despedida ao final do texto “Beijos”, geralmente usada como forma de despedida, aponta essa noção.

A expressão metafórica “não aguento mais a dor” é instanciada pela metáfora DOR É PESO e aciona um *frame* de ESFORÇO ao colocar o peso como uma carga a ser suportada. Essa noção apresenta um esquema de forças para a conceptualização de vida, em que a vida é tomada metonimicamente como a própria dor. Desse modo, a metonímia VIDA POR DOR estrutura a metáfora DOR É PESO que aparece com foco na nota.

PESSOA 16

K.E.

Postagem (*story*) no *Instagram*

Gênero: mulher cisgênero

Orientação sexual: homossexual

Nascimento: Governador Valadares/MG

Morte: 12 de outubro de 2023 (36 anos), São Paulo/SP

Perdi a guerra! CORPO
DE BOMBEIRO RUA
[...! Suicídio! Me
perdoem por
Causar toda essa dor aos
que me amam! Se cuidem
por aqui. Que sua
história seja docente
dancinha, mas eu tentei!

👉 "

Legenda: “espero que msm sendo abominável suicido na perdão pedao ! Eu eu parei de lutei por pátria! Pelo manos lembrem disso com carinho ! 👉 BR

De maneira direta, a expressão metafórica “Perdi a guerra!” é instanciada pela metáfora VIDA É GUERRA, do mesmo modo que é instanciada pela metáfora MORTE É DERROTA. Essa conceptualização mostra uma visão da vida como uma guerra e a morte como uma derrota, destacando uma perspectiva em que as experiências são entendidas como confrontos, em que a vitória ou derrota moldam a narrativa da existência. Colocando em perspectiva as ideias antônimas de continuar vivo como uma vitória e a morte como derrota, a escrevente assume uma visão do suicídio como um ato de fraqueza e derrota pessoal.

Do mesmo modo, “Eu [não] parei de lut[ar] p[ela] pátria!” aciona o *frame* de GUERRA, a conceptualizadora se coloca como alguém que morreu lutando pela pátria brasileira. Nesse contexto, ela se coloca como um soldado do exército brasileiro. Essa visão é construída a partir de um viés político, especificamente de direita, em que os ideais políticos se voltam para uma visão de nação militarizada. Essa concepção de sua própria morte

evidencia a metáfora VIDA É GUERRA que, por sua vez, está ancorada na metáfora POLÍTICA É GUERRA. Levando em consideração a profissão da conceptualizadora: política/deputada, a vida seria estruturada metonimicamente como a própria vida política, sem distinção. Essa ideia é instanciada pela metonímia VIDA POR POLÍTICA.

A expressão “Se cuidem por **aqui**” instancia a metáfora VIDA É LUGAR e, por sua vez, MORTE É VIAGEM/VIAGEM PARA OUTRO LUGAR, focalizando no aspecto da origem e do destino.

Importante salientar que a escrevente, no momento de seu suicídio, passava por uma terapia de conversão de sexualidade, popularmente conhecida como “cura gay”, e que estava disposta a abandonar a “prática homossexual”. Ainda que não seja tematizada em sua nota, esses aspectos parecem se destacar na composição temática da sua morte. A escrevente, enquanto mulher lésbica de direita, aciona seus ideais e vertentes políticas ao tratar de sua morte; esse aspecto, ainda que indiretamente, parecem compor o panorama geral ideológico que a escrevente aciona.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa Dissertação analisou conceptualizações dos conceitos de VIDA e de MORTE dentro de um *corpus* constituído de 16 notas de suicídio. A análise evidenciou alguns aspectos linguísticos próprios dos seus escreventes e traçou uma relação entre o comportamento suicida e a constituição semântica desses dois conceitos. Os resultados obtidos puderam apontar um possível aspecto de variação semântica dentro do *corpus* analisado, o que pode vir a contribuir para um possível mapeamento do carácter verbal do comportamento suicida; mais pesquisas sobre o assunto se fazem necessárias para acrescentar ao debate. A análise das conceptualizações presente nessa dissertação compõe um material de estudo interdisciplinar que pode acrescentar ao debate do tema.

As notas, num geral, apresentaram, de maneira contundente, uma perspectiva de vida e de morte baseada num ideal religioso e capitalista/liberal, em que a culpa do suicídio é entendida por um viés individual, não patologizante, derivada da falta de fé ou na extrema fé no perdão do pecado. São poucas as notas que tratam discursivamente da depressão ou que apresentaram uma consciência nesse sentido.

Ainda que as notas tenham conteúdos, temas, objetivos, configurações textuais diferentes umas das outras, algumas características aparentam ser mais prototípicas na sua constituição linguística.

A tradição discursiva de se considerar esse gênero como carta, ainda que sejam outros gêneros textuais, aparece como uma forte característica. Trechos como “Não sei como começar essa carta”, “É com muito pesar que escrevo essa carta” e “A CARTA...”, presentes em algumas postagens no *Facebook*, por exemplo, apontam esse aspecto. Nesses exemplos, retirados de postagens veiculadas em redes sociais, há a própria consciência do escrevente em tomar esse gênero como carta. Essa própria projeção social de conceber esses textos como cartas pode indicar um reflexo da metáfora VIDA É VIAGEM/MORTE É VIAGEM se pararmos para pensar que escrevemos cartas quando estamos distantes de nossos destinatários.

Outro ponto é a temática religiosa. Como se apresentou ao longo da Dissertação, a conceptualização de vida e de morte tende a seguir uma tradição religiosa. A crença (ou não crença) na religiosidade tem forte impacto na forma como a vida e a morte são tomadas e, conseqüentemente, em como o suicídio entra nessa lógica. Ainda que de maneira indireta, a própria formação cultural do Brasil aponta uma conceptualização de vida que está ancorada

no processo histórico da imposição religiosa católica, derivada da invasão portuguesa, no território brasileiro.

Esse elemento religioso supracitado evidencia outro ponto relevante nas notas: o espelhamento das conceptualizações de vida nas conceptualizações de morte. Como já apontado, a base corpórea é central na constituição do significado linguístico, dentro da LC. Contudo, constituir diretamente uma significação para a morte não é possível. Por isso, acessamos esse conceito indiretamente, a partir de suposições e crenças. A religião cristã, que aparece com bastante peso nos textos, acredita no pós-vida. Dentro dessa lógica, a morte é apenas um reflexo das coisas que já acontecem em vida, já que não existe em si mesma e é apenas um intervalo entre as vidas. A crença na existência do pós-vida aparece como um fator determinante para a concretização do suicídio, sendo, em alguns casos, um dos seus principais argumentos. Nesses casos, a pessoa só se mata por acreditar que aquele não será seu fim definitivo, será apenas o fim definitivo de sua dor.

A respeito das conceptualizações, ainda que cada nota tenha uma configuração e organização diferente, algumas metáforas foram mais evidentes.

Observou-se que a extensão dos textos não foi determinante para a materialização linguística das conceptualizações. O aspecto discursivo foi muito mais significativo para esse fator, no sentido de que os objetivos para a escrita das notas foram diversos: clamar por perdão divino, tranquilizar familiares e amigos, destruir emocionalmente pessoas odiadas, culpabilizar familiares preconceituosos, buscar conforto, denunciar abusadores etc.

A metáfora VIDA É GUERRA foi uma das mais notórias nas notas, acionando um *frame* de ESFORÇO, essa metáfora aparenta estar veiculada a um viés neoliberal da vida, em que as noções de vitória e derrota são atreladas ao sucesso financeiro.

A metáfora VIDA É VIAGEM/JORNADA também foi recorrente nas notas, seguindo uma lógica religiosa. Essa metáfora aparece com bastante força nas notas cujo tema da religiosidade, sobretudo cristã, é presente. Essa metáfora se reflete também na metáfora MORTE É VIAGEM, em que a morte é entendida como mais uma das etapas da vida. Nessa lógica, morrer é apenas uma continuação da vida, mais uma etapa a ser seguida para que outras etapas venham.

A metáfora da VIDA É VIAGEM/JORNADA instancia outra metáfora bastante recorrente nas notas: VIDA É LUGAR, que focaliza os elementos de origem e de meta da jornada, e, por sua vez, estrutura a metáfora MORTE É SAÍDA/MORTE É CAMINHO, evidenciando como o suicídio é encarado como uma possibilidade de escape da jornada desgastante e dolorosa da vida, um caminho alternativo que permite a saída desse lugar.

A metonímia DOR POR VIDA foi central e muito significativa na construção discursiva das notas de suicídio, estruturando as conceptualizações de vida e de morte a partir de um sentimento de que a vida se resume apenas à dor que o escrevente sente no momento da escrita de sua nota. Essa metonímia evidencia um dos aspectos mais importante dentro dos estudos da Suicidologia: quem quer se matar não quer necessariamente acabar com a vida, quer acabar com a dor. Assim, a conceptualização metonímica DOR POR VIDA é central na estruturação discursiva das notas de suicídio.

O *frame* de ESFORÇO foi acionado a partir de diferentes conceptualizações de vida, mostrando como a noção de “não aguentar”, “não suportar”, “não ter forças para levantar da cama” etc. são comuns no discurso dos sujeitos suicidas.

Pesquisas como a de Andrade *et.al* (2003) evidenciam a falta de energia para atividades simples como um sintoma da depressão. Nas palavras dos autores:

Quimicamente, a depressão é causada por um defeito nos neurotransmissores responsáveis pela produção de hormônios como a serotonina e endorfina, que dão a sensação de conforto, prazer e bem estar. Quando existe algum problema nesses neurotransmissores, a pessoa começa a apresentar sintomas como desânimo, tristeza, autoflagelamento, perda do interesse sexual, falta de energia para atividades simples (Andrade *et al.*, 2003)

Ainda que não possamos analisar os textos dos escreventes sob um viés diagnóstico, é importante levar em consideração questões inerentes às doenças mentais como elementos de análise, tendo em vista a intrínseca relação que estabelecem com a questão do suicídio. De todo modo, o ponto é que entender tarefas cotidianas da vida metaforicamente como pesos, por exemplo, aponta um aspecto corpóreo específico, derivado de questões neurobiológicas, em que o corpo não encontra forças e ânimo para realizá-las. A constante sensação de vazio devido à falta de neurotransmissores, como a serotonina, que traz a sensação de recompensa e felicidade em situações cotidianas da vida, acaba causando a sensação de que a vida é constituída apenas por tarefas burocráticas que não trazem nenhuma recompensa, tornando, assim, mais plausível o acionamento do *frame* de ESFORÇO nas tarefas que constituem tarefas básicas da vida e isso para diferentes conceptualizações esquemáticas de vida: na metáfora VIDA É GUERRA/LUTA, lutar demanda um grande esforço, em VIDA É JORNADA, continuar seguindo é um grande esforço e ultrapassar os obstáculos da jornada ainda mais etc.

As notas que são postagens em redes sociais, como o *Facebook* ou o *Instagram* se utilizam de algumas ferramentas próprias das mídias digitais para sua configuração. Há a

marcação direta das pessoas que os sujeitos mencionam, que direciona para o perfil delas, existe uma grande quantidade de comentários na postagem, legenda, reações etc. Essa dinâmica textual configura uma perspectiva do suicídio como um espetáculo. Poderia-se dizer que o escrevente entende sua própria morte como evento. Ainda que isso não seja explícito linguisticamente, parece haver a concepção metafórica da morte como evento. Contudo, não se pode afirmar que essa seja uma característica geral do comportamento suicida, esse aspecto aponta muito mais para a característica do *corpus* dessa pesquisa, que se valeu em grande parte desses textos por conta da sua maior acessibilidade, do que uma característica geral, ainda que os sujeitos suicidas reconheçam, em maior ou menor grau, sua própria morte como um evento desencadeador de outros eventos.

Num contexto geral, as relações interpessoais são centrais na composição temática das notas. O pedido de perdão para as pessoas próximas aparece com bastante proeminência muitas vezes ancorado por uma perspectiva cristã. A qualidade dessas relações também vai ter influência direta na composição do ato, tanto positivamente quanto negativamente. Tanto familiares, amigos e cônjuges quanto estupradores, abusadores e traidores são mencionados nas notas com igual intensidade.

O filósofo Jean-Paul Sartre, em sua célebre frase “O inferno são os outros.”, diz como as relações que temos ao longo de nossa vida são centrais para o sofrimento psíquico. Dessa forma, essas relações são basilares para a constituição semântica de vida. Esse aspecto é evidenciado pela característica geral dos textos em mencionar, ainda que de maneira indireta e ampla a qualidade dessas relações. A composição semântica da vida toma como base o conjunto dessas relações.

À medida que exploramos o papel das metáforas e metonímias conceptuais nas notas de suicídio, tornou-se evidente que esses textos oferecem uma janela para a compreensão das questões complexas que permeiam o suicídio. Contudo, ainda se fazem necessários outros estudos para ampliação do debate. Para isso, alguns caminhos podem ser tomados, como: a) a ampliação do *corpus*, incluindo notas de suicídio de diferentes períodos históricos, contextos socioeconômicos e culturais, origem geográficas, gêneros textuais etc. com o intuito de diversificar a amostra e ampliar a visão da análise b) análises comparativas sob diversos recortes para entender melhor as similaridades e diferenças entre os grupos escolhidos.

Os resultados da pesquisa podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais eficazes, servindo como um acréscimo à educação de profissionais de saúde mental, educadores e outros profissionais que lidam mais diretamente com questões

relacionadas ao suicídio, assim como aos profissionais que atuam em linhas de apoio telefônico, como o Centro de Valorização da Vida (CVV), programas de conscientização etc.

REFERÊNCIAS

- A REDE. Jovem deixa carta de despedida no Facebook e comete suicídio. **A Rede**, 2015. Disponível em: <https://d.arede.info/campos-gerais/24232/jovem-deixa-carta-de-despedida-no-facebook-e-comete-suicidio>. Acesso em: 11 abr. 2022.
- ALMEIDA, A. A. D. Histórias sobre as redes de significação do item léxico “foda” à luz do Sociocognitivismo. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. (org.). **Linguagens e Cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 13-45.
- ALMEIDA, A. A. D. ESTAVAM ELES EM BUSCA DA SALVAÇÃO: CONCEPTUALIZAÇÕES DA MORTE NO LIVRO DAS AVES. In: ALMEIDA, A. A. D.; LOPES, M. dos S. (org.). **Livro do livro das aves: estudos semânticos e morfológicos**. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 55-106.
- ALMEIDA, S. L. Republicanismo e questão racial. In: SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. (org.). **Dicionário da república: 51 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANDRADE, Rosângela Vieira *et al.* Atuação dos neurotransmissores na depressão. **Sistema Nervoso**, v. 2, p. 3, 2003.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis envelhecem?** São Paulo: Annablume, 2013.
- ARAÚJO, Thiago Bloss de. Suicídio, política e sociedade: elementos para uma Suicidologia crítica. In: LIMA, Luana; NAVASCONI, Paulo Vitor Palma (org.). **(Re)pensando o Suicídio: subjetividades, interseccionalidades e saberes plurisistêmicos**. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 67-95.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Ana Maria Valente. 3º edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2008. Originalmente publicado no séc. IV a.C
- AZEVEDO JUNIOR, J. B. de. O dito do “eu” que se foi: um exame semiótico do último adeus nas mensagens dos suicidas. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 21, n. 2, p. 45-58, maio/ago. 2021. doi: 10.5935/cadernosletras.v21n2p45-58.
- BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. Sexualidade e os dispositivos de gênero. In: LIMA, Luana; NAVASCONI, Paulo Vitor Palma (org.). **(Re)pensando o Suicídio: subjetividades, interseccionalidades e saberes plurisistêmicos**. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 173-202.
- BARBOSA, A. Tradições discursivas e tratamento de corpora históricos: desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro. In LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 589-606. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books .
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 277-326
- BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. BOLETIM Nº 03/2020 ASSASSINATOS CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM 2020. Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Disponível em:

<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/06/boletim-3-2020-assassinatos-antra.pdf> Acesso em 17 mai. 2023.

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (org.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021, 136p.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

BLOCH, Marc. **Apologia da história** ou O Ofício do Historiador. Jorge Zahar, 2002.

BOTEGA, Neury José. **Crise suicida**. Artmed Editora, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Suicídio: saber agir e prevenir: boletim epidemiológico**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021, v. 52. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_3_3_final.pdf. Acesso em: 28 abr. 2023.

CATELÃO, Evandro de Melo. Suicídio por causas não declaradas, abordando cartas e bilhetes suicidas por uma leitura textual/discursiva e retórica. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 37, n. 2, p. 171-180, 2015. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/22921>. Acesso em: 3 out. 2021.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico. 2005. 2360p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270516>. Acesso em: 4 out. 2021.

CARONE, Carlos; PINHEIRO, Mirelle. Jovem deixa carta antes de se matar: “Estuprada por meu tio e avô”. **Metrópolis**, 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/na-mira/jovem-deixa-carta-antes-de-se-matar-estuprada-por-meu-tio-e-avo>. Acesso em: 17 jun. 2022

CARVALHO, Marcelo José Pereira. Escritos sobre culpa, esperança e saudade: a publicação, em jornal, das cartas de suicidas na Belém da virada dos séculos XIX e XX. In: XXVII Simpósio Nacional de História. **Anais**. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371350179_ARQUIVO_SNH_ANPUH2013_Marcelo_Jose_Pereira_Carvalho_Revisado_15junho.pdf. Acesso em: 3 jan. 2023.

COSTA, Viviane. “Mensagens de adeus”: uma análise (atípica) sobre gêneros textuais. In: FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA, 14, 2019, Lisboa. **Anais...** p. 6-7. Disponível em: http://jiclunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/43/2019/07/XIVFPL_Livro-Resumos.pdf#page=10. Acesso em: 4 out. 2021.

CORRÊA, F. H. M., RODRIGUES, B. B., MENDONÇA, J. C., CRUZ, L. R. D. Pensamento suicida entre a população transgênero: um estudo epidemiológico. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 69, p. 13-22, 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. Morre Sabrina Bittencourt, mulher que liderou denúncias contra João de Deus. Correio Braziliense, 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/02/03/interna->

brasil.735116/morre-sabrina-bittencourt-mulher-que-liderou-denuncias-contra-joao-de.shtml.

Acesso em: 4 abr. 2022.

CORREIO DO POVO. Família divulga carta de despedida deixada por Leila Lopes. **Correio do Povo**, 2003. Disponível em:

<https://www.correiodopovo.com.br/artegenda/fam%C3%ADlia-divulga-carta-de-despedida-deixada-por-leila-lobes-1.9038>. Acesso em: 8 abr. 2022.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics**. Edinburgh University Press, 2006.

FENSTERSEIFER, Liza; TORRES, Thaynara Bárbara Martins. O ÚLTIMO POST: Cartas de suicídio publicadas no Facebook. **PISTA: Periódico Interdisciplinar [Sociedade Tecnologia Ambiente]** Belo Horizonte, v.2, n.2, p. 147-167, ago./nov. 2020.

FERNANDES, Davi. Veja carta de despedida do ator Flávio Migliaccio. **GP1**, 2020.

Disponível em: <https://www.gp1.com.br/brasil/noticia/2020/5/4/veja-carta-de-despedida-do-ator-flavio-migliaccio-477230.html>. Acesso em: 8 abr. 2022.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

FILLMORE, Charles J. Frame Semantics. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). **Cognitive Linguistics: Basic readings**. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2006. Artigo publicado originalmente em 1982 em Linguistic Society of Korea (ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Company, pp. 111–137. Traduzido com a permissão do autor a partir do texto em inglês.

GIRO MT NOTÍCIAS. JOVEM FAZ POST ANTES DE COMETER SUICÍDIO. **Giro MT Notícias**, 2019. Disponível em: <http://www.giromt.com.br/2019/04/18/jovem-faz-post-antes-de-cometer-suicidio/>. Acesso em: 08 jun. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

JAÉN, Jorge F. **Principios fundamentales de semántica histórica**. Cuadernos de Lengua Española. p. 1-96, 2014.

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., (org.) **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 579-588. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books

KÖVECSES, Zoltán. **Extended conceptual metaphor theory**. Cambridge; New York, NY: Cambridge University Press, 2020.

KÖVES, N. Hungarian and American dreamworks of life. Term paper – Department of American Studies, Eötvös Loránd University, Budapest, 2002.

LAKOFF, G. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. (org.). **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da Vida Cotidiana**. [coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto]. Campinas, SP. Mercado de Letras; São Paulo; EDUC, 2002. - (coleção As Faces da Linguística Aplicada).

LEITÃO, A. B.; PEREIRA, I. M.; MELO, L. B.; UNTERNBAUMEN, E. H.. A metáfora da vida na visão do brasileiro: uma análise cognitivo-cultural. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. (org.). **Linguagens e Cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 143 - 153

LIMA, Luana. Suicídio como um ethos do neoliberalismo? In: LIMA, Luana; NAVASCONI, Paulo Vitor Palma (org.). **(Re)pensando o Suicídio**: subjetividades, interseccionalidades e saberes plurisistêmicos. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 95-126.

LUÍS CARDOSO. Um ano depois do suicídio da jovem Thalia, que acusou o pai de abusá-la no Maranhão, nenhuma providência. **Luís Cardoso**: Bastidores da Notícia, 2018. Disponível em: <https://luiscardoso.com.br/suicidio/2018/04/um-ano-depois-do-suicidio-da-jovem-thalia-que-acusou-o-pai-de-abusa-la-no-maranhao-nenhum-providencia/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MACHADO, Daiane Borges; SANTOS, Darci Neves dos. Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 64, p. 45-54, 2015.

MACIULEVICIUS, Paula. Um adeus no Facebook e o coração de Eduardo parou, para o desespero dos amigos. **Campo Grande News**, 2016. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/um-adeus-no-facebook-e-o-coracao-de-eduardo-parou-para-o-desespero-dos-amigos>. Acesso em: 9 abr. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV**: língua, linguística e literatura, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7434>. Acesso em 9 abr. 2022.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da linguística histórica no Brasil. **DELTA**. São Paulo, n. 4, 1988, p. 85-114.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Boitempo Editorial, 2015.

METRÓPOLIS. Influencer Karol Eller comete suicídio um mês após anunciar conversão. **Metrópolis**, 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/influencer-karol-eller-comete-suicidio-um-mes-apos-anunciar-conversao>. Acesso em: 14 out. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Por que antecipar o fim? Comportamento suicida e suicídio consumado na velhice. In: LIMA, Luana; NAVASCONI, Paulo Vitor Palma (org.). **(Re)pensando o Suicídio**: subjetividades, interseccionalidades e saberes plurisistêmicos. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 219 – 240.

MULHMANN, Karina; FERREIRA, Rafaela Senem. **Marcas Linguísticas em cartas de sujeitos suicidas**: significações e subjetividade. 2015. Orientadora: SANTOS, Márcia Andrea dos. 2015. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português/Inglês, Departamento Acadêmico de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco. 2015. Disponível em: <http://riut.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/14725>. Acesso em: 4 out. 2021.

NOVAIS, Urandi Rosa et al. A epidemia de HIV/AIDS no Brasil: um estudo semântico cognitivo sócio-histórico-cultural da conceptualização da morte no século XX. 2023.

OPAS/OMS. Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde. **Após 18 meses de pandemia de COVID-19, OPAS pede prioridade para prevenção ao suicídio** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-9-2021-apos-18-meses-pandemia-covid-19-opas-pede-prioridade-para-prevencao-ao-suicidio>. Acesso em: 11 out. 2021.

PATSCHIKI, Lucas. Últimas palavras... A carta de suicídio como fonte histórica. In: Seminário Internacional História do Tempo Presente, 2, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis, 2014.

PEREIRA, Vítor Miranda Batista; FENSTERSEIFER, Liza. “EU QUERIA QUE ALGUÉM PERCEBESSE, MAS NINGUÉM PERCEBEU”: O QUE REVELAM AS CARTAS DEIXADAS POR SUICIDAS. **Pretextos** - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas. v. 4, n. 7, jan./jun. 2019. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/download/20768/15040>. Acesso em: 3 out. 2021.

PLATH, Sylvia. **Lady Lazarus**. Poetry Foundation. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poems/49000/lady-lazarus>. Acesso em: 03 jan. 2023.

PORTAL EDUCADORA. HOMEM COMETE SUICÍDIO E DEIXA CARTA SE DESPEDINDO DA FAMÍLIA EM POUSO REDONDO. Portal Educadora, 2021. Disponível em: <https://www.portaleducadora.com/noticia/homem-comete-suicidio-e-deixa-carta-se-despedindo-da-familia-em-pouso-redondo/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Jovem gay publica desabafo sobre a família antes de cometer suicídio. **Pragmatismo Político**, 2018. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/03/suicidio-yago-oliveira-jovem-gay.html>. Acesso em 8 abr. 2022.

RONDON, Matheus. Jovem deixa carta de suicídio e se despede no Facebook: após postagem diversas pessoas se sensibilizaram. **JD1 Notícias**, 2020. Disponível em: <https://www.jd1noticias.com/cidade/jovem-deixa-carta-de-suicidio-e-despede-no-facebook/81469/>. Acesso em: 9 abr. 2022.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX. 217p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31537>. Acesso em: 4 out. 2021.

SELES NAFES. Suicídio: “Foi demais pra mim”, diz carta suicida deixada por empresário. **Seles Nafes**, 2015. Disponível em: <https://selesnafes.com/2015/08/suicidio-foi-demais-pra-mim-diz-carta-suicida-deixada-por-empresario/>. Acesso em: 9 abr. 2022.

SILVA, Irani Sacerdote de Souza. Livro das aves: um olhar sobre o processo de conceptualização metafórica da vida. In: ALMEIDA, A. A. D.; LOPES, M. dos S. (org.). **Livro do livro das aves: estudos semânticos e morfológicos**. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 107-122.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. O que está se passando na sua cabeça: rastros lexicais e evidências neurais em conceptualizações da ansiedade e da depressão. In: SANTOS,

Elisângela Santana dos Santos; ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SIMÕES NETO, Natival Almeida. (org.). **Dez leituras sobre o léxico**. 1ed.Salvador: EDUNEB, 2019, v. 1, p. 113-143

SIMÕES NETO, Natival Almeida. “Quem é a mulher da relação?”: uma abordagem cognitivista sobre o gay passivo. **Revista Alpha**, n. 16, dez. 2015, 108-12. Centro Universitário de Patos de Minas. Disponível em: <http://alpha.unipam.edu.br>. Acesso em: 16 abr. 2023.

SIMÕES NETO, Natival Almeida. **Um enfoque construcional sobre as formações X-EIR-** : da origem latina ao português arcaico. 2016. 2 v.: I. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2016.

SIMÕES NETO, Natival Almeida. Morfologia, morfologias: um diálogo entre morfologia histórica e morfologia construcional a partir das construções X-eir- no português arcaico. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. (org.). **Linguagens e Cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 261 - 283.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; SPADER DE SOUZA, Diego. A Americanas foi de Mesbla, a Netflix vai de Blockbuster e eu quase fui de Olavo de Carvalho: a construção de fim/morte/falência com o padrão<[IR DE N]> no português brasileiro contemporâneo. **Revista Soletras**, n. 45, 2023.

SOARES DA SILVA, Augusto. **A semântica de deixar**: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical. Fundação Calouste Gulbenkian and Portugal, 1999.

SOARES DA SILVA, Augusto. O cognitivo e o social nos estudos linguísticos: inimigos íntimos? Textos Selecionados. **XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa, APL, 2009, pp. 511-525

SOUSA, A. L. F. Metáfora: uma visão neurocognitiva. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. (org.). **Linguagens e Cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 129 - 141.

SORIANO, Cristina. La metáfora conceptual. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Cord.). **Linguística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 97-122.

TALMY, Leonard. **Toward a cognitive semantics**. MIT press, 2000.

TAVARES, Jeane Saskya Campos. Suicídio na população negra brasileira: nota sobre mortes invisibilizadas. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 4, n. 01, 2017.

TERRA. SP: homem mata ex minutos após citar intenção no Facebook. **Terra**, 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/sp-homem-mata-ex-minutos-apos-citar-intencao-no-facebook,884dae480d28b410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

VALENZUELA, Javier; IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; HILFERTY, Jseph. La Semántica Cognitiva In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Dirs.). **Linguística Cognitiva**. Brcelona: Anthropos Editorial, 2012, p. 41-68.